



Vanilda Salignac S. Mazzoni

A Violeta Grapiúna

vida e obra de Elvira Foeppel

*A Violeta Grapiúna:
vida e obra de Elvira Foeppe*



Vanilda Salignac S. Mazzone

A Violeta Grapiúna

vida e obra de Elvira Foeppe



Editora da UESC

Ilhéus, 2003

© 2003 by VANILDA SALIGNAC S. MAZZONI

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (073) 680-5028 - Fax (073) 689-1126
<http://www.uesc.br> e-mail: editus@uesc.br

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

RENATA PROSERPIA FONTES LIMA - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

RENÉE ALBAGLI NOGUEIRA - REITORA

MARGARIDA CORDEIRO FAHEL - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

PROJETO GRAFICO E CAPA

ADRIANO LEMOS

CONSELHO EDITORIAL:

DÁRIO AHNERT

DORIVAL DE FREITAS

ERONELDA MARIA GÓIS DE CARVALHO

FRANCOLINO NETO

JANE KÁTIA BADARÓ VOESIN

LURDES BERTOL ROCHA

MARIA DA CONCEIÇÃO FILGUEIRAS DE ARAÚJO

MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES

MOEMA BADARÓ CARTIBANI MIDDLEJ

PATRÍCIA DA COSTA PINA

PAULO DOS SANTOS TERRA

REINALDO DA SILVA GRAMACHO

ROSANA LOPES

RUY LORDÃO NETO

EQUIPE EDITUS

DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO; **REVISÃO:** MARIA LUIZA NORA;
SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO: MARIA SCHAUN; **COORD. DE DIAGRAMAÇÃO:** ADRIANO LEMOS;
DESIGN GRÁFICO: ALENCAR JÚNIOR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M478 Mazzoni, Vanilda Salignac S.
 A violeta grapiúna : vida e obra de Elvira Foeppl
 / Vanilda Salignac S. Mazzoni. – Ilhéus, Ba : Editus,
 2003.
 155p. : il. ; anexos.

 Bibliografia: p. 111-113.

 ISBN 85-7455-058-2

 1. Foeppl, Elvira Schaun, 1923 - 199-. 2. Biogra-
 fia. I. Título.

CDD 920.1

A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tomados e expostos à vista de todo mundo. Em seu trabalho, de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem. O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores das biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes às de um banco. O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha. Não há nada que não se disponha a fazer, e quanto mais o livro refletir sua operosidade, mais o leitor acreditará estar vivenciando uma elevada experiência literária e não simplesmente ouvindo mexericos de bastidores, lendo a correspondência alheia.

Janet Malcolm

Dedicatórias e agradecimentos:

À memória do meu pai, José Glicério, que soube tão bem me ensinar o valor da leitura.

À profa. dra. Ivia Alves, pela responsabilidade e seriedade em conduzir este estudo, que, mesmo no período mais difícil de sua vida, foi incapaz de negar um sorriso, um carinho e, mais do que isso, pela extrema competência em nos levar com “braços de ferro”, lutando contra todos os percalços, para nos defender. Meu intenso reconhecimento.

A Jorge Augusto Silva e Eduardo Alves por serem tão amigos, companheiros, e compreenderem as minhas ausências em sala de aula.

A Lícia Duhá Lose, por todas as horas de amizade cedidas a qualquer momento e pelas inúmeras revisões. Meu profundo agradecimento por sua dedicação e por estar ao meu lado até o último momento deste trabalho.

A Maria Schaun, pela dedicação com as informações sobre a escritora Elvira Foepfel, mesmo à distância. Também por toda a torcida e cumplicidade para que o livro fosse publicado. Um grande beijo. Ganhei uma amiga!

Aos entrevistados, por terem disponibilizado tempo e terem me recebido com paciência e boa vontade: Armando Schaun, Marina Torres, Hélio Pólvora, Dorival de Freitas, Cyro de Mattos, Raymundo Sá Barreto, Jorge Medauar e José Carlos Vinhaes.

Aos familiares de Elvira Foepfel, por terem cedido documentos pessoais, entrevistas e os livros: Marta Foepfel, Maria de Lourdes Foepfel e Maria José Foepfel (*in memoriam*).

A minha família, composta, hoje, apenas por mulheres, e em especial à Wilma (*in memoriam*) pela companhia nas viagens. Este trabalho também é um pedaço da nossa história.

A Isadora Mazzoni, para que saiba honrar as conquistas das mulheres.

A Wagner Paglioto Mazzoni, por entender todas as minhas ausências nos momentos em que ele desejava uma companheira e eu só podia ser uma pesquisadora.

SUMÁRIO

Mais um percurso intelectual recuperado.....	11
A Violeta Grapiúna	15
Crioula	17
O caminho percorrido	19

TECENDO A VIDA: a biografia de Elvira Foepel

Da vida em Ilhéus	23
Da vida no Rio de Janeiro.....	45

TECENDO A ARTE: a produção literária de Elvira Foepel

Os Dispersos

Elvira no <i>Diário da Tarde</i>	63
Elvira no Rio de Janeiro	68
A colaboração na revista <i>O Cruzeiro</i>	70
Colaborando com a revista <i>Carioca</i>	73
Sua contribuição para a revista <i>Leitura</i>	76
Participação na revista <i>Importante</i>	78
Participação em antologias.....	79

Os Livros

Os fragmentos elípticos de <i>Chão e poesia</i>	85
Os contos de <i>Círculo do medo</i>	89
A narrativa longa: <i>Muro frio</i>	104

Objetivando o caminho percorrido: a saída do limbo.....

109

Referências bibliográficas.....	111
Cronologia	115
Anexo: Poemas do jornal <i>Diário da Tarde</i>	117

Mais um percurso intelectual recuperado

Lembro-me ainda do dia em que Vanilda Mazonni entrou em minha sala de pesquisa para trabalhar no projeto de resgate de autoras baianas e eu lhe entreguei uma folha de papel ofício com o nome de Elvira Foepfel, data e local de nascimento e duas ou três indicações, incluindo o título de uma ou duas obras. Ela, não estando acostumada a esse tipo de pesquisa, ficou deveras estarecada, mas instalou-se, de imediato, mesmo com receio de nada conseguir. Para amenizar o medo que começara a se desenhar em seu rosto, orientei-a a começar a procurar parentes da escritora e, mesmo, palmilhar os próprios passos de Elvira.

Dois anos depois desse encontro, deparei-me com os resultados que passam agora para uma divulgação maior – o livro sobre a vida e o percurso intelectual de Elvira Foepfel, *A Violeta Grapiúna*. Este livro é a vitória da persistência e do trabalho acurado de uma jovem pesquisadora no resgate de fontes primárias, cujo resultado evidencia a instigante procura de dados em torno de uma escritora que, por muito tempo, foi silenciada.

Através de instrumentos necessários e competentes para recuperar a vida e a produção da escritora, ela fez muitas entrevistas com familiares, amigas e amigos, bem como com intelectuais que atuaram junto à escritora, tanto no Rio de Janeiro quanto em Ilhéus. E o percurso intelectual de Elvira Foepfel foi emergindo, desenhando-se, saindo do esquecimento. Perseguindo com avidez os lugares por onde a escritora passou e deixou sua marca, seja como pessoa, seja como intelectual ou simples funcionária, Vanilda conseguiu resgatar um dos perfis mais interessantes de mulher que se expôs e lutou bravamente para alcançar um lugar na cena literária. Não conseguindo um espaço na pequena e rica cidade de Ilhéus, transferiu-se, como muitos outros intelectuais, para o centro do poder e da cultura, como era visto o Rio de Janeiro, cidade cosmopolita e de costumes adiantados.

Seus textos, sua linguagem fragmentária e cifrada, seus

caminhos, foram engolfados por uma particularidade, mas bem específica – ser mulher em um ambiente eminentemente de homens que não viam na mulher outra função na sociedade além do casamento e, como críticos, detinham um código e um discurso que não podiam ser transgredidos. Ficava, assim, Elvira Foepfel, no meio do caminho. Forasteira no Rio, como muitas e muitos outros, não penetrava inteiramente nas redes dos agentes que detinham o poder da cultura. Saída de sua terra, era mais uma jovem ingrata que deixava o torrão natal, em busca de aventura. Essas duas condições aliaram-se às práticas sociais da época e da cidade grande, na qual eram muitos os candidatos à literatura, mas poucos conseguiam sobreviver.

Não havia, ainda, em sua época, décadas de 1940 e 1950, embora período de transformações, uma preocupação por parte dos historiadores e críticos de fazer um painel dos escritores emergentes. Passada a resenha ou a notícia sobre o lançamento de um livro, silenciava-se sobre o autor, até que nova produção se fizesse notar. E o descaso, por outro lado, com a produção escrita por mulheres, principalmente por aquelas que eram independentes ou não faziam parte das redes literárias, fazia submergir as vozes dissidentes ou as vozes que não eram possíveis de se fazer entender pelo conjunto geral da crítica, talvez porque estivessem adiantadas demais para seu tempo.

A urgência da voz feminina que buscava uma linguagem em que pudesse se expressar e se fazer entender, um mundo marcadamente masculino, realmente não poderia acatar textos marcados por sua fragmentação, sensações, emoções, impedimentos. E Elvira Foepfel foi uma lutadora com as palavras e com a angústia existencial, resistindo e questionando o lugar que a mulher ocupava na sociedade. Sociedade que via a mulher como destinada a ficar emparedada no ambiente doméstico, casada, cuidando dos filhos e do marido.

A recuperação de sua trajetória intelectual e de sua vida pessoal vai demarcar as dificuldades encontradas e as pequenas alegrias realizadas por mulheres de sua classe social que ousaram, naquele cenário, ser escritoras. Esses caminhos e

descaminhos podem ser desvelados através das narrativas dos entrevistados, pelo contexto em que viveu, pelas surpresas encontradas nos grupos por que circulou, inclusive, até, pela escolha de aspectos e temas de sua própria produção.

O resgate da produção de Elvira Foepfel, esse saltar para fora do limbo literário, resultou da tenacidade de Vanilda Mazzoni, que se dedicou, por dois longos anos, a puxar as várias linhas do novelo de sua vida e de sua atuação como escritora. Esse trabalho repercutiu enquanto estava se fazendo, inclusive, obrigando outros intelectuais a fazer voltar a circular os contos de Elvira em jornais e em antologias.

Por fim, não podemos deixar de agradecer a todos os envolvidos na pesquisa, bem como ao CNPq, pelo financiamento do projeto e enquanto financiador de bolsa de pesquisa, condições necessárias e imprescindíveis para o alcance dos resultados agora concretizados em livro que nasce com aprovação do Conselho Editorial da UESC.

Vanilda, como pesquisadora e intérprete da voz silenciada de Elvira Foepfel, fez, de sua parte, uma leitura agradável dos caminhos e descaminhos da escritora.

Outubro/2002
Ívia Alves

A Violeta Grapiúna

Este ensaio biográfico sobre a escritora baiana Elvira Foepfel é fruto de uma dissertação de mestrado. O título foi eleito por um “acaso do acaso”, como aquelas situações em que somos surpreendidos por *bright thoughts* momentâneos. Estávamos em busca de um nome para o estudo sobre Foepfel, quando nos deparamos com várias possibilidades de poder aproximá-la de características referentes ao local onde ela deu seus primeiros passos, a cidade que, embora não seja o seu local de nascimento, escolheu para amar, aprendeu a referenciar e a reverenciar: Ilhéus.

Grapiúna é o adjetivo dado às pessoas nascidas no sul da Bahia, mais especificamente na região de implantação da cultura cacaueteira e, segundo o escritor itabunense Cyro de Mattos, mesmo que, atualmente, apresente alterações na paisagem, tanto cultural quanto regional, o referencial permanece. Decidido o adjetivo, seria imprescindível o termo que o precede – como nomear o sujeito que seria qualificado. Pesquisando um outro termo no *Dicionário de símbolos* de Jean Chevalier, deparamo-nos com o significado da palavra *Violeta* – “cor da esperança, feita de uma proporção igual de vermelho e de azul, de lucidez e de ação refletida, de equilíbrio entre a terra e o céu, os sentidos e o espírito, a paixão e a inteligência, o amor e a sabedoria”.

A personalidade de Elvira Foepfel espelha, basicamente, essas duas características que estão englobadas no título escolhido para o texto sobre sua vida e sua obra – a persistência dos ilheenses e a sensibilidade da cor violeta. Assim, queremos brindar Elvira Foepfel e todas as mulheres que se sentiram livres para fazer literatura, escrevendo a história das mulheres e a sua própria história.

Vanilda Mazzoni

Crioula

(para Elvira Foeppe)

Jogando para a terra distante, toda tua mágoa
Toda tua dor de não seres livre ...
Mas, és tu, Crioula, de saia arrastando,
De bata rendada e torso de seda ...
Que enches o samba dos compositores.
Foste tu, que encheste também, vocativamente,
O livro dos escritores, e foste a musa de Patrocínio,
De Cruz e Sousa,
E, inspiraste na tua tristeza e na tua dor,
O gênio imortal de Castro Alves.
Crioula! Passas gingando mercando e cantando
Com teu tabuleiro na cabeça,
Porque foram os teus filhos
Quem fez esta terra em que vivemos!
Foram os teus avós, teus pais e teus irmãos,
Quem construiu este Brasil grandioso;
Este Brasil livre que não cria escravos!
Crioula!

SOARES, LOPES, Jr.

O caminho percorrido

O levantamento biográfico e da produção literária de Elvira Foeppele fez parte do projeto integrado “Resgate de textos de autoras baianas do século XX: percurso intelectual, estudo da produção”, sob a responsabilidade da professora doutora Ivya Alves, financiado pelo CNPq/Nordeste, cujo objetivo foi resgatar a vida e a obra de autoras baianas entre 1910 e 1960, além de realizar uma análise extensiva das produções literárias de autoria feminina publicadas na Bahia, nesse período.

O texto que agora se apresenta é composto de dois momentos: o primeiro, constitui-se do levantamento biográfico da escritora Elvira Foeppele, – procedimento necessário, já que nada completo existe em dicionários (primeiro espaço de registro de um escritor). Subdividimos tomando a mudança geográfica como divisor de sua vida: a infância e adolescência em Ilhéus (sul da Bahia) e a fase adulta, até sua morte, no Rio de Janeiro, então, capital do país, conjugando-se, nesse capítulo, vida e formação intelectual.

O segundo momento cataloga a sua produção literária resgatada, tanto seus livros publicados, quanto sua produção dispersa em periódicos. Utilizamos, também, diversos depoimentos de amigos, familiares e escritores. Seguindo esses dois momentos citados, encontra-se uma pequena cronologia da autora, além do anexo que inclui os poemas publicados no jornal *Diário da Tarde*.

Parte do acervo da escritora Elvira Foeppele foi doado por seus familiares, incluindo-se aí fotografias, manuscritos, certidão de óbito e os seus três livros publicados. Junta-se a isso, uma extensa pesquisa em periódicos de Salvador, de Ilhéus e do Rio de Janeiro, especificamente na Biblioteca Nacional. Documentos escolares foram cedidos pelo Instituto Nossa Senhora da Piedade, de Ilhéus.

Tecendo a vida: a biografia de Elvira Foepfel

*Peço aos amigos e aos
inimigos que não guar-
dem silêncio. Falem de
mim, ainda que dos meus
defeitos. Sou uma mulher
vaidosa. Unicamente, uma
mulher vaidosa.*

Elvira Foepfel

DA VIDA EM ILHÉUS

Elvira Schaun Foepfel ou Tuca (como era chamada entre os irmãos, apelido que, por sinal, detestava e que fora dado por sua babá, Isabel) nasceu em 15 de agosto de 1923, em Canavieiras, sul da Bahia, mas foi criada no Pontal, que era arrabalde de Ilhéus.¹ Filha mais velha de um casal de ascendência alemã de terceira geração, Frederico Affonso Foepfel (1900-1975) e Eulina da Silva Schaun Foepfel (1899-1979).

Frederico Foepfel formou-se em odontologia, mas nunca exerceu a profissão, preferiu trabalhar nos Correios e Telégrafos, inicialmente como telegrafista, chegando a ocupar, mais tarde, cargos importantes de chefia. Contrariando o modelo ideal das famílias da cultura alemã, que proporcionavam às suas filhas uma cultura mais esmerada. Eulina Schaun era dona de casa.

As primeiras informações sobre a família Foepfel, no Brasil, datam de 1881 e não se referem à origem, e sim, a membros

¹ Existe uma polêmica, em Ilhéus, sobre o local de nascimento da escritora Elvira Foepfel. Os amigos e moradores da cidade acreditam que ela tenha nascido lá, porém, o local de nascimento, Canavieiras, foi confirmado pela irmã da escritora, Maria de Lourdes. Inclusive, várias antologias indicam-na como ilheense.

estabelecidos na cidade de Salvador (Bahia). Sabe-se, através de relatos familiares, que o agente do comércio, Carlos Maria Foeppel, cujo escritório situava-se na Travessa do Garapa, 21, residia na Estrada do Garcia; o advogado Guilherme Conceição Föppel² diplomou-se, em 26 de dezembro de 1896, em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, e Henrique Föppel era guarda-livros do Banco Mercantil da Bahia, em 1881, e também residia na Estrada do Garcia.

Diferente do que ocorreu com a família Foeppel, as primeiras notícias da família Schaun relacionam-se com sua origem no Brasil. O primeiro membro da família a chegar ao país foi Adam Schaun, vindo de Berlim, Alemanha, onde era oficial do Exército. Na primeira metade do século XIX, ele chegou com sua esposa, Anna Catharina, e três filhas, para se estabelecer no Brasil. Após tantos conflitos políticos e ideológicos na Europa, principalmente entre os anos de 1824 e 1852, os alemães migram para as terras tropicais (no Nordeste estabeleceram-se, principalmente, em Ilhéus, cidade portuária que, desde 1808, recebia famílias estrangeiras, após a chegada de D. João VI e da comitiva real às terras brasileiras), para fugir das perseguições napoleônicas, salvando suas vidas e a de suas famílias, das guerras na Europa.

Ao chegar ao Brasil, três mudanças ocorreram com Adam Schaun: a primeira é que adicionou a seu nome o pré-nome João, passando a chamar-se João Adam Schaun; a segunda, é que se declarou católico, em 1859, conforme a exigência da religião predominante no país; e a terceira mudança foi com relação à profissão, pois, além de militar, João Schaun conhecia o ofício de padeiro, profissão que escolheu para exercer em Ilhéus.

Para preservar suas origens, João Schaun permaneceu falando a língua alemã com as filhas e não permitia que as conversas girassem em torno dos problemas de seu país, nem do motivo real de sua emigração, proibição mantida nas gera-

² Existem duas grafias conhecidas para o nome da família: Foeppel e Föppel.

ções seguintes. Após a morte da esposa, casou-se, pela segunda vez, com outra alemã, Maria Juliana Dahl, e com ela teve mais três filhos. Faleceu na Rua do Porto, em Ilhéus, em 1865, deixando uma padaria e uma casa. Seus herdeiros diretos foram Maria Margarida Schaun, Maria Felipinha Schaun, Maria Lisberta Schaun, Francisca Schaun, Luíza Maria Schaun e Adam Schaun Júnior.

Adam Schaun Júnior foi um dos mais famosos e bem sucedidos padeiros de Ilhéus, na segunda metade do século XIX. Casou-se com Maria Adelaide e teve duas filhas, Cecília Maria Schaun e Leonida Schaun. Em 1858, após enviuvar, casou-se com Marie Helene Eleonoria Lavigne, e com ela teve mais oito filhos: Catharina, Adão Schaun (considerado um dos principais fazendeiros de cacau, entre 1890 e 1930), Luiz Napoleão, Aphrodísio, Helena, Adelaide, José e Maria. Os filhos se consideravam alemães, pois, para o povo alemão, nem sempre a nacionalidade está ligada à territorialidade e sim aos laços familiares e de sangue - o *jus sanguinis*.³

Luiz Napoleão Schaun tinha patente de major e era suplente de juiz de direito em Ilhéus. Em 1890, casou-se com Elvira Bárba-



Frederico Afonso Foeppel e Eulina Schaun Foeppel em Ilhéus. (Foto cedida por Frederico Schaun Foppel e Mathildes Figueiredo Foeppel), [s. d.]



Frederico Affonso Foeppel e Eulina Schaun Foeppel no Rio de Janeiro (Foto cedida por Marta Foeppel), [s.d.]

³ SCHAUN, Maria. *O elo perdido*. Ilhéus: Editus, 1999.

ra da Silva, descendente de portugueses, e tiveram dez filhos: João, Luiz Napoleão Filho, Helena, Almerinda, Eulina, Maria Izabel, Nelson, Noé, Edison e Heloysa.

Eulina casou-se com Frederico Affonso Foeppel, por volta dos anos 20, e teve cinco filhos. No intuito de homenagear sua mãe, Eulina Foeppel dá à primeira filha o nome de Elvira. Os outros filhos do casal, nascidos em intervalos menores, quando a família já se encontrava em Ilhéus, chamaram-se Frederico Luiz, Maria José, Maria de Lourdes e Raimundo.

Como filha de descendentes de alemães, cuja influência européia prioriza a formação cultural das crianças, Elvira Schaun Foeppel recebeu instrução formal integral, iniciando seus estudos no curso fundamental, em 1936, no Colégio do Convento Nossa Senhora da Piedade, da Ordem Ursulina, em Ilhéus.

O Convento da Piedade foi erguido em uma colina situada na Quinta cedida pelo coronel José das Neves Cezar Brasil e sua esposa, Adelaide Schaun Brasil, tia de Eulina. O casal não teve filhos e, com a morte do marido, Adelaide doou toda a sua fortuna, causando grande polêmica entre os familiares, pois os bens foram divididos entre a Diocese de Ilhéus, a Santa Casa de Misericórdia, Júlia Schaun Lavigne (sua afilhada e sobrinha) e Pedro Pinto da Silva (encarregado de cuidar de seu túmulo). Adelaide justificou sua atitude, esclarecendo que a família não havia aceitado seu casamento com um negro, portanto, não encontrava motivos para deixar a herança para seus parentes.⁴

O colégio, hoje, Instituto Nossa Senhora da Piedade, foi inaugurado para funcionamento em fevereiro de 1916, com 16 alunas, formando-se a primeira turma em 20 de novembro de 1923. Reduto da classe média ilheense, somente as meninas tinham acesso a essa escola, e eram, em sua maioria, filhas de coronéis, de famílias de classe média, ou órfãs. As filhas das famílias abastadas eram enviadas para internatos nos estados do sul, como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Em seu livro, *Educação das virgens*,⁵ Elizete Silva Passos

⁴ Ibidem.

reafirma a ideologia e a filosofia do ensino das madres ursulinas e da necessidade, por reivindicação do bispo de Ilhéus, D. Manuel Antônio de Paiva, de ser fundada na cidade uma escola que se responsabilizasse pela formação feminina. O ensino do Colégio das freiras, tradicionalmente de origem européia, tornou-se motivo de grande orgulho para a cidade.

Na época em que Elvira iniciou os seus estudos, o colégio das madres ursulinas estava sob a direção da madre Maria Thaís do Sagrado Coração Paillart, uma francesa nascida em Cledeny Finistèreque, passando depois à direção de outra francesa, madre Maria Tereza do Menino Jesus D’Croocq, antiga secretária de madre Thaís. Foi neste colégio que Elvira estudou o ginásio e o magistério, formando-se em 1942.

É sabido que as madres ursulinas se esmeravam muito no cuidado com a educação das meninas, e sobre esse comportamento, a pesquisadora Elizete Passos comenta:

(...) o estabelecimento empenhava-se em dar àquelas jovens a formação esmerada que filhas de “novos ricos” precisavam. Assim, além dos cursos de Línguas Estrangeiras, tão significativos para pais que queriam ver as suas filhas falarem uma ‘língua enrolada’, quando muitos deles mal sabiam falar o português, empenhava-se também o estabelecimento nos cursos de pintura e de música.⁶

Durante os anos em que estudou no Colégio N.S. da Pieda-



Instituto N. S. da Piedade, Ilhéus. Em destaque a escritora (1939). (Foto cedida por Marina Torres).

⁵ PASSOS, Elizete Silva. *Educação das virgens* – um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1995. p. 77-81.

⁶ Op. cit., p. 79.

de, Foepfel não se destacou como uma aluna brilhante, sendo apenas uma aluna de aproveitamento mediano. Suas notas eram as mesmas que as da maioria das adolescentes pouco preocupadas com os resultados quantitativos e mais interessadas nas modas do grupo do qual participavam. Os boletins escolares são a prova de que Elvira Foepfel era uma adolescente como tantas outras: no 1º ano do curso normal, em 1938, sua maior nota foi em Ginástica – 9,25 –, seguida de Prendas Domésticas – 9,12 – (uma grande ironia, pois esse foi um dos únicos afazeres que a menina não gostava de executar e, adulta, não se tornou o que poderíamos nomear de “dona de casa”). Sua menor nota foi em História do Brasil – 6,02. No exame para a seleção do curso pedagógico, em 1940, as maiores notas foram em História do Brasil e Educação Cívica – 9,0 –, a menor foi em Desenho Geométrico – 5,33 – finalizando o ano com uma média mínima – 6,0 –. Durante o ano de 1940, melhora sua avaliação geral, obtendo nota 9,0 em três disciplinas – Psicologia Educacional, Pedagogia e Metodologia; nota 8,0 em duas disciplinas, Sociologia Educacional e Higiene Geral e Escolar; nota 7,0 em cinco disciplinas – Literatura, Administração Escolar, Estatística, Educação Física e Desenho Aplicado e, em apenas uma, Canto Orfeônico, obteve a nota 6,0, terminando o ano com média 7,0. Por motivos pessoais, em 1941, a aluna não compareceu aos exames finais. Repetindo o ano em 1942, mudou de turma, uma vez que suas colegas se formaram no ano anterior.⁷

Todavia, Elvira Foepfel participou, desde cedo, das atividades culturais da escola. Adolescente, ainda cursando o ginásio, em 1938, aos 15 anos de idade, encenou pela primeira vez uma peça teatral, apresentada à cidade no *Cine Teatro Ilhéos*. Mais tarde, a mesma peça foi apresentada em Itabuna, sempre com renda destinada à Fundação Santa Isabel, instituição mantenedora da Maternidade Santa Isabel, em Ilhéus. A peça, intitulada *Divorciados*, era uma comédia em três atos, de Oduvaldo Vianna,

⁷ Estas informações foram extraídas de documentos escolares cedidos pelo Instituto Nossa Senhora Piedade.

de cujo elenco faziam parte, ainda, Fernando Kruschewsky, Itamar Silva, Maria Thereza Vinhães e Ninah Berbert. Essa encenação pública era o resultado das atividades do CEI (Centro Estudantil de Ilhéus), criado por um grupo de estudantes secundários e universitários, cujo presidente era o diretor de teatro José Carlos Vinhães, hoje, médico e escritor, radicado no Rio de Janeiro. Esse primeiro contato da futura escritora com o teatro evidencia seu interesse, anos depois, pela arte literária, pois, como atriz até poderia ter alcançado outra posição, de maior prestígio, talvez; entretanto, essa breve experiência deve ter-lhe sido muito útil no ato de criação.

A peça *Divorciados* teve Elvira Foepfel no papel principal, o da divorciada. A lembrança que Vinhães⁸ tem da escritora é a mesma de outros conterrâneos: ela era muito *inteligente*. Esses contatos com o teatro e com o diretor aconteciam apenas nos finais de ano, no período das férias, e o vínculo entre eles provinha da amizade da futura escritora com a irmã do diretor, Maria Thereza Vinhães.

Aos quinze anos de idade, Elvira Foepfel ousava protagonizar uma peça de teatro que trazia um tema polêmico, para a época, não só do ponto de vista social, mas também político. A encenação tinha uma proposta de vanguarda sem precedentes para a cidade e a precoce atriz ousou encarnar o papel da divorciada. Observe-se que Ilhéus estava sob a repressão política do Estado Novo, e sua sociedade, formada por coronéis, era conservadora, além de estar, em 1938, sob o governo do intendente Raymundo do Amaral Pacheco e dos grupos religiosos que controlavam os costumes. Segundo testemunhos de seus conterrâneos, esse fato fez Elvira Foepfel ser considerada como uma das precursoras do feminismo em Ilhéus.

Nesse momento e nesse contexto, não só Ilhéus era repressora, mas o Brasil estava debruçado em um dos períodos

⁸ VINHÃES, José Carlos: depoimento em 12/02/2001. Entrevistadora: Vanilda Mazzoni. Registro não gravado. A apresentação da peça consta em seu livro *São Jorge dos Ilhéus: da Capitania ao fim do século XX*. Ilhéus: Editus, 2000.

mais conturbados de sua história: em 1938, os integralistas, liderados por Plínio Salgado, tentaram um golpe contra Getúlio Vargas, por se sentirem prejudicados nos seus objetivos nacionalistas, em função das restrições que o presidente da província impôs às atividades da Ação Integralista Brasileira. Desde 1937, uma nova Constituição estava em vigência com o regime do Estado Novo e a ditadura civil. Foi um período de asilos políticos, de repressão aos partidos de oposição e aos seus simpatizantes.

No ano seguinte, 1939, Elvira Foepfel retorna ao teatro. Dessa vez, como uma colombina na peça *As Máscaras*, de Menotti del Picchia.⁹ A peça é dividida em três atos – “O Beijo de Arlequim”, “O Sonho de Pierrot” e “O Amor de Colombina” – cujo enredo foi extraído da famosa história, na qual uma moça fantasiada de bailarina encanta dois rapazes, formando um triângulo amoroso. Simbolicamente, Arlequim representa o desejo, Pierrot, o amor, e Colombina, a mulher, é objeto de posse dos dois mascarados.

A história da peça *As Máscaras* é simples: uma moça se encanta por dois rapazes que trazem características díspares, mas que são complementares: por um, ela tem desejo pelo beijo e, por outro, o encantamento, por ser um sonhador romântico. A personagem representada por Elvira Foepfel traz no seu cerne o mesmo sentimento que estará presente na produção da autora – o desequilíbrio amoroso por não existir a possibilidade de unir duas escolhas que se encontram em dois seres distintos; portanto, a constante ansiedade da contradição e a conseqüente decepção por não poder reunir os dois sentimentos, o amor e o desejo, na mesma pessoa, drama que aparece, por exemplo, em dois de seus textos: no conto “Afinal, lá estava ela” e no livro *Chão e poesia*, através de um mesmo personagem, Plínio, que se repetirá nas duas produções:

Teve vontade de contar para Plínio – suas palavras, suas poses, suas atitudes afetadas, mentirosas, sua larga e dolorosa

⁹ PICCHIA, Menotti del. *As máscaras*. 15ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1935.

*distância, sua inveja e sua frieza. Todavia Plínio tinha um corpo vivo pensando unicamente como corpo vivo, raso e plano como o traçado de uma reta no desenho ... Como impor-lhe neste instante de carne uma compreensão maior? Inútil mostrar sua figura impalpável. Ela teria beijos, somente beijos.*¹⁰

*Como se alteram momentos. Como se desfazem emoções. As palavras descosidas, sem ternura, ásperas, duras, intranquílias, mataram o encantamento dos beijos. Plínio inesperado, arrogante, ligado à desolação do instante já não tem impulsos identificáveis e sua agitação incoerente arruinou o brilho de felicidade que antes me fizera esquecer das chuvas, dos maus versos, do lixo e dos vermes.*¹¹

Neste resgate biográfico, abre-se uma lacuna muito grande entre a adolescência de Elvira e sua fase adulta. Esse momento pôde ser reconstituído, em parte, através de entrevistas e testemunhos dos poucos amigos que foram encontrados, e não através de documentos. Suas duas irmãs, Maria José e Maria de Lourdes, eram muito pequenas nessa fase, pois ambas são quase 12 anos mais jovens do que a escritora e pouco puderam ajudar na reconstituição biográfica de Foeppele enquanto adolescente. Por esse motivo, boa parte da história de sua juventude perdeu-se e seu resgate biográfico dá um salto, até chegar aos seus 30 anos. Sabemos, porém, que ela chamava a atenção na cidade por suas



Elvira Foeppele, década de 1940
(Foto cedida por Frederico e Mathildes Foeppele). [s.l.].

¹⁰ FOEPEL, Elvira. Afinal, lá estava ela. In: _____. *Círculo do medo*. Rio de Janeiro: Leitura, 1960. p. 45.

¹¹ FOEPEL, Elvira. *Chão e poesia*. Rio de Janeiro: Simões, 1956. p. 92.

atitudes, chegando até a afrontar a pequena sociedade local, namorando um trabalhador rural da fazenda de cacau para a qual fora designada como professora primária.

Alguns amigos seus recordam-se que, por volta dos anos 40, ela pilotava avião e já tinha uma vida sexual muito livre para os limites morais da comunidade. Sua amiga e confidente Marina Torres evidencia o mal-estar de Elvira, confirmando que ela se sentia limitada, presa às convenções da pequena cidade.

Quanto à atividade literária, Elvira Foepfel iniciou-a, ainda nos tempos do colégio onde estudou, sob o aval dos pais que, se não a proibiam nem a incentivavam diretamente, permitiram, no entanto, que a filha se tornasse escritora. Após formar-se em professora no curso normal, foi lecionar em uma pequena fazenda na região, como já foi mencionado, mas percebeu que esse não era o seu desejo, não era essa a profissão em que se realizaria.

Depois de despertada sua veia literária, a escritora enveredou pelo gênero poético, tendo seus primeiros trabalhos como profissional publicados com a ajuda de Octávio Moura, jornalista e diretor do jornal *Diário da Tarde*, editado em Ilhéus, periódico no qual ela publicou, entre os anos 1944 e 1947, um total de vinte e oito poemas.

Desde o período em Ilhéus, sabe-se que Foepfel era reconhecida como intelectual, vivia na roda de homens literatos e que também era uma mulher muito “avançada” para os anos de 1940. Ainda mais numa cidade do interior do Nordeste, em plena repressão Vargas, ainda sob os resquícios da moral vitoriana. Elvira Foepfel era considerada extremamente exótica para os padrões de moda da época, usava grandes chapéus, pintava os cabelos de vermelho, ruivo ou preto, sempre com vestidos que sua mãe costurava a partir de modelos escolhidos pela própria escritora, nas revistas de moda.

Muito vaidosa, cuidadosa de sua aparência, estava sempre maquilada, os olhos pintados de negro com o uso do delineador (não muito em moda na época) e, como tinha os lábios muito finos, passava o batom além do contorno para obter uma apa-

rência mais sensual, além de estar constantemente bem arrumada e de saltos altos, o que levava seus familiares, conforme os depoimentos, a crer que ela gostava de provocar os homens com a sua extrema vaidade. Em uma visão crítica atual, a autora estaria abusando de uma imagem sensual, demonstrando, pela aparência, um desejo fora dos limites obrigatórios para uma “mulher de bem” ou “de boa família”.

O desejo de retratar o outro conforme os princípios, nem sempre legítimos, do próprio julgador, baseando na aparência, no comportamento, nos atos, no que, afinal, mais representa aquilo que lhe falta:

a coragem para enfrentar o mundo de acordo com as próprias convicções e valores, nem que para isso se pague um preço “muito alto”, não constitui novidade nas biografias femininas. Elisabeth Roudinesco, ao escrever a história de Anne-Josèphe Terwagne, mais conhecida como Théroigne de Méricourt, construiu uma das belas biografias da camponesa ardenesa que mudou a história das mulheres francesas ao participar ativamente da Revolução de 1789 ao lado de Marat, Robespierre, Danton, Mirabeau e Brissot. Porém, foi vista, apenas, como sífilítica, prostituta, cortesã e sanguinária, não sendo reconhecida por seu engajamento político, como uma autêntica girondina, nem por sua luta pelos direitos das mulheres e de sua livre expressão. Morreu após um internamento de mais de 20 anos em uma “Casa de Loucas”, conforme depoimentos da época. Sobre a imagem deturpada da revolucionária, Roudinesco escreveu:

Essa identificação da Revolução com a Mulher, a sífilis e a feiúra, seria sempre atualizada pelos redatores monarquistas, herdeiros de Suleau e de Peltier, que imporiam para o século XIX a imagem de uma Théroigne carregada de todos os crimes



Elvira, Lurdinha e Zezé. (Foto cedida por Frederico e Mathildes Foeppel). [s.l.], [s.d.].

*da Revolução. E sua loucura apareceria então como sintoma de um “mal revolucionário”, ele mesmo identificado como doença venérea.*¹²

Recusar o papel da mulher fora do estereótipo de “moça casta” ou “prostituta”, longa luta do sexo frágil, faz parte do imaginário coletivo. Sendo assim, qualquer desvio desse paradigma é considerado imoralidade ou loucura. O comportamento de Foepfel, à frente de sua geração interiorana, incomodava a sociedade puritana de Ilhéus. Isso a marginalizava, e seus conterrâneos consideravam a escritora uma mulher que ultrapassava limites, uma transgressora.

Numa visão mais generalizada, a escritora tinha aquilo que o senso comum costuma chamar de “personalidade forte ou maldita”, uma autêntica leonina, difícil de ser “domada” e moldada por um código social que sempre impôs à mulher um comportamento passivo, ingênuo e recatado.

Ao transgredir esse modelo de comportamento em plena década de 1940, a escritora, a nosso olhar, indicia uma liberdade de viver. Contrariando as exigências do modelo feminino da época, deliberando sobre suas escolhas sexuais, nunca se preocupando em caracterizar uma relação ou um compromisso como mais sério, tornou-se um exemplo de ousadia, ilustrado por depoimento de amigos, ao namorar, como já foi dito, um rapaz agricultor (portanto, de classe social diferente da sua) que a sociedade *desconfiava* tratar-se de um homossexual. De qualquer forma, aumentando suas transgressões, admirando-a ou reprovando-a, as pessoas de Ilhéus a criticavam.

Era de conhecimento público que Elvira Foepfel mantinha um estreito relacionamento com o jornalista Octávio Moura (que era casado), o qual a apadrinhou no início de sua vida literária, o que motivou mais um burburinho em seu círculo de amigas, pelo fato de o jornalista ser conhecido também como um *Don*

¹² ROUDINESCO, Elisabeth. *Théroigne de Méricourt*: uma mulher melancólica durante a Revolução. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 131.

Juan, que não respeitava, sequer, suas cunhadas. Além disso, ele já era “mal visto” por ser protestante e ter um irmão pastor numa localidade católica. Basta lembrarmos do romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, para se ter idéia do ambiente em que viveu a escritora.

Atualmente, analisando a personalidade de Elvira, suas irmãs a vêem dentro de um jogo de oposições e contradições, talvez até com ressentimento, pois ela fazia tudo aquilo que as irmãs mais novas não podiam fazer: saía à noite, enquanto as outras ficavam em casa; bebia e se divertia, enquanto as irmãs ficavam com seus namorados; enfim, ela era considerada a *maluquinha* da família, a que também era meio bruxa e meio adivinha. Portanto, as irmãs, que não podiam acompanhá-la nem contê-la, de uma certa forma, também a rejeitavam.

Ainda jovem, ela aprendeu a pilotar um avião monomotor em Ilhéus, com um namorado que era piloto. Embora não tenha desejado tirar brevê, costumava assustar a família, dando vôos rasantes sobre a casa dos pais.

Durante a juventude, a escritora do jornal da cidade promovia festas no período do carnaval cuja decoração eram figuras de chifres, paredes forradas com máscaras de papel representando o diabo. Lembra-se Dorival de Freitas,¹³ que essas festas eram simples, alegres, sem uso de bebidas. Por isso mesmo, sendo ele e seus irmãos ainda meninos, não sofriam restrições de sua mãe para comparecer ali. Admiravelmente, a jovem Elvira tinha autorização de seus pais para festejar por qualquer pretexto, inclusive o carnaval. Mas, mesmo sabendo que a menina estava autorizada pela família, pais de outras crianças ou jovens “casadoiros” possivelmente relutavam em deixar seus filhos ou filhas participar dos eventos promovidos pela escritora, por causa da decoração esdrúxula.

¹³ FREITAS, Dorival de: depoimento em 18/10/2000. Entrevistadora: Vanilda Mazzoni. Ilhéus, 2002. 1 fita cassete (60 min.), estéreo. Dorival de Freitas nasceu em Santa Inês, Bahia, em 08/02/32, porém, vive em Ilhéus desde a infância. Atualmente, é professor de Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, em Ilhéus e também é poeta. É membro da Academia de Letras de Ilhéus.

Freitas, embora fosse mais jovem do que a filha mais velha do casal Foeppel, ainda se recorda de Elvira como uma mulher inteligente, intelectual, amorosa e educada. Todavia, uma pessoa que conseguia se sobressair em qualquer grupo em que estivesse por ter um *modo diferente de ser* e de viver com muita liberdade, o que a tornou muito “visada” na pequena Ilhéus. Conta que, certa vez, passando Elvira pela rua, com espanto ouviu de um canoeiro a expressão: “Lá vem a diaba”. Referia-se talvez a seu modo de vestir-se, de pintar-se e pentear-se.

Eulina Schaun, por ser religiosa e integrante do Apostolado da Oração, sofria, sentindo-se culpada pela educação liberal que tinha dado à sua filha mais velha, a qual destoava da educação das filhas de suas amigas e de toda a sociedade que se recolhia diante dos preconceitos contra uma menina de educação mais “moderna”. Criou as duas outras de forma diferente. Certa feita, Eulina teve uma crise nervosa após a pregação de um retiro dirigido por padre José, que ocupou a paróquia provisoriamente, sobre a concepção do inferno e a responsabilidade dos pais para com os filhos. Lembra-se Freitas de que, no fim dessa manhã, esteve em sua casa o casal Foeppel, conversando com sua mãe, que também participava da paróquia. D. Eulina apresentava tranqüilidade mesmo com fisionomia séria. Provavelmente, Eulina teve uma crise de consciência religiosa, uma vez que se guiava pelos dogmas católicos, enquanto a filha se revelava, cada dia mais, uma mulher independente e questionadora, embora mantivesse algum sentimento religioso.

A futura escritora impressionara o menino e adolescente, Dorival de Freitas, que mais tarde chegou a ordenar-se sacerdote e atualmente é professor. É que sua mãe, vez por outra, comentava em casa as publicações de Elvira, que lia no *Diário da Tarde*, elogiando-a pela inteligência, embora considerando seus escritos “fortes”, ou seja, um tanto ousados.

O depoimento de outro intelectual da época não será diferente, após ter convivido com Foeppel em Ilhéus, o escritor itabunense Hélio Pólvora¹⁴ comenta que ela *dominava o cenário intelectual de Ilhéus*, entretanto, sofria com o preconceito, por-

que a sociedade não admitia uma mulher intelectual, e mais, não acatava sua forma de vida, sua ânsia de liberdade, considerada muito “audaciosa” para a época. Talvez, conclui Pólvora em seu depoimento, tenha sido em homenagem à escritora, que Jorge Amado compôs a sua personagem Malvina, do romance *Gabriela, cravo e canela*. Para ele, a apologia à liberdade de Foeppl ia da franqueza de suas conversas às suas escolhas amorosas, mostrando que, mais do que um modelo de independência, ela podia ser a própria conquista.

O tabelião e escritor Raimundo Sá Barreto¹⁵ lembra-se da jovem escritora que passeava pelas avenidas e clubes da cidade, que vivia *bem*, livre, e que, *por ser muito inteligente*, teve sua vida *atrapalhada* pela sociedade local. Para ele, a melhor definição de Elvira Foeppl era: intelectual, *nunca fora outra coisa*. Mesmo assim, foi muito humilhada pela sociedade que a via, por sua *mentalidade avançada*, como uma espécie de *comunista* (com todos os sentidos pejorativos que esse designativo pode conter para uma sociedade abastada e conservadora).

A professora Marina Torres,¹⁶ amiga de infância da escritora, a conheceu na época em que estudavam no Convento da Piedade, quando estava com, aproximadamente, 11 anos e Foeppl, com 12 anos. A aproximação aconteceu aos poucos, porque, segundo Marina, Elvira, quando adolescente, era muito introspectiva, muito calada (talvez tenha sido um dos motivos do seu interesse pelo teatro, a busca por uma outra forma de se expressar) e sequer participava dos jogos escolares, ou escrevia para o jornalzinho da escola, atividades muito apreciadas pelas jovens da época. Lembra, também, que Foeppl era boa aluna em matemática, fato que as aproximou. Aos poucos, tornaram-se amigas e Marina passou a achá-la uma pessoa muito “engraçada”, sincera e leal:

¹⁴ PÓLVORA, Hélio: depoimento em 18/10/2000. Ilhéus, BA, 2000.

¹⁵ BARRETO, Raimundo Sá: depoimento em 18/10/2000. Entrevistadora: Vanilda Mazzoni. Ilhéus, 2000. 1 fita cassete, (60 min.), estéreo.

¹⁶ TORRES, Marina: depoimento em 03/07/2000. Entrevistadora: Vanilda Mazzoni. Salvador, 2000. 1 fita cassete, (60 min.), estéreo.

Engraçado, na escola ela não escrevia... nós tínhamos um grêmio grande no colégio e sempre alguma aluna escrevia. As freiras destacavam umas alunas para escrever sobre bobagem, sobre cartilha, sobre essas coisas. Ela não, não me lembro de Elvira ter escrito. Depois de certo tempo ela começou a aproveitar alguma coisa num jornalzinho de Ilhéus.¹⁷

A lembrança escolar mais forte que Marina Torres tem da companheira de infância é da menina que costumava, durante as aulas, ficar lendo romances embaixo das carteiras, pouco se importando com as explicações das professoras. Gostava de ler poemas de Adalgisa Nery e romances considerados altamente pornográficos como *O Amante de Lady Chatterley*, de D.H. Lawrence, que ela havia conseguido com o tio, o professor e intelectual Nelson Schaun.

Coincidindo com os depoimentos das pessoas que conviveram com Elvira Foepfel, Marina a considerava muito diferente, *avançada* para a época, embora fosse paradoxalmente uma pessoa religiosa e extremamente ligada à família, o que contrastava com a imagem que as outras pessoas faziam dela. Numa atitude de rebeldia e de retaliação, ela fazia questão de demonstrar e manter essa imagem. Marina lembra que ao comentar com a amiga e confidente sobre seu desejo de conhecer a Rússia, idealizada através dos romances, a escritora se exaltou porque na Rússia só tinha comunista, não compreendendo, portanto, como alguém poderia querer ir a um país sem *religião*. Essa herança mística familiar ficou registrada em sua primeira publicação, *Chão e poesia*:

*SENHOR!
meus olhos contemplam
tua face no chão
nesse chão onde meus passos
pisam sombras de vida,*

¹⁷ Id. *ibid.*

- tua face de mágico, de santo,
de homem, de Deus,
tua face comum.¹⁸

A amizade que se firmava entre as duas sofria restrições dos outros companheiros de Elvira, amigos e até mesmo da família de Marina, fato que a magoava, porque percebia os comentários maldosos sobre sua pessoa.

Ainda em seu depoimento, falando sobre as experiências sexuais de Elvira, Marina Torres comenta que a amiga magoou-se muitas vezes, pois as pessoas não a compreendiam e chamavam-na de extravagante. Certos episódios de sua vida afetiva fizeram com que Foepfel fosse embora de Ilhéus em busca de um lugar no qual tivesse mais liberdade para viver e para escrever. A mágoa começou a ganhar espaço dentro dela, causada pela incompreensão das pessoas à sua postura e à maneira livre que escolheu para viver. Incompreendida, chegou a comentar com Marina que não sabia se o mais importante na vida era escrever ou amar. Segundo a amiga, a escritora era uma mulher ciumenta, o que dificultava suas relações amorosas, uma vez que os namorados sentiam-se bastante controlados por ela. A dependência emocional de Foepfel contrastava com a outra face de sua personalidade: ser livre, conquistar o mundo, ser independente.

Em Ilhéus, Foepfel teve entre seus companheiros intelectuais escritores mais velhos, como Sosígenes Costa,¹⁹ Jorge Amado,²⁰ Adonias Filho²¹ e Raimundo Sá Barreto,²² e os da mesma geração, Hélio Pólvora²³ e Cyro de Mattos.²⁴ Essa convivência e circulação entre a elite intelectual de Ilhéus foram relevantes para a formação literária de Elvira Foepfel, cujas leituras variavam entre Jean Paul Sartre, Lawrence Durrell, D.H. Lawrence,

¹⁸ FOEPPPEL, Elvira. *Chão e Poesia*. Rio de Janeiro: Simões, 1956. p. 113.

¹⁹ Sosígenes Costa nasceu em Belmonte, Bahia, em 14/11/1901. Foi professor em sua terra natal, onde ficou até 1926, transferindo-se para Ilhéus, tornando-se redator do jornal *Diário da Tarde* e, em 1954, mudou-se para o Rio de Janeiro. Não apreciava muito aparecer em público, o que dificultou a divulgação de suas obras. Seus poemas encontram-se reunidos no livro *Obras Poética de Sosígenes Costa*, (1950) cuja segunda edição data de 1978. Faleceu em 05/11/1968 no Rio de Janeiro. A Fundação Cultural de Ilhéus lançou, em 2001, dois livros sobre o autor: *Poesias completas de Sosígenes Costa* (incluindo "Poética II" e "Tararara") e *Crônicas e poemas escolhidos*, de Gil Francisco dos Santos. Ambos em homenagem ao centenário de nascimento do poeta.

James Joyce, Simone de Beauvoir e Arthur Miller.

Finalmente, em 1947, Elvira Foeppel despede-se de Ilhéus em busca de novos caminhos. Marina Torres a acompanhou até ao aeroporto e a viu abraçar um caderno de poemas, prometendo à amiga tornar-se famosa no Rio de Janeiro:

Ela foi porque resolveu buscar um lugar maior, onde tivesse mais oportunidades. Eu me lembro que eu fui ao aeroporto levá-la e vi Elvira com um caderno de poemas, então disse assim 'Elvira você vai levar esse caderno?' Ela disse 'vou porque eu estou indo para o Rio, Marina, com coragem.' Ela entrou em contato não sei com quem ... ela mandou para uma redação, ela tinha uma roda muito grande de amigos no Rio de Janeiro.²⁵

Quase dois anos depois, Foeppel retornou a Ilhéus para visitar amigos e familiares, levando consigo um namorado alemão o que, hoje, faz Marina lembrar-se da personagem Marta e considerar o romance *Muro Frio* (1961) como uma autobiografia ficcionalizada da vida da escritora e uma resposta à cidade que tanto a maltratou. A narrativa conta a história de Marta que, após alguns anos fora da cidadezinha em que nasceu, retornou

²⁰ Jorge Amado é o escritor mais famoso do Brasil, traduzido em quase todos os idiomas, nasceu em 10/08/1912 na Fazenda Auricídia, Ferradas, hoje, município de Itabuna, Bahia. Formou-se em Direito no Rio de Janeiro, porém dedicou-se à literatura, iniciando sua carreira em 1932 com o lançamento do romance *O país do carnaval*. Faleceu em 06/08/2001, em Salvador. Jorge Amado é imortal pela Academia de Letras de Ilhéus e pela Academia Brasileira de Letras.

²¹ Adonias Filho foi contista, ensaísta, romancista e tradutor, nasceu em 27/11/1915, em Itajuípe, Bahia. Em virtude do conjunto de sua obra, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Participante ativo da vida cultural brasileira, chegou a postos como diretor da Biblioteca Nacional e do Instituto Nacional do Livro, entre outros. Faleceu em 5 de agosto de 1990, em sua fazenda, em Inema, município de Ilhéus.

²² Raimundo Pacheco Sá Barreto, nasceu em 21/02/1924, em Ilhéus, Bahia. Ex-tabelião, é poeta e intelectual de Ilhéus, amigo de Jorge Amado, e também membro da Academia de Letras de Ilhéus.

²³ Hélio Pólvara nasceu em 02/10/1928 na fazenda Mirabela, município de Itabuna, Bahia. É jornalista, tradutor, contista e cronista. Atualmente, é presidente da Fundação Cultural de Ilhéus e pertencente à Academia de Letras da Bahia e à Academia de Letras de Ilhéus.

²⁴ Cyro de Mattos nasceu em Itabuna, em 31/01/1939. É poeta, novelista, cronista e advogado. Já recebeu inúmeros prêmios literários, entre eles, o Prêmio Nacional de Contos Afonso Arinos. Membro da Academia de Letras de Ilhéus.

²⁵ TORRES, Marina. Trecho do depoimento já citado.

com um namorado e é apontada nas ruas como prostituta ou louca:

- *Aquela é Marta, filha de um homem desta cidade.*
- *Marta?*
- *Sim. Marta, está um pouco diferente. Sofisticada.*
- *Leviana. Cada dia uma opinião diferente. Cada dia um homem traz seu segredo em curva elástica.²⁶*

- *Ela é involuntária e ocupada em ser bela, dolorosa submissão e obstinação.*
- *Já esteve louca?*
- *Talvez. Falam, cuidadosa piedade de alguns, o passado, própria violência negra, contingência de errar cedo, ela comunga grandes aflições orgulhosa sem dobrar joelhos, sem pedir nada.*
- *Não gosto dela, instala-se numa cidade como rainha, um modo de estar em pé, barreira de sensibilidade contra miúdos. Não gosto na verdade.²⁷*

Os últimos encontros de Marina Torres com Elvira Foepfel foram no início dos anos 60, em Salvador, numa Feira do Livro realizada no Teatro Castro Alves; em 1976, Marina Torres foi ao Rio de Janeiro visitar a amiga e a encontrou escrevendo um romance²⁸ em meio a frustrações pessoais e profissionais que culminaram com uma briga judicial com a *Revista Súmula Trabalhista* da Legislação Federal e com o fim de sua dedicação à literatura. Após essas datas, Marina só encontrará Elvira em 1990, visitando um irmão em Ilhéus. Debilitada e fragilizada, apresentava sinais de depressão, silenciosa e com as mãos trêmulas.

Seu valor literário foi reconhecido e citado até mesmo pela maior referência literária da cidade, o escritor Jorge Amado, na

²⁶ FOEPEL, Elvira. *Muro frio*. Rio de Janeiro: Leitura, 1961. p. 65

²⁷ *Id.*, p. 173-4.

²⁸ Marina Torres não se recorda do título desse romance.

ocasião em que proferiu um discurso em honra à cidade e aos ficcionistas grapiúnas que conservavam a memória de Ilhéus, *irmãos de ofício e de labuta*:²⁹

Quero brindar em tua honra com os ficcionistas grapiúnas, os que narraram tuas histórias e inventaram tua humanidade, conservam viva tua memória: Adonias Filho, James Amado, Jorge Medauar, Hélio Pólvora, Sônia Coutinho, Emmo Duarte, Elvira Foepfel, Cyro de Mattos, Marcos Santarrita, Clodomir Xavier de Oliveira, meus irmãos de ofício e de labuta.

Elvira Foepfel encerrou a etapa de sua vida em Ilhéus, retornando à cidade poucas vezes, e começando a segunda etapa em busca de um espaço na cena literária do Rio de Janeiro em 1947.



Elvira Foepfel. Rio de Janeiro. [s.d.]. (Foto cedida por Marta Foepfel).

Porém, a vida intelectual em Ilhéus não ficou reduzida ao encontro com seu círculo de amigos, pois sua produção literária, enquanto colaboradora do jornal *Diário da Tarde*, revela-se muito importante para o início de sua vida como escritora no Rio de Janeiro. Alguns temas utilizados em seus poemas, publicados naquele jornal, serão retomados no gênero narrativo, seja através de conto (que ela muito cultivou), seja nos romances.

Ao sair de Ilhéus, Elvira

²⁹ AMADO, Jorge. Declaração de amor à Cidade de São Jorge dos Ilhéus. Discurso em praça pública em junho de 1981, quando da comemoração do centenário da cidade. Disponível em: <http://www.brasil.terravista.pt/AreiasBranca/2952/ilheus.thm>. Acesso em 17 fev. 2001.

Foeppel deixou para trás sua história, que refletia, através dos coronéis e intendentes, a repressão pela qual passava o país e alicerçava as bases de uma cidadezinha rica, mas profundamente provinciana e conservadora. Porém, levou consigo a característica mais acentuada dos Schaun: a pouca fala, já que a família era conhecida por ser “silenciosa” e, como dizia a comunidade, “a família de um povo calado”. Talvez residam aqui os mistérios que cercam o mundo interior de Elvira Foeppel.

DA VIDA NO RIO DE JANEIRO

Brasil, 1947: o fim da Segunda Guerra Mundial trouxe, para o país, uma onda de otimismo e esperança no que diz respeito à industrialização e às possibilidades de crescimento profissional igualitário para a população, inclusive para as mulheres. Porém, na prática, para estas, o fim dos anos 40 e início dos anos 50 foram decisivos para delimitar a transição de comportamento entre a era vitoriana e a mulher moderna.

Em seu artigo “Mulheres dos anos dourados”, Carla Bassanezi³⁰ analisa e mapeia o comportamento e as posturas políticas da mulher na década de 1950, no Brasil. Chamados de anos dourados, os anos 50 pregaram, com maior intensidade, a maternidade,



Zezé, Lurdinha e Elvira no Rio de Janeiro. (Foto cedida por Frederico e Mathildes Foppel). [s.d.].

³⁰ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *Histórias das mulheres no Brasil*. 2.ed., São Paulo: Contexto, 1997. p. 607-39.

o casamento e o papel de esposa e de dona de casa às mulheres, como parte de sua essência. Enquanto se defendia a liberdade sexual para os homens, para as mulheres restou a repressão sexual.

Sob o jugo de uma sociedade conservadora, esteve o cinema, com a crítica ferrenha aos filmes americanos pelos “maus hábitos” das personagens, principalmente das moças, que entravam no carro dos namorados e freqüentavam seus apartamentos. A literatura não fugiu a essa repressão, já que a leitura deveria ser formada de obras que fossem indicadas pela família e pelos educadores, como forma de construir a moral e os bons costumes, principalmente para as mulheres.

Mesmo com tantas precauções através das regras de comportamento impostas às mulheres – não fumar, não beber, não explorar a sexualidade nem a sensualidade, não buscar trabalho fora do âmbito doméstico, não discutir com a família (leia-se marido e pai), não ousar nas roupas e penteados etc. – houve aquelas que, com menor ou maior intensidade de rebeldia, tiveram a coragem de transgredir essas regras. Às mulheres que ousaram guiar seus destinos e que tiveram a audácia de controlar suas vidas e buscar a sua felicidade em outro espaço, sobejou, na maioria dos casos, a conseqüência de seus atos: a incompreensão, o estigma, o abandono e a discriminação, ao serem chamadas de *levianas* ou *inconseqüentes*.

Ao lado desses preconceitos, uma conquista pessoal surgiu, com o aumento da participação das mulheres no mercado profissional, seja em escritórios ou em setores públicos, nos serviços burocráticos ou nas escolas, no cargo de professoras.

Em 1947, aos 24 anos, seguindo o rastro das mulheres que ousaram sair em busca de novas oportunidades, Elvira Foeppele mudou-se para o Rio de Janeiro, aparentemente, por três motivos: primeiro, porque em Ilhéus não encontrara um meio intelectual e literário adequado para desenvolver a sua temática, de cunho existencialista, pois toda a literatura de seus conterrâneos girava em torno do cacau, além de a cidade, ainda tão acanhada, motivar sua necessidade de ir em busca de

novos horizontes e oportunidades para publicar e desenvolver a sua escrita, e Foepfel sabia que isso não seria possível ali onde morava; em segundo lugar, porque se sentia incomodada com os preconceitos da sociedade contra sua pessoa; em terceiro lugar, porque o Rio de Janeiro significava a metrópole, já que, na época, era a capital da República.

Através de depoimentos, sabe-se que Elvira Foepfel saiu de Ilhéus sozinha, entretanto, um amigo, funcionário do Exército, esperava-a no Rio de Janeiro para dar-lhe apoio, conseguindo para ela, mais tarde, um emprego como secretária na *Revista Súmula Trabalhista*, da Legislação Federal, dirigida por Nelson da Fonseca. Ali, chegou ao posto de redatora chefe, cargo em que se aposentou no final da década de 1970, após 30 anos de serviço. Embora tivesse sido aprovada nos concursos do Ministério da Marinha e da Petrobrás, preferiu trabalhar na Revista, pois, mesmo sendo uma ocupação burocrática, poderia dedicar-se à vida literária, concentrando sua produção entre os anos 1950 e 1970. Portanto, o Rio de Janeiro foi o local escolhido por ela para construir sua vida intelectual.

Dois anos após sua chegada ao Rio de Janeiro, Elvira conseguiu, através de amigos influentes, uma transferência para o pai, Frederico Affonso, que ocupou o posto de chefe da Agência de Correios da Tijuca. Quase dois anos depois de o pai ter se estabelecido na cidade, morando com a escritora, os outros membros da família mudaram-se para a capital do país.

No Rio de Janeiro, Foepfel construiu uma nova vida, tanto pessoal quanto profissional. Conheceu pessoas influentes, sofreu com a perda de seu namorado, o jornalista Wilson Melo, vítima da violência urbana, e introduziu-se no meio dos intelectuais da capital por intermédio de alguns de seus conterrâneos, que a ajudaram a se instalar na cidade, como foi o caso dos escritores Abel Pereira, Jorge Medauar, Adonias Filho e do amigo, Raimundo Pacheco Sá Barreto que costumava visitá-la.

Em 1954, a crise política brasileira se intensifica, forças políticas exigem a renúncia de Getúlio Vargas. Em 24 de agosto desse mesmo ano, após uma malfadada reunião no Palácio do

Catete, Getúlio Vargas recolhe-se em seu quarto e suicida-se. Nesse clima de comoção que invadiu o país, em meio ao sentimento que variava entre a indignação e a pena, Elvira Foepfel intensifica sua vida literária entre os escritores que também buscavam um espaço no meio literário.

Antes de lançar seus livros, Foepfel conquistou um razoável espaço na imprensa carioca, o que muito contribuiu para a divulgação de sua obra. Iniciou, trabalhando nas principais revistas e jornais de circulação local e nacional, entre os anos 48 e 72, como em *O Cruzeiro*, *Leitura*, *Importante*, *Carioca*, jornal *Correio da Manhã* e *Suplemento Literário do Jornal do Brasil*.

Nessa época, Foepfel tornou-se amiga de Clarice Lispector, Nélida Piñon, José Cândido Carvalho e Homero Homem, criando oportunidade para, em 1956, publicar a sua primeira obra, *Chão e Poesia*,³¹ um misto de diário e versos, cuja capa foi elaborada pelo ilustrador Santa Rosa, de quem Elvira era amiga pessoal. Sobre a convivência com os intelectuais do circuito carioca, Marina Torres confirmou:

*Clarice [Lispector] conhecia Elvira. Foi ao lançamento do livro dela, não sei qual, então ela disse "Marina, você veja que coisa fantástica, ela não costuma ir ao lançamento de livro de ninguém mas, o meu, ela foi."*³²

Elvira Foepfel estreou, em 1960, em uma nova editora. Dessa vez, através da *Leitura*, lançou a sua segunda obra, *Círculo do medo*,³³ uma coletânea de contos, mantendo as temáticas que a perseguiram desde *Ilhéus*: os temas existencialistas, o eterno *mal-estar* no mundo, a incompreensão alheia, o deslocamento social e a recusa em participar das mesmas coisas que a vida oferece todos os dias.

Além das influências sartrianas bastante explícitas nos seus textos, percebemos que um novo elemento, o contexto

³¹ FOEPPPEL, Elvira. *Chão e poesia*. Rio de Janeiro: Simões, 1956.

³² TORRES, Marina. Trecho do depoimento citado anteriormente.

³³ FOEPPPEL, Elvira. *Círculo do medo*. Rio de Janeiro: Leitura, 1960.

histórico ligado à repressão, aparece como tema em sua produção literária. Em um dos contos, Foepel constrói uma narradora que constata uma defasagem entre o *desejo* e a *ação*, levando a personagem a um dilema, uma vez que não há realizações pessoais, apenas ajustes para continuar inserida na sociedade, sem sofrer preconceitos. Seu eixo temático é ampliado, variando do confronto da mulher frente às interdições de uma sociedade injusta, com a sua condição, obrigando-a a submeter-se a todas as exi-



Zezé, Mathildes e Elvira no Rio de Janeiro, 1965 (Foto cedida por Frederico e Mathildes Foepel).

gências, até a questão da sexualidade que se encontra sempre velada, contida. Essa defasagem caracteriza uma narrativa centrada no existencialismo sartriano dos anos 1940/1950, uma vez que suas personagens não se adaptam ao mundo, tudo as incomoda, elas têm freqüente *náusea* pela falta de sentido na relação “infamiliar” com a vida: seja através dos amigos, seja pelas relações familiares ou através das relações amorosas.

Em 1961, Elvira Foepel publicou sua última produção em livro, também pela Editora Leitura, o romance *Muro frio*,³⁴ cujo lançamento, como se disse, teve a presença de Clarice Lispector. Nesse romance, Foepel deixa transparecer suas lembranças da cidade onde viveu sua adolescência: Ilhéus.

É desse período que Maria de Lourdes,³⁵ irmã mais nova, guarda maiores lembranças da escritora, pois, quando a primogênita saiu de Ilhéus, ela tinha apenas 12 anos de idade, muito

³⁴ FOEPEL, Elvira. *Muro frio*. Rio de Janeiro: Leitura, 1961.

³⁵ Maria de Lourdes: depoimento em 25/05/2000. Entrevistadora: Vanilda Mazzoni. Salvador, 2000. 1 fita cassete, (60 min.), estéreo.

pouco ficando registrado em sua memória. Para Maria de Lourdes, a dedicação excessiva de Elvira à *Revista Súmula Trabalhista* foi o maior motivo para a pequena produção literária da irmã, uma vez que não lhe sobrava muito tempo para escrever. Ela lembra da irmã mais velha como uma pessoa muito vaidosa, alguém que gostava de conversar, de namorar e que era ciumenta com os namorados.

Além de gostar de dançar, de ir ao cinema, de beber cerveja às sextas-feiras no Bar Vermelhinho junto a outros amigos de trabalho, também gostava de ouvir música, principalmente a Bossa Nova, de Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Luís Bonfá. Preferia não sair nos finais de semana, para dedicar-se à leitura, em especial aos livros de Clarice Lispector, por quem Foepfel nutria certa “devoção”, no intuito de, assim como a escritora, também buscar inovações para a sua produção.

Lourdes comenta que Elvira “escrevia difícil”, acredita que a irmã escrevia para “literatos”, a elite da literatura, fruto de uma vaidade exagerada, e não para um leitor desavisado. Ela era responsável por passar a limpo os textos de Foepfel, e percebia a “preguiça” da autora em não querer rever seus escritos, hábito que se estendeu a todos os livros. Portanto, sem uma revisão que pudesse esclarecer algum trecho de construção lingüística mais complexa, algumas passagens são bastante difíceis e só vão mostrar sua “chave” no momento em que lemos toda a sua produção.

José Armando Schaun Martins,³⁶ primo da escritora, esteve no Rio de Janeiro na década de 1970, quando das bodas de casamento dos pais da escritora. Na época, ele era uma criança de 12 anos de idade, mas ainda guarda na memória o encantamento da mulher que poucos conheceram tão intimamente.

Armando deixou aflorar um sentimento afetivo que se misturava com um outro, o ressentimento pelo esquecimento

³⁶ MARTINS, José Armando Schaun (Armando Schaun): depoimento em 11/05/2000. Entrevistadora: Vanilda Mazzoni. Salvador, 2000. 1 fita cassete, (60 min.), estéreo. O entrevistado é primo em segundo grau de Elvira Foepfel.

a que Foepfel estava confinada. Revelou o outro lado da intelectual: a mulher que gostava de cinema, música e literatura, aquela que se empolgava em entusiasma-la pelas suas preferências, como a música de Ray Charles, a quem ela chamava de *maravilhoso*, o que para ele é inesquecível naquela relação que considerava lúdica.



Elvira (segunda da direita para a esquerda) com Frederico, Mathildes e filhas no Rio de Janeiro, 1965. (Foto cedida por Frederico e Mathildes Foepfel).

Muito diferente daquela personagem que a maioria das pessoas entrevistadas por nós já havia configurado — fechada, isolada, “diferente”, vivendo em um mundo só seu. Ele, sem perceber, nos deu a imagem de uma mulher *emancipada*, difícil de ser entendida pelos demais familiares.

As irmãs não conseguiram registrar a imagem da mulher escritora, segundo elas, por serem bem mais jovens do que Elvira, e só se lembrarem dela como a irmã mais velha e não como uma intelectual ou uma escritora famosa. Para os amigos, essa imagem desapareceu com o tempo, só restando a lembrança do comportamento muito pessoal, direcionado ao cotidiano de uma mulher que morava sozinha, e que escrevia, ou seja, na contramão do papel feminino exigido para uma mulher nos anos 1950-1960. O ambiente familiar para Foepfel consistia em um outro mundo, muito aquém dos seus desejos, pois voltava-se para os encontros e reuniões culturais que era acostumada a frequentar. Por isso, para a família, ela era alguém muito distante, era “*a escritora de livros muito difíceis*”.

A espontaneidade de Elvira Foepfel, ao conversar com uma criança, como o filho de sua prima, que gostava de pular sobre os *puffs* de sua sala, onde costumava sentar-se e ouvir música, fez Armando vê-la como uma mulher a quem ele deveria respeitar.

Ainda que a escritora fosse uma mulher muito questionada na sua geração, Armando registrou na memória apenas a artista

em um clima de fantasia e não a mulher cuja imagem era muito recriminada pelos familiares. Lembra-se dos movimentos de Foepel como uma dança — o espalhar na boca de um batom muito vermelho, a aplicação do delineador, as conversas que entretinham os convidados, a preparação de um drinque, todas as ações eram tão perfeitas que ele as via como se fossem atos pensados. Como se esses movimentos demarcassem um espaço, fizessem parte de um ritual de *enfeitiçamento*, fossem o momento em que ela começava a assumir um espaço deixado por outras mulheres da família que, devido à exigência do padrão de comportamento, preferiam ficar à margem dos convidados homens. Segundo sua visão ainda “machista”, Schaun reconhece a separação das outras mulheres do círculo familiar, porque elas *não tinham assunto para manter um diálogo*.

Ao conhecer a escritora, Armando Schaun já sabia que ela era uma jornalista muito conhecida e que gozava de certo conceito no meio literário. Para ele, a autora era alguém muito inteligente e de senso crítico apurado que, ao ver ou ouvir outra pessoa também inteligente, dizia: *“Olha, como fulano de tal é gente...”*. Ele observava Elvira tecer esses comentários e, segundo ele, a sensação era de que ela *o fazia voar*; afinal, com os dedos em riste, pressionando a testa, ensinava-lhe como diferenciar as pessoas com as quais ele deveria se relacionar ou não. Schaun a via como uma pessoa com grande ânsia para escrever, talvez esse fosse o motivo maior de seu deslocamento para a metrópole, o grande centro que é o Rio de Janeiro. Esse desejo ressoava na escritora que, além de gostar de cinema e de música, também tinha grande prazer nos encontros com os amigos (jornalistas e intelectuais).

Armando Schaun admirava-se com o fato de Elvira conseguir manter um diálogo com o pai dele, alguém que ele admirava muito. Para ele, aquele homem só poderia conversar com alguém muito inteligente, logo a premissa básica é de que, então, ela era alguém muito especial, muito diferente da mãe, das primas e de tantas outras mulheres que participavam dos encontros familiares. Era ela mulher capaz de *sustentar uma conversa com o mundo masculino*. A única que ele conhecia. Mais uma vez,

a visão do menino dá a medida da autora.

Segundo seu depoimento, ele tornou-se *fã das mulheres que conseguem se destacar, torcer e ajeitar o mundo masculino* e, influenciado por tudo aquilo que ele viu e com que conviveu enquanto criança, a partir das observações da mulher inteligente que era Elvira Foepfel, Schaun busca entender o quanto deve ter sido difícil para a prima ser essa mulher intelectual e independente, em meio à repressão militar dos anos 70, do governo Médici.

O escritor baiano Jorge Emílio Medauar,³⁷ diferente de seus conterrâneos, nunca a tinha visto em Ilhéus. Ele a conheceu logo após Elvira Foepfel ter chegado ao Rio de Janeiro, ainda nos anos 1947-1948, em reuniões que os intelectuais promoviam no 13º andar da sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). No local, havia um bar onde os escritores e jornalistas aguardavam o trânsito melhorar para voltarem para suas residências, entre eles, encontravam-se Rubem Braga, Rildo Sketch, Homero Homem, José Cândido de Carvalho, Emmo Duarte, Fernando Sabino, Rivadávia de Souza, Abel Pereira e Elvira Foepfel. Além da escritora, outras mulheres freqüentavam o lugar, mas, segundo depoimento de Medauar, a que mais participava das conversas entre eles era Foepfel. Contrastando com a postura da adolescente calada e introspectiva, Foepfel tornou-se uma mulher desinibida e participativa.

Medauar confirma que Elvira era muito benquista, já que todos gostavam dela, de seu sorriso encantador. Ela se relacionava com todos os freqüentadores do Bar, com exceção dos mais famosos, como Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima:

*Os escritores dessa época, com exceção de Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima, esses maiores, mais projetados assim, se davam com Elvira, quase todos se davam com Elvira porque ela procurava, assim como a gente procurava. Ela era muito querida naquele grupinho do 13º andar da ABI.*³⁸

³⁷ MEDAUAR, Jorge Emílio. Depoimento em 15/05/2001. Entrevistadora: Vanilda Mazzoni. São Paulo: 2001. 1 fita cassete, (60 min.), estéreo.

Porém, Medauar acusa os escritores de serem muito severos e preconceituosos, por isso não davam importância aos textos da autora nem a nenhum outro escrito por mulheres – a discriminação era um fato. Apenas liam Cecília Meireles e Clarice Lispector, porque essas já estavam famosas:

Elvira era uma pessoa muito querida, foi muito querida, muito estimada, embora não dessem muita importância ao texto dela, viu? Na época não davam muita importância não. (...) Não era só o dela não, era o de quase todas as mulheres, discriminavam um pouco, com exceção da Clarice Lispector, e aquelas mais famosas como Cecília Meireles.³⁸

Jorge Medauar conviveu bastante com Elvira Foeppele e lembra dela como uma pessoa muito inteligente, estimada, querida, bonita, incapaz de destratar alguém, embora fosse humilhada pelo machismo dos jornalistas da época. Por todas as dificuldades em permanecer no meio intelectual, Medauar percebeu que ela começou a tender à depressão. Para ele, Foeppele tinha um “desvio” de comportamento: o sorriso, que nunca saía de seus lábios, era uma forma de disfarçar sua tristeza, justificada pela angústia do tempo, era um novo “mal-do-século”, uma característica da própria época.

Segundo Medauar, um dos incentivadores para que Foeppele saísse de Ilhéus foi o deputado Eduardo Catalão. A saída, para ele, foi motivada, principalmente, pelo preconceito da sociedade local que não a via como um modelo de comportamento para uma moça na Bahia tradicional, de “famílias chatas”, que não concordavam muito com uma mulher um pouco mais evoluída e irreverente.

Apesar de ser acompanhante frequente da literata, Jorge Medauar nunca a viu comentar sobre sua literatura, não gostava que ele lesse, era muito discreta com sua produção, poucas ve-

³⁸ Id., ibid.

³⁹ Id., ibid.

zes lhe deu oportunidade de ler alguma coisa, mas, com o pouco a que teve acesso, considerou “excelente, a língua portuguesa muito bem cultivada e trabalhada”, tudo muito bem cuidado.

Por volta do início dos anos 1950, ambos frequentavam o Bar Vermelhinho, reduto dos intelectuais comunistas. Embora Foepfel

não assumisse filiação a nenhum partido político, encontrava-se com outros amigos em comum para discutirem assuntos literários e oporem-se ao Bar Amarelinho, concentração dos integralistas, entre os quais um dos grandes teóricos, o também baiano, Adonias Filho.

Jorge Medauar perdeu o contato que mantinha diariamente com a escritora, no final da década de 1970, quando se mudou para São Paulo, rareando os encontros. Até hoje, porém, diz que sente falta da companheira e amiga que deixou saudades pelo seu sorriso encantador, pela sua presença marcante que nunca passava despercebida, muito cobiçada e muito desejada, uma das poucas pessoas do meio literário que não participava das intrigas intelectuais. Ao ser perguntado se gostaria de ter dito algo àquela que, provavelmente, foi seu objeto de desejo e que, na época, ficou sem dizer, Medauar respondeu:

Tudo que tinha a dizer a ela eu disse com meu corpo, com as minhas atitudes. A palavra muitas vezes perde o sentido. Cecília Meireles tem um verso que eu costumo citar nessas ocasiões, ela dizia assim: “Eu nunca teria querido dizer palavra tão doce, bateu-me um vento na boca e depois no teu ouvido. Levou somente a palavra, deixou ficar o sentido e o sentido está guardado no rosto com que te miro”.⁴⁰



Raimundo, Lurdinha, Zezé, Fred e Elvira na última viagem de Elvira à Ilhéus (1990). (Foto cedida por Frederico e Mathildes Foepfel).

Para homenagear a amiga e companheira que lhe deixou

muitas saudades e lembranças, Medauar dedicou-lhe sua última publicação.⁴¹

O início da década de 1970 vai encontrar Elvira Foeppele reduzindo sua participação em publicações variadas, por motivos ignorados. Porém, há especulações sobre o que teria levado a escritora a parar de escrever, exatamente no momento em que estava próximo a se aposentar, portanto, supostamente, com mais tempo livre para a produção de seus textos.

Um dos possíveis motivos que a teria feito parar de escrever teria sido o agravamento do estado de saúde de seus pais: o pai, Frederico Affonso, debilitou-se, em 1971, e durante quase quatro anos sofreu até falecer, em 1975, vítima de esclerose. A mãe morreu, quase que repentinamente, vítima de obstrução intestinal em 1979. Após a morte de seus pais, a escritora ficou sozinha e, possivelmente, deve ter se sentido sem motivação, aposentando-se no ano seguinte, 1980. E, logo, desenvolveu uma depressão agravada pelo hábito da bebida. Passou a recusar-se a receber parentes ou amigos, ligados à sua vida literária ou não, deixando, totalmente, de se dedicar à literatura.

Um outro motivo, porém, é levantado para o progressivo isolamento voluntário. Entre eles, a decepção com a dificuldade em encontrar editora para publicação, após o incêndio da Editora Leitura, por volta de 1967. Assim, passou a viver não só da aposentadoria, mas também de publicações em periódicos. Os últimos textos encontrados datam de 1970-1972, segundo os familiares, o que coincide com as nossas pesquisas.

Após a aposentadoria e o abandono da carreira literária, Elvira continuou a trabalhar a pedido de um ex-diretor da Revista da Legislação Federal que havia sido transferido para Manaus, enviando para ele, através dos correios, os recortes de notícias sobre tributos, taxas fiscais e todas as resoluções do governo que saíam publicados nos diversos jornais cariocas.

Elvira Foeppele não quis se casar, não quis ter filhos e não

⁴⁰ MEDAUAR, Jorge. Trecho do depoimento citado.

⁴¹ MEDAUAR, Jorge. *Ensaíes*. Ilhéus: Editus, 2000. 66p.

gostava de afazeres domésticos (a única exceção era a sua famosa feijoada), mas gostava da convivência familiar, prova maior disso foi ter ficado com a responsabilidade de cuidar de seus pais até eles falecerem. Após a morte dos pais, a solidão voluntária refletiu-se na sua maturidade, porque, na velhice, Elvira não teve companhia: seus irmãos tinham suas próprias famílias (apenas Maria José morava no Rio de Janeiro) e não podiam dar a atenção necessária que sua doença exigia. Eles, ao que parece, não tiveram opção e internaram-na em uma casa de repouso. Os amigos tomaram, cada um, caminhos diferentes, criando um hiato em suas vidas, e os poucos que permaneceram fiéis não eram mais recebidos por ela e, não havendo insistência por parte deles, a amizade não se manteve.

Foepfel foi internada, pela primeira vez, no dia 10 de junho de 1993, na Clínica Canaã, em Jacarepaguá, (uma casa de repouso para idosos), porque suas irmãs, também por dificuldades financeiras, não podiam cuidar da escritora. Embora estivesse lúcida, conversasse com os médicos, mostrasse seus retratos e contos, chegando a presentear a um deles com um volume do romance *Muro Frio*, apresentava sinais de depressão, e foi acometida por várias isquemias. Depois de ter morado na Clínica Canaã por quase cinco anos, foi retirada de lá em 1998, após uma queda no interior da clínica, no dia 27 de fevereiro. O acidente foi visto como negligência e a família decidiu transferi-la para uma outra casa de repouso, no Recreio dos Bandeirantes, aos cuidados de Maria de Fátima.

Elvira Foepfel teve seu estado de saúde agravado, em consequência de inúmeras isquemias que a deixaram hemiplégica, sem mover os lábios, as mãos e sem reconhecer as pessoas, nem mesmo suas irmãs. Assim, sua transferência para o Hospital Estadual Lourenço Jorge foi inevitável.

A escritora faleceu às 19h38min. do dia 28 de julho de 1998, aos 74 anos, no Hospital Lourenço Jorge, vítima de várias complicações de saúde: o hábito da bebida intensificou-se com o tempo e levou-a a abandonar os remédios, o que agravou o seu quadro de saúde, já bastante complicado. No atestado de

óbito consta: incontinência urinária, insuficiência respiratória aguda, septemia, pneumonia bacteriana e acidente vascular encefálico, após treze dias de internamento. Elvira foi sepultada às 10h do dia 29 de julho de 1998, no Cemitério São João Batista, na presença de sete pessoas, entre elas, Maria José e Marta Foepfel, respectivamente, irmã e sobrinha.

Ao saber do falecimento de Elvira Foepfel, o escritor Hélio Pólvora⁴² escreveu-lhe um réquiem: “Elvira Foepfel — um pouco de sonho se vai”, no qual diz que o amor dela pelas letras foi o responsável pela chama com que alimentou a vida.

Pólvora considerava-a uma escritora que teve a consciência exata da literatura, sem exageros, na medida certa, fadada, porém, ao desconhecimento por não ter seguido o “espírito da época”, por ter-se deixado levar pelas inovações de princípios estéticos, perdendo, com isso, espaço dentro do círculo literário. Aliado a essa nova estética, o fato de não ter tido sorte ao continuar sua carreira literária no Rio de Janeiro, depois de sair de Ilhéus, o que a deixou em uma espécie de limbo.

O escritor Cyro de Mattos⁴³ analisa a produção de Elvira Foepfel como um legado literário pequeno, porém expressivo, porque ela se insere em um contexto literário de uma época demarcada, no Brasil, pela falta de procedimentos e elementos de construção narrativa herdados de Proust, Mansfield, Joyce e Faulkner. Além disso, a escritora chama a atenção, porque, apesar de ter nascido no sul da Bahia, não elege o tema da cultura cacauzeira.

Elvira Foepfel não tinha o costume de falar com amigos sobre sua vida pessoal. Poucos foram os escolhidos para suas revelações mais íntimas. No entanto, essas confidências podem ser vislumbradas ao longo de sua obra, quando utilizamos a mesma “arma” que Foepfel usou para se defender: as personagens. Assim, foi possível captar cenas pessoais, pois cada

⁴² PÓLVORA, Hélio. Elvira Foepfel – um pouco de sonho se vai. *A Tarde*, Salvador, 05/08/1998. Suplemento literário, Caderno 4, p. 3.

⁴³ MATTOS, Cyro de. Re: *Situação de Elvira Foepfel*. Depimento recebido por vansalignac@superig.com.br em 14/01/2001.

livro era como um fragmento ou cena de sua vida. É, por exemplo, através da protagonista de *Chão e poesia*, que percebemos a memória a lhe traír: “Confidências não faço. Guardarei minhas mágoas que não são populares. Graças”.⁴⁴

O mundo real, objetivo, material, caracterizou-se pela crueldade que os textos literários sabem tão bem corrigir. Ao longo do tempo, a vida da autora foi marcada pelas perdas: os amores, os livros, o dinheiro, os pais, os amigos, o reconhecimento profissional e o sonho nunca realizado de ter uma casa de própria e cabível. De outro lado, a aparência, a beleza,



Elvira, julho de 1960. (Foto cedida por Frederico e Mathildes Foeppel). [s.l.].

o olhar altaneiro em cada fotografia, a estatura mediana reforçada pelo uso constante de saltos altos, o seu famoso sorriso, seu charme irresistível, sua força interior, junto ao desejo de se tornar uma escritora famosa e de credibilidade no meio literário, formam o conjunto de características que a configuram como uma personalidade forte e extravagante. Por tudo isso, Elvira Foeppel tornou-se esse mistério *quase* apagado pelo tempo.

OS DISPERSOS

Elvira no *Diário da Tarde*

Elvira Foeppel iniciou no cenário literário acompanhando a trilha de várias escritoras do século XIX: elegeu a poesia como o primeiro gênero para se expressar. Sua produção po-

⁴⁴ FOEPEL, Elvira. *Chão e poesia*. Rio de Janeiro: Simões, 1956. p. 12.

Tecendo a arte: a produção literária de Elvira Foeppe

*Não há ninguém para me ajudar, para me ensinar a vida?
– mulheres pensativas eis a tragédia – “não quero ser
uma mulher pensativa” de fuligem a fuligem, de fumaça
a fumaça, de tristeza a tristeza, o tempo se endominga,
fogete claro, em vermelho alaranjado, aos domingos
todos riem seu riso verdadeiro, “esta rua não seria tão
bonita se não tivesse tantas árvores”, um chiar de bichos,
contínuo, contínuo.*

Elvira Schaun Foeppe

ética parece ser pequena, mas deve-se levar em consideração que não temos provas concretas das primeiras produções de Elvira Foepel na juventude (citadas apenas nos depoimentos dos familiares, dos amigos e dos conterrâneos), por isso catalogamos apenas os dispersos encontrados através de nossa pesquisa.

Sob a proteção e o aval de Otávio Moura, diretor do jornal *Diário da Tarde*, Elvira Foepel estreava na cena literária provinciana, com poemas, em 1944. Os traços ou peculiaridades que aparecem em sua escrita nos levam a duas hipóteses: ao dedicar seus primeiros textos a amigos, estava repetindo a fórmula eleita por escritoras anteriores e até contemporâneas; podendo isso, por outro lado, ser uma estratégia para negociar com o público leitor sua aceitação, e evitando a indignação ou a desqualificação por parte dos críticos e intelectuais do pequeno grupo literário de Ilhéus.⁴⁵

Durante o período entre 1944 a 1947, as publicações saíram sempre na mesma coluna, na página 3, sob o título de “Notas Sociais”, ao lado de notas sobre nascimentos, falecimentos, aniversários, formaturas e conselhos domésticos para as mulheres. Essa seção era designada, também, para as produções literárias e teve grandes participações locais como Ledo Ivo, Lourdes Bacelar, Maria Dolores, Jorge Medauar,

Sosígenes Costa, Adalgisa Nery, Camilo de Jesus e Jacinta Passos. Nessa desconfortável coluna, a escritora publicou um total de vinte e oito poemas.

Os primeiros versos de Elvira Foeppe em Ilhéus foram publicados em janeiro de 1944. Foram encontrados dois poemas: no dia 25 saiu publicado “Inquietações”, dedicado à sua amiga Marina Torres, presença constante da adolescência. Movido por essa intimidade, o poema foi a forma que a neófita encontrou para desabafar. Nesse texto, os sentimentos estão relacionados com as partes do corpo, com o intuito de demonstrar o quanto a autora está sensível a tudo que a rodeia, ou seja, a matéria não está desconectada do mundo do sensível: os ouvidos se abriram para as verdades do século, os poros do corpo se fecharam para a embriaguez voluptuosa da sua carne, os pés fugiram ao contato frio da lama, da boca ressoam os gritos de todos os revoltosos para as injustiças e as misérias e, por fim, o cérebro recolhe as inquietações constantes. No dia 29, ela homenageia, com um poema intitulado “A grande melodia”, a Heitor Dias, advogado, posteriormente prefeito de Salvador e senador da República, a quem chamou de mestre, mas que era um ex-diretor da Escola Municipal e muito querido pela comunidade ilheense. Nesse poema, é solicitado que sejam recolhidos ao ouvido do mestre os sons que se perderam sem eco nos ouvidos indiferentes dos homens maus, para que, assim, o cântico da vida pudesse ser percebido.

No dia 2 de fevereiro, sai publicado o poema “Ânsias”, dedicado a uma outra amiga e parceira das incursões pelo teatro, Thereza Vinhães, quando são declaradas as angústias que atordoam a autora – as ânsias causadas pelos abismos da alma, as ânsias da volúpia, ânsias de vencer a carne, as ânsias de estancar os sentimentos, as paixões (às quais o eu-lírico considera pecaminosas) e, finalmente, a ânsia de afogar suas apreensões, suas dores e o abandono do amante. Dando prosseguimento, publica, no dia 5 do mesmo mês, o poema “Egoísmo” e, no dia

⁴⁵ De sua produção poética de Ilhéus foi pesquisado o período de 1939 a 1947, sendo que nos anos de 1939 e 1943 nada foi encontrado.

19, o poema intitulado “Medo”. Esses títulos serão retomados muitas outras vezes pela autora e fazem parte de um motivo que a acompanhou por toda a sua vida literária – os temas existenciais, ligados à busca constante do equilíbrio emocional, à sua sensibilidade a tudo que a rodeava e ao medo (palavra que aparece em, praticamente, todas as suas obras, seja nos contos, seja nos poemas ou nos romances).

No mês seguinte, em março, a autora publicou semanalmente mais quatro produções: no dia 4, “O teu reflexo”; no dia 13, “Que minha memória descanse”; no dia 20, “Eu quisera”, e no dia 28, “Uma obra completa”. O primeiro poema será uma variação sobre um tema que, também, virá a ser recorrente na sua produção – o *outro*. Esse *outro* será visto como um reflexo de si mesma, no qual o eu-lírico busca as sensações de prazer e o encontro consigo, sem parceria nem cumplicidade, em busca de uma identidade. Há, através do outro, a procura de respostas para as suas dúvidas amorosas e, embora tenha consciência de que não encontrará respostas nele, não deixa de se entregar e se tornar submissa, não se recusa a uma situação de agressão íntima, sentimento que ela denomina de “vontade insubmissa”. Às vezes, vislumbra-se que tal submissão está relacionada ao desejo de não ficar sozinha, ao sentimento de desespero por ter de se deparar consigo mesma, com suas angústias e seus medos, evitando, assim, se confrontar consigo, fato que, segundo ela, não suportaria.

Nos outros três poemas, novamente, ela começará a tatear pelos temas existenciais, mas sem deixar de lado a questão amorosa.

Percorrendo o mês de abril, encontramos dois poemas, um no dia 24, “O momento supremo”, com tema existencialista sobre a verdade como uma interseção entre o tédio e o nada; e outro no dia 28, “Extroversão”, registrando a opção de escrever sobre aquelas pessoas que reformam a vida, que buscam a liberdade, exploram o subjetivo e a compreensão divina.

Em maio, saem mais quatro publicações: no dia 6, “Introversão”; no dia 9, “Louco das ruas”; no dia 19, “Aos quatro ventos” e no dia 27, “Taça vazia”. O primeiro traz uma poeta

discutindo seus sentidos, fazendo divagações sobre o seu mundo interior – mais uma vez um tema existencial; o segundo e o terceiro tratam de temas sociais, clamando por um mundo melhor, com pessoas melhores, trazendo a esperança de que haja mais compreensão entre os homens, que a paz seja universal e propõe que se inicie por ela, já que é um ser tão inquieto e tão cheio de dores. Não esqueçamos de que estamos em pleno final da Segunda Guerra Mundial, a atmosfera estava banhada por um sentimento contrito de encontrar a paz. No último poema, o eu-lírico se volta para o vazio interior, conseqüência de sua consciência idealista e esperançosa.

No segundo semestre de 1944, a escritora publicou, no mês de julho, três poemas: no dia 19, “O outro extremo”, anunciando seu modo visceral de enxergar a vida, confessando não ter arrependimentos, porque nada nela é estéril; no dia 24, publicou “Caminho do Infinito”, declarando querer ser ubíqua para conseguir a perfeição através de uma única verdade – o encerramento da vida em seu ser. Finalizando esse mês, no dia 31, “Sozinha não fiquei”, reflete a necessidade de estarmos juntos de outros povos, de sentirmos afinidades com outras pessoas, da importância da irmandade. No mês de agosto, publicou apenas um poema, no dia 14: “Rapsódia dos ventos ululantes”, produção na qual o eu-lírico volta-se contra si, demonstrando a insatisfação por viver de sonhos, porque eles são a causa da decepção com os sentimentos que a deixaram sem pensamentos racionais, sem desejo, sem vida e completamente perdida.

O texto seguinte foi publicado em 5 de janeiro de 1946. O poema “Humanidade” discute a necessidade de a mulher tornar-se companheira, amiga, humana, para, com isso, conseguir alcançar sentimentos mais universais, tais como esperança, felicidade e tranqüilidade, deixando para trás a infelicidade, a revolta e a melancolia, características do sexo oposto – o masculino.

Em fevereiro desse mesmo ano, a autora dá início a uma seqüência de poemas cujos temas estão relacionados com os resultados da Segunda Guerra Mundial, que havia terminado

em 1945. No dia 2, publicou o poema “São os outros homens de agora”, confirmando que todos nós estamos em busca do renascer: diminuíram o sofrimento, a tristeza, os gritos de dor, extinguiram-se os homens cansados, sofridos, o ódio, as palavras e gestos inúteis; virão novas doutrinas, novos idealismos e novas gerações, agora são outros homens, outra geração.

Depois dessa publicação de fevereiro, Foepfel só veio a publicar em novembro, “O poema das mãos esquecidas”. Nele, a autora celebra a impossibilidade de escrever e acusa o pesado fardo de viver a culpa do sentimento dessa impossibilidade. A autora percebe que suas mãos estão inúteis, vazias, paralisadas, ao mesmo tempo em que reconhece não poder se calar. Bastante sintomáticas são as publicações do mês de dezembro, começando por um poema intitulado “O milagre da vida”, como símbolo de renascimento e vida nova, momento em que podemos perceber uma aproximação, uma afinidade, da poeta com o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Em seu último ano em Ilhéus, 1947, e, conseqüentemente, da sua colaboração no *Diário da Tarde*, a autora escreveu, ainda, em 13 de janeiro, “Não há bastante ternura”, um poema que fala sobre a falta de compreensão com as crianças abandonadas, sem infância, iniciando a adolescência em meio a tantas frustrações, lutando na vida como se fossem adultos. Crianças que representam uma nova geração, fecunda, corajosa, mas que estão abandonadas e sem ternura.

Em maio, no dia 26, publicou um único poema no periódico, “Olhos profanos”, demonstrando a decepção com coisas que não consegue perceber, como “a luz crescendo mansa e serena nos lagos”, em contraste com a dor de poder ver as mesmas coisas envelhecidas, as mulheres sozinhas, os homens sem amor e a tristeza de não poder ter olhos imunes a tudo isso.

Encerrando o primeiro semestre, em junho, aparecem mais três poemas: no dia 12, embora se comemore o dia dos namorados, parece não ter tido nada de especial a festejar no momento, ao contrário, a publicação intitulada “Incompreensivo”, traz de volta o velho tema da incompreensão humana, a indiferença do

outro para com ela. No dia 17, publica “Pensamentos”, poema que expressa uma avaliação social sobre tudo que viveu, suas experiências, demonstrando sua eterna inquietação com a vida, principalmente, ligada com a realidade, analisando a situação de todas as pessoas: das crianças desabrigadas; dos poetas pálidos, que perambulam pelas ruas em busca de liberdade; das mulheres que amaram, pecaram e se redimiram; das pessoas cegas de espírito; dos velhos; dos débeis; dos paralíticos e dos homens sem teto, sem pão e sem amigos, justificando que assim se torna pura, forte, boa, útil, mansa, podendo, com isso, escrever um poema. E no dia 28, publicou o poema “A lâmpada apagada”, no qual é comentada a impossibilidade de as pessoas perceberem sua condição estática, parada, sem reação, logo buscando justificar-se pelo silêncio de sua alma, pelo apagamento e esquecimento de si mesmas.

A jovem literata finaliza sua produção poética em sua cidade natal e sai em busca de um lugar maior, deixando de lado a incompreensão, a tristeza, a decepção com a vida e com a sua cidade, encerrando as humilhações pelas quais passara e evitando o sentimento que as pessoas não faziam questão de esconder – a rejeição.

Elvira no Rio de Janeiro

É provável que, mais madura profissionalmente e gozando do apoio de alguns amigos de Ilhéus que também migraram para o Rio de Janeiro, além dos novos amigos que conquistou na capital do país, Foepfel tenha passado a frequentar os ambientes escolhidos pelos seus colegas e iniciado contatos com outros escritores e escritoras da geração dos anos 50. Também, entre eles, conheceu editores e ilustradores de textos, os quais se transformaram em ponto de referência para principiar a carreira literária na capital da República, do centro cultural do país na década de 1950.

Por sentir-se mais segura e por poder explorar os mesmos motivos, Foepfel mudou de gênero literário. Sendo assim, ousou

e elegeu o conto como motivo de estréia nessa empreitada, mas voltando-se, logo depois, para a poesia. Além disso, aceitou um segundo desafio, o de ser articulista e cronista, e, finalmente, enveredou pelo romance. Elvira Foeppel conseguiu circular em, praticamente, todos os gêneros literários, deixando-nos, novamente, entre duas hipóteses – a circulação por gêneros literários diversificados seria uma busca para encontrar a forma de expressão adequada de desdobramento de divulgação de suas idéias, ou teria sido motivada, unicamente, pelo fato de que, naquele momento, havia muito espaço nos periódicos que iniciavam uma nova formatação, a remodernização do pós-guerra, abrindo espaço para narrativas curtas (crônicas e contos) e artigos críticos.

Em 1948, quase um ano após estabelecer-se no Rio de Janeiro, Foeppel publicou o seu primeiro texto na revista semanal mais famosa em circulação por todo o país, *O Cruzeiro* (na época, dirigida por Antônio Accioly Neto); sua colaboração, no entanto, foi pequena, pois entre os anos 1948 e 1956 a escritora escreveu seis textos. Também foram encontrados mais nove contos em outra revista semanal, *Carioca*, (dirigida por Heitor Muniz), no ano de 1950; nos anos seguintes, entre 1959 e 1964, a autora escreveu para a revista mensal *Leitura* (dirigida por Barboza Melo) mais oito textos, entre contos, poesias e artigos e, em 1972, na revista *Importante*, publicou mais um texto.

A colaboração para a revista *O Cruzeiro*

Nessa revista, foram pesquisados os exemplares desde o ano de 1947, data da chegada de Elvira Foeppel ao Rio de Janeiro, até 1975, ano em que o periódico saiu de circulação. Nesse semanário, encontramos textos a partir de 1948, porém, nesse ano, apenas um conto foi publicado, “Certeza de amar”, ilustrado por Armando Moura. O conto traz uma curiosidade: foi o único

encontrado, até agora, no qual a escritora assinou o seu nome completo - Elvira Schaun Foepfel. Antes e depois dessa data, todos os textos localizados (com exceção de um poema no jornal *Diário da Tarde*, no qual ela assinou Elvira S. Foepfel) tinham a assinatura abreviada, como iria ser conhecida - Elvira Foepfel.

No conto acima citado, "Certeza de amar", a protagonista, Luísa, em uma tarde, enquanto se arrumava para encontrar-se com um amigo, Alfredo, pelo qual está apaixonada, rememora sua vida: a infância, a escola e a convivência com a mãe. Ela tem vinte anos, é uma jovem sem rumo, insegura, não tem ânimo para mudar seu caminho, apesar de saber que dentro dela existe uma força capaz de alterar a sua situação, mas que, naquele momento, encontrava-se inerte. Alfredo é um estudante de engenharia que mora com amigos e que a vê como uma grande amiga, ela, no entanto, o tem como seu porto seguro, aquele que a protege do perigo de outros homens, porém, o perigo maior que a ronda está dentro dela mesma e não fora. O conto não desenvolve uma trama com seqüência de começo, meio e fim. A narrativa volta para o presente e para o passado a todo momento.

Após dois anos sem publicar em *O Cruzeiro*, em 1950, a escritora retoma as suas atividades. O mês de janeiro iniciou-se com a publicação do conto "Um estranho vôo", ilustrado por Orlando Mattos.⁴⁶ Trata-se da história de uma mulher relatando suas experiências como piloto civil, lembrando seu oitavo vôo de instrução, com a sensação de que só faz coisas por obrigação e não entende o porquê de ter escolhido essa atividade, uma vez que não gosta de acordar cedo. Ela relembra que gostava de dar vôos rasantes pela cidade, a fim de descobrir sua casa e observar a mãe e os irmãos menores, com caras tristes e pálidas, tal qual ela também haveria de ter, não fossem suas aspirações e perspectivas, seu jeito diferente de ser. Mesmo sentindo medo, ela não cede ao impulso de desistir porque, se

⁴⁶ No início desse conto que localizamos, as páginas estão mutiladas, não permitindo a leitura na íntegra, mas, no trecho que se encontra legível é possível constatar esta estória.

assim fizesse, todos duvidariam da perícia feminina, rumores e comentários que ela gostaria de evitar. A segurança para pilotar ela só conquistou após o vigésimo voo.

No segundo semestre, após uma lacuna de dez meses, Foepel publicou o conto “Rotina”, ilustrado por André Le Blanc, cujo enredo desenvolve-se a partir da visão de uma mulher casada que se encontra infeliz com a rotina imposta pelo casamento, cujo único objetivo é servir ao marido e arrumar a casa, preparando-a para receber os amigos dele. Ela não vê sentido em sua vida de casada, porém, ao tentar pensar em reverter a situação, lembra das inúmeras mulheres que gostariam de estar no lugar dela e desiste, deixando tudo como está: na mesma monotonia.

Em 1951, brindou o público leitor com o conto “A fuga”, ilustrado por A. Pacheco, cujo enredo é a história de Fernanda, uma costureira de famílias ricas, as quais abusavam de sua compreensão, pagando-lhe em parcelas. Ela é pobre, percebe que não tem futuro costurando e vai passear no cais do porto, pensando sobre as coisas do passado: seus ciclos de angústia, o destino sem rumo, sem dinheiro e, agora, sentindo frio, apenas imaginando como seria fugir de tudo aquilo. Lembra-se de Cláudio e treme de ódio pela sua desconsideração ao tratá-la com desdém, depois de tê-la desvirginado, deixando-a no ‘pecado’ à mercê dos aproveitadores. Depois, lembra-se de que tudo que ele fez foi com a permissão dela e que muitas outras vezes a lhe dizer malícias hoje, estão a confundi-la e fazem com que ela não mais reconheça o culpado por sua sensação de abandono: seria mesmo Cláudio ou ela, quem permitiu a situação?

No ano imediato, em 1952, a contista encerra sua colaboração em *O Cruzeiro* com o conto “Amor de mulher”, ilustrado, novamente, por Andre Le Blanc. O conto narra a história de uma mulher casada que observa o marido lendo o jornal e percebe que não sente mais amor por ele, o sentimento que a impeliu para se casar. Ela se acha ridícula, porque fica a observá-lo, pensativa quanto aos mistérios que ele guarda, percebe o quanto está sendo infantil ao mostrar-se fragilizada. Encosta-se na vi-

draça, olhando a chuva que cai no jardim, e sente saudades do tempo em que passeava com o marido e não “pensava”. Quando o marido não está em casa, ela deleita-se, buscando na leitura um afastamento do passado e do presente, de sua própria vida, até que sente a náusea se aproximar e percebe que já está chegando a hora de o marido chegar. O que a incomodava não era o marido, mas o que ele representava: a monótona função de esperá-lo, ser dona-de-casa de hábitos imutáveis, percebendo que isso é o motivo pelo qual via destruído seu amor por ele. Mesmo assim, tinha medo de perdê-lo e desejou que eles se entendessem e, ao ouvi-lo chamá-la de “meu bem”, sentiu que essas palavras de carinho a atingiram tão profundamente que a fizeram sentir-se uma mulher cheia de amor.

Para demonstrarmos a importância da colaboração de Elvira Foeppe na revista *O Cruzeiro*, basta citarmos Rachel de Queiroz, quando comentou ter sido colaboradora na revista *O Cruzeiro* até o seu fechamento, em 1975. A própria escritora ratificou a importância da revista para a divulgação e fixação do nome de um escritor, acrescentando que o periódico era a interseção entre o desconhecimento e a fama. Em sua biografia, *Tantos anos*,⁴⁷ ao referir-se ao período em que trabalhou com Assis Chateaubriand no antigo jornal *Diários Associados* e, a seu convite, logo depois, na revista *O Cruzeiro* comentou:

O Cruzeiro dava aos seus colaboradores uma projeção muito maior que os artigos de jornal. Era a revista mais lida do Brasil, a mais bem-feita. A equipe da redação tinha a chamada fina flor do ofício, como David Nasser, o grande fotógrafo Jean Manzon etc.

Colaborando com a revista *Carioca*

⁴⁷ QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luísa de. *Tantos anos*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.

No ano de 1950, a produção de criação ficcional da escritora foi intensificada, pois Foeppel escreveu para a revista *O Cruzeiro* e colaborou com a revista semanal *Carioca*. Embora por um curto espaço, de março a maio, percebemos que, nessa revista, a escritora estava muito preocupada com temas do cotidiano. Inicialmente, publicou, no dia 3 de março, “O temor de Bárbara”. Bárbara é uma bela jovem que apresentou uma séria crise nervosa por causa do término do noivado. Ao chegar ao hospital gritando, foi imediatamente amarrada, mas não aceitava a sua situação, porque nenhum médico lhe explicava a sua condição de doente. Nem mesmo seu noivo, Carlos, ia visitá-la. No dia 23, em “Volta para casa às 6”, narra os momentos de espera de uma mulher em um ponto de ônibus: está voltando do trabalho; enquanto está em pé, na fila, observa as nuvens e a conversa das pessoas.

A partir de abril, recomeçam as publicações: no dia 14, “Uma menina loura”, a personagem mostra preocupações maternas ao salvar uma criança de um atropelo. A menina chama-se Léa, é loura de olhos azuis, e estava brincando na rua, quando, da janela, a narradora percebe que um caminhão estava desgovernado na estrada, logo, corre e salva a criança. Todos esse contos foram ilustrados por J. Ribeiro.

No mês seguinte, maio, no dia 25, publicou o conto “Indecisão”, no qual Regina, ao lembrar-se de um encontro com o namorado Roberto, fica triste porque não sente mais amor por ele e, sim, amizade, afinal, já o conhece há vinte e cinco anos. A personagem repensa a sua vida e resolve conversar com a mãe. Esta aconselha-a a ficar com ele por representar um porto seguro, lembrando-lhe que a maior ventura da mulher é ter um lar feliz e ser mãe. Ser solteira significava liberdade, mas, também, é sinônimo de solidão. Assim, Regina concorda com a mãe e vai ao encontro de Roberto dar-lhe a resposta afirmativa ao pedido de casamento que ele havia feito.

Em 14 de julho, saiu o conto “Amor que se renova”, iniciando com Eliete, a personagem, em um restaurante, à espera do namorado, Mário, que sempre se atrasa para os encontros.

Eliete decidiu marcar um jantar para dizer a Mário que não suportava mais aquele namoro, pois ele se mostrava, ultimamente, bastante diferente, motivado ou por ter encontrado outra mulher ou por não gostar mais dela. Logo, o encontro seria para tirar as dúvidas que a atormentavam e dizer a ele que, assim, ela não queria mais continuar o relacionamento. Porém, ao ver Mário chegar, mesmo atrasado, percebe que não terá coragem de lhe dizer coisa alguma, porque o culpado do fracasso da relação é ela própria que sempre demonstrou um grande amor por ele, não o deixando ter o mesmo sentimento com a mesma intensidade. Mário beija seus dedos, desculpendo-se pelo atraso e Eliete reconhece que o sofrimento de semanas dissipara-se, tudo pode se renovar, inclusive as coisas deterioradas. Fica alegre ao tê-lo de volta. Enquanto pensa, começa a chorar sem se preocupar com o que Mário irá pensar, pois tem certeza de que ele entenderá as lágrimas: era a intensidade de seu amor.

No dia 31 de agosto, publicou "O pretinho João", sobre um garoto negro, de 12 anos de idade, que todos os dias passava pela janela da narradora e dava-lhe um sorriso. Um dia, ela o chamou para conversar e ele lhe contou que era órfão e tinha sido criado pelo tio Pedro e pela esposa dele, Tia Eufrásia. Ela percebeu que João andava roto, de pés descalços, visivelmente abandonado, e passa a ajudá-lo dando-lhe frutas e doces, até que um dia o menino some e ela fica sem ter notícias, imaginando onde estaria aquela criança.

Em 14 de setembro sai uma crônica, "Dias de férias", contando sua ida a Ilhéus, suas primeiras impressões desde a janela do avião de onde podia ver a catedral que ainda estava em construção, mas já era orgulho da cidade; o colégio das madres ursulinas, onde estudou quando era criança, e a beleza da cidade vista do alto. Ao desembarcar, estão à sua espera sua mãe, a lhe fazer mil perguntas sobre o pai, que ficara no Rio de Janeiro, e os amigos, cuja recepção deixa-lhe a boa impressão de todos e saudades de sua infância passada na cidade. No

dia 29, Foepfel publicou o conto “Sempre o amor”, contando a história de Amado, um homem que retorna ao lar anos após ter sumido. Sua esposa o esperou todo esse tempo sem perder as esperanças, guardando seu corpo para ele.

Foepfel retorna dois meses depois, em novembro, no dia 16, com outro conto “Breves momentos”, no qual a narradora, Luciana, está em pé, dentro de um ônibus lotado, pensando na mediocridade da sua vida: não gosta do trabalho, os amigos não são leais, é órfã, não tem dinheiro para se alimentar direito, muito menos para diversão. Até que, em um determinado ponto, o ônibus fica um pouco mais vazio e ela encontra um lugar para sentar. Ao sentar-se, repensa seu pessimismo diante da vida e percebe que não é tão ruim assim, pois que ela só se questiona sobre isso quando está em situação de desconforto ou de ansiedade. Após esse sentimento ser dissipado, vê que podem existir prazeres simples, como o de andar de ônibus sentada e não em pé.

A localização dessas publicações foi fruto da pesquisa nesse periódico nos anos de 1947 a 1956, sendo que o arquivo dos anos de 1947 e 1948, 1951 a 1956, está praticamente destruído, não sendo viável resgatar os textos que, possivelmente, foram publicados. Efetivamente, apenas tivemos acesso aos anos de 1949 e 1950, em que encontramos os textos citados.

Sua contribuição para a revista *Leitura*

Entre 1959 e 1964, Elvira Foepfel esteve colaborando na revista mensal *Leitura*, com contribuições de gêneros literários variados.⁴⁸

Em *Leitura*, a primeira colaboração encontrada data de abril de 1959. “Poema” traz como tema a denúncia da existência de poucas pessoas que rezam, justificando seus atos e situações insanas, enquanto não vêm em torno de si muitas pessoas com

fome; os heróis são tristes e os negros (aleijados) são caçados: “isto: são poucos que rezam: / plurais de espigas / plurais de nome, / plurais de fome”. Os temas e motivos poéticos da autora dificultavam o seu sucesso nos periódicos, pois essas revistas e jornais misturavam o trivial e o cotidiano, com a finalidade de “deleitar” o leitor.

Ainda nesse ano, em novembro, a escritora publicou uma outra composição poética, também intitulada “Poema”, trabalhando com o tema da contradição entre o sonho de um menino e a insensibilidade da humanidade que não consegue perceber-se rebelde, malvada e cansada. Em fevereiro de 1960, apareceu o conto “Fracasso”, ilustrado por Elena Frassi e que, nesse mesmo ano, foi publicado em sua coletânea *Círculo do medo*.

Pouco tempo depois, a escritora transformar-se-á em dublê de crítica literária. Saem, em seguida, três resenhas no ano de 1961: com os títulos “Clarice contista”, no exemplar do bimestre de janeiro e fevereiro, uma crítica sobre o livro de contos de Clarice Lispector, *Laços de Família*, elogiando-lhe a precisão da escrita, seu alto nível vocabular, a humanização das personagens femininas nos contos, comparando-a a Virgínia Woolf. A revista do mês de maio trouxe outra resenha crítica: *Acusado de homicídio*, contos de José Louzeiro, elegendo a linguagem como foco da análise crítica. Nos contos *Depois da luta e Acusado de homicídio*, evidenciam-se os sentimentos de ódio e de desprezo que emergem na sociedade contemporânea.

⁴⁸ Como não tínhamos pistas de um período específico em que a escritora pudesse estar escrevendo nessa revista, a nossa pesquisa deu-se entre os anos de 1957 a 1966, com alguns intervalos, causados pela ausência ou pelo péssimo estado de conservação de alguns números, não sendo permitido, pela Biblioteca Nacional ou pela Biblioteca da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ – Instituto de Letras), o manuseio dos outros volumes. Do ano de 1957, apenas pesquisamos o período de junho a dezembro; no período de 1958 a 1961 a pesquisa foi completa, de janeiro a dezembro; no ano de 1962, só encontramos o número 66, do mês de dezembro; do ano de 1963, apenas não conseguimos os meses de junho e julho; no ano de 1964, a exceção ficou a cargo dos meses de abril a julho e dezembro; já no ano de 1965, a pesquisa ficou restrita aos meses de maio e junho e, por último, no ano de 1966, só conseguimos os meses de janeiro, fevereiro, agosto e setembro.

Encerrando o ano de 1961, na edição de setembro, no artigo “O poeta Walmir Ayala”, Foeppel faz a análise da obra envolvida em carinho, enaltece os atributos artísticos do, então, jovem poeta porto-alegrense, representante da “nova geração brasileira em teatro de vanguarda”, um escritor de “obras de fundo psicológico e teológico também”.

Há um breve intervalo e, em 1963, volta a publicar mais um conto “É preciso experimentar a morte”, que tem início com a personagem Dona Laura conversando com Sr. Francisco, cujo filho está doente e com péssima aparência. Enquanto olhava o filho e ouvia a mulher, Sr. Francisco pensa no quanto ela era porca, patética, cara de “vagabunda” e deseja que ela morra no lugar do filho, porque achava que ela ironizava sua condição de pai desesperado. Observando o filho em sua debilidade, Sr. Francisco continua a olhá-lo e percebe traços da morte se aproximando, seus olhos vazios, meditando que qualquer dia não suportaria aquela situação e cederia a essa luta, pois já estava cansado e cheio de raiva:

O filho no chão uma cabeça disforme e cega, as pernas mais moles e escuras, cada vez mais moles e cinzentas, inertes na areia como gravetos, então espavorido o pai vai tecendo seu ódio incapaz de recuar mais, neste trabalho de morte.
— *É preciso experimentar a morte. É preciso.*

O interessante nesse conto é que a escritora assinalou em nota de pé de página que esse fragmento era parte de um romance em preparo, ainda sem título, um novo romance a publicar. No entanto, não se tem conhecimento se aconteceu. Sem o título, dúvidas pairam no ar: seria este o datiloscrito de um suposto texto entregue para publicação à Editora Leitura, cujo título era *Memória nua* e que foi perdido no incêndio da editora? Ou faz parte do romance *Íntimos da morte*, manuscrito em poder dos familiares e não cedido para consulta? Ou um livro nunca encontrado, porém citado pela autora em uma carta ao poeta e contista Cyro de Mattos, intitulado *Experimentos de arroz*? Não encontramos resposta para mais esse enigma.

A última publicação de Foepfel, encontrada na pesquisa da revista *Leitura*, foi no ano de 1964, “Madeira feita de cruz”, uma resenha crítica sobre o lançamento do romance de Nélida Piñon, de título homônimo. Nesse artigo, Foepfel acentua o tom místico da escritora, o cuidado com a linguagem e afirma que “ela mostra uma visão integral do mundo filtrada na falação exaltada de seus personagens”.

Participação na revista *Importante*

Nessa publicação mensal, a pesquisa abrangeu os anos de 1971 a 1974. Também, por ter seus números incompletos, os volumes encontrados não obedecem a uma ordem cronológica.⁴⁹

O último texto disperso encontrado nessa revista, em 1972, intitula-se “Homem branco num mundo sem cor”, conto ilustrado por Paulo Carvalho. Nesse conto, o narrador fala de si próprio, sobre a sua imagem repugnante, descuidada, não se considera importante para a sociedade, gosta de solidão, poucas coisas sabe fazer na vida, com exceção de dançar, seu único prazer.

Participação em antologias

Entre os anos de 1977 a 2000, Elvira Foepfel foi contemplada por seus conterrâneos e amigos com a inclusão de textos em organizações de coletâneas e antologias poéticas ou de contos.

Telmo Padilha incluiu-a em sua coletânea, preparada em 1977. Para tal, a autora enviou-lhe o poema “Entrega”,⁵⁰ em duas versões com o mesmo título. Em ambos os poemas intitulados “Entrega”, somos remetidos a dois conceitos: o primeiro, o do verbo transitivo, significando dar, restituir, entregar-se inteira-

⁴⁹ De 1971, tivemos acesso apenas aos números 135 e 136; de 1972, aos números 137 a 142; do ano seguinte, 1973, aos números 143 a 148 e, por último, de 1974, aos números 149, 151 e 152.

mente para alguém, e o segundo significado, o do substantivo, a ação de entregar, transmissão, rendição, ou seja, ambos, trazem a idéia da doação. A segunda versão de “Entrega” é um recorte da primeira, dando-nos a possibilidade de perceber uma ratificação da outra, uma vez que esta retomará um estágio anterior, como se a partir de determinado momento, o eu-lírico feminino tivesse um *insight*, uma conscientização de sua situação de dependência amorosa, o protesto íntimo de uma mulher que não vê solução para desfazer o momento incômodo em que se encontra, porque ela não consegue reunir forças para realizar tal ato.



Elvira Foepfel. Rio de Janeiro. [s. d.]. (Foto cedida por Marta Foepfel).

No ano de 1978, Elvira Foepfel, mais uma vez, colaborou com outra coletânea organizada por Telmo Padilha intitulada *O moderno conto da região do cacau*. Aparece “O baile”,⁵¹ provavelmente, escrito para o organizador, visto que a narradora está lembrando sua vida de estudante, ainda menina, em uma cidade de praia, e os tempos em que conversava com o pai, seu grande amigo, hoje, envelhecido e com problema nos rins (“dias mortos, eis o passado”). A menina teve uma infância pobre, mas conviveu ao lado das primas ricas, às quais visitava aos domingos e cuja futilidade ficava observando - preocupação com as sobranceiras, as unhas, as luvas impecáveis, as casas muito bem decoradas, todas belas e muito falsas. O sonho dela era freqüentar os famosos bailes de sábado à noite, aos quais

⁵⁰ FOEPEL, Elvira. Entrega. In: PADILHA, Telmo (Org.). *Poesia moderna da região do cacau*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 108-10.

⁵¹ FOEPEL, Elvira. O baile. In: PADILHA, Telmo (Org.). *O moderno conto da região do cacau*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1978. p. 80-6.

as primas iam, e esse era o único motivo pelo qual ela sentia inveja das parentas, até que cresceu e ganhou a permissão do pai para freqüentá-los. O resultado foi decepcionante – não era nada do que ela pensava (“isto é um baile?”) – o que ela podia observar é que havia várias pessoas, homens e mulheres, sendo disputados como se fossem objetos sem valor e constata que, na verdade, está a olhá-los como se “estudasse glândulas num cadáver”. Decide, então, não ser escolhida por ninguém: “Pensa arrogante: – não me deixarei manobrar por estes homens, não serei a escolhida, escolherei, quero aquele”.

Quase dez anos depois, Euclides Neto também organizou uma coletânea de contos, *Novos contos da região cacaueira*,⁵² em 1987, publicando da contista grapiúna um conto sem título. A história é a de um homem angustiado com a sua liberdade, que lhe tem provocado náuseas. Hoje, tudo é diferente da época de sua infância, quando ninguém lhe prestava atenção. Fica horrorizado por saber que todos o julgam, que ele deve dar satisfações de cada atitude sua e de cada comportamento seu. Deseja ter de volta a liberdade que possuía na infância. É um homem ‘perdido’, que oscila de um extremo a outro, envelhecido, não pela idade, mas pelo sentimento que nele aflora – tudo o incomoda, a barriga, a perna, o corpo gorduroso. Ironicamente, o narrador buscou desenvolver a situação angustiosa do personagem, como homem, a partir de um atributo entendido como elemento de constituição da esfera feminina: a fragilidade diante da vida e diante dos anos que passam:

Quero renascer aqui, neste instante, seguindo uma linha pacífica e calma, onde coisas já aconteceram horríveis, rompendo a película da paz macia. Voltar a ser menino, sim, aquele tempo, as cigarras no jardim com seus cantos amanteigados, e os escrúpulos de ver e ouvir bichos de claro vozear, de olhos quietos, se acostumando a amar legítimos nos chãos numa

⁵² FOEPPPEL, Elvira. In: NETO, Euclides (Org.). *Novos contos da região cacaueira*. Brasília-Itabuna: Horizonte: PACCE, 1987. p. 53-6. Euclides Neto é imortal da Academia de Letras de Ilhéus.

tranqüilização de rumos, ali, naqueles quintais, onde meus segredos se guardavam em desordem e hostilidade para os adultos hipócritas. O menino que fui sacudiu dedos, sacudiu dentes, riu e ninguém atentava nele (...)

Mais uma produção, desta vez, a pedido de Cyro de Mattos, que estava organizando uma coletânea de crônicas sobre Ilhéus. Elvira Foeppe enviou-lhe dois textos,⁵³ “Ilhéus – sol absoluto e beleza” e “Ilhéus – poema de amor e memória”.⁵⁴ A primeira crônica, “Ilhéus – sol absoluto e beleza”, foi publicada na revista *Exu*, editada da Fundação Casa de Jorge Amado, de 1991, número 19, e nela a narradora descreve a cidade no verão, no período de férias, portanto, de muitos visitantes. Toda a descrição é centralizada em uma hora determinada, 9 horas, em plena manhã de sol, e a narradora, maravilhada com a visão que tem da cidade, confunde-se com os visitantes ao mesmo tempo em que seu olhar está atento para analisar a cidade que os outros não vêem. Na segunda crônica, “Ilhéus – poema de amor e memória”, Ilhéus é um caso de amor, a narradora diz que não importa o lugar em que ela nasceu, seu registro na memória é o da cidade que primeiro a acolheu: “Nasci aqui, Ilhéus ou (acolá)? entre dois ciprestes... Que importa a família vegetal que acolheu o meu primeiro sorriso? Nasci aqui, Ilhéus ou acolá?”. Embora a cidade lhe traga, através das lembranças, o sofrimento na ‘pele’ e no ‘coração’, Ilhéus é a cidade da infância, o mito criado pela memória, justifica-se, portanto, para o eu-lírico, a criação de um poema de amor em homenagem à cidade.

Além de textos inéditos, houve também republicações, a exemplo do conto “O aleijado”, publicado na antologia organizada por Cyro de Mattos, *O conto em vinte e cinco baianos*, editado pela Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, no ano 2000. Finalizando a pesquisa de levantamento

⁵³ Estes originais nos foram entregues para compor a pesquisa por Maria Schaun.

⁵⁴ Ambos os textos encontram-se em Cyro de MATTOS (Org.) *Ilhéus de poetas e prosadores*. Salvador: EGBA, 1998. 51-5.

bibliográfico da produção impressa da escritora Elvira Foeppe possível de ser encontrada no tempo hábil da pesquisa, restamos apenas registrar e comentar os romances lidos.

Todos os textos pesquisados em revistas na cidade do Rio de Janeiro e na cidade de Ilhéus, especificamente, foram encontrados nos acervos da Biblioteca Nacional, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e no Arquivo Público de Ilhéus, além da consulta à biblioteca pessoal do escritor Cyro de Mattos. Os familiares informam que *deve* haver uma grande produção da escritora que, todavia, ainda não foi encontrada, porque eles não têm certeza de em quantos jornais e revistas Foeppe colaborava, nem em quais períodos, o que tornava nossa pesquisa um pouco lenta, uma vez que temos de vasculhar, tateando, todos os acervos de periódicos mensais ou semanais, publicados no Brasil, dos anos 1947 a 1970.

Além das revistas nas quais conseguimos os textos coletados na pesquisa, outras revistas foram citadas pela família; no entanto, no período lembrado pelos familiares, nada foi encontrado. Exemplo disso são a revista *Senhor*, na qual pesquisamos os anos de 1959 a 1963, com variações de números: em 1959, a busca foi dos meses de março a dezembro; de 1960 a 1962, todos os meses, e de 1963, de janeiro a maio, de agosto a dezembro, e a revista mensal *Chuvisco*, na qual foi investigado o mês de junho de 1965 e os anos de 1969 a 1971, equivalentes aos números de 119 a 134.

O trabalho cuidadoso e, conseqüentemente, vagaroso, forçou-nos a deixar a pesquisa nos periódicos diários, os jornais, e em outras revistas, como *A Cigarra*, *A Noite*, *Noite Ilustrada* e *A Casa*, para outra oportunidade.

OS LIVROS

Os fragmentos elípticos de *Chão e poesia*

Elvira Foeppe realizou o desejo de passar para a posteridade

quando, em 1956, teve a oportunidade de lançar seu primeiro livro – *Chão e poesia*,⁵⁵ cujas passagens, em muito, vão lembrar momentos de sua vida pessoal. É a proclamação de um auto-discurso interior.

Chão e poesia é uma espécie de diário cifrado, mescla de

relatos de experiências, de sensações e fatos. Podemos, através dele, divisar a Elvira escritora e a Elvira pessoa, ou seja, Foepfel situa-se no texto, através da traição narrativa, consciente ou inconsciente, da memória. Diversos trechos relembram e rememoram, ficcionalmente, o drama vivido pela autora, como as discussões com a mãe, Eulina:

Minha carne não esquece a conversa dolorosa de ontem com minha mãe. Pequena, sem devassada inteligência do mal. – ‘Lamento tudo isto. Você precisa dar um jeito. Todos já sabem e assim nos envergonha. Eu lá dei educação para tal, minha filha. Para você arranjar um amante? Tem que acabar esta vida! E o fim, já imaginou seu fim?’



Embora seja a própria narradora, a personagem deixa transparecer as próprias lembranças que se

⁵⁵ FOEPPPEL, Elvira. *Chão e poesia*. Rio de Janeiro: Simões, 1956.

mesclam com as vivências da escritora, dando ao livro um certo tom de autobiografia, variando com pensamentos, alguns de tom filosófico. O título nos dá a idéia dessa passagem entre o real e o ficcional, o imaginário, através da memória: *chão* indicia o concreto, o real, um caminho a percorrer para chegar a algum lugar ou a lugar nenhum — “a última morada” — e *poesia* é a abstração, o deleite, o espaço encontrado como refúgio ou vivência da palavra, da palavra trabalhada, da construção, uma vez que suas ações são questionadas ou incompreendidas pela realidade. Há, concomitantemente, uma polarização — concreto (chão) / fluido (poesia) — tendo a palavra como intermediadora, porque tudo está preso à palavra, uma vez que é através dela que se denuncia a incompreensão.

Nessa produção híbrida, percebemos uma narrativa em primeira pessoa homenageando diversos escritores e poetas que tiveram importância em sua vida intelectual. Em especial, há uma homenagem a Jean Paul Sartre, a quem é dedicado o poema abaixo:

*SARTRE? os pecados mortais,
O Arco do Triunfo,
as mulheres semi-nuas,
os poemas de cinco palavras,
os bares subterrâneos.
SARTRE, a história de uma década,
os romances de sal
as peças de um só personagem,
as ruas estreitas,
os beijos mórbidos,
SARTRE, os frutos maduros,
as pinturas vitoriosas,
as leituras ruidosas,
os roubos sentimentais,
sexos livres
SARTRE, oposição de tijolos,
luta brutal das argamassas
pão à boca
e coração à altura de todos.*

Foeppel constrói uma personagem que conta, de uma forma

bastante cifrada, os fatos de sua história pessoal decorridos em um ano, mais precisamente de janeiro a dezembro, provavelmente, do final da década de 1940 ou início da década de 1950, uma vez que traz evidências de um momento vivido e o livro é datado de 1956. São vários os temas recorrentes nessa produção narrativa: I – não sendo mais uma jovem e não ainda idosa, mas uma mulher madura, ela demonstra preocupação com a velhice; II – sente paixão em viver, mas reconhece que não domina a vida; III – a fé se confronta, paradoxalmente, com o desejo de transgredir, portanto, de infringir regras, indo contra o sagrado, gerador dos conflitos existenciais da narradora; IV – reconhece que sua escrita é revolucionária, uma vez que quebrou as regras de sintaxe na composição, é consciente de que está desautorizada pela gramática normativa; V – evidencia a dificuldade de se relacionar com as pessoas, por causa da imagem que os outros fazem dela – não fora mãe, não dividira o pão, não fora esposa nem conseguira solucionar suas dificuldades de relacionamento afetivo com o homem com quem convive (Plínio).⁵⁶ Essa variedade temática na narrativa de estréia de Foepfel foi uma das razões de sua inserção em uma literatura extremamente hermética e de pouca aceitação por parte da crítica e das dificuldades quanto à possível formação do público leitor.

Sobre essa primeira publicação da autora, percebemos que ela teve divulgação tímida, só conseguimos encontrar uma nota na revista *Manchete*: “Organizações Simões Ltda. anuncia o livro *Chão e poesia*, Elvira Foepfel, com ilustrações de Santa Rosa. Diário, prosa, poesia e memórias curtas”.⁵⁷

Com relação às críticas recebidas, na orelha do livro *Chão e poesia*, Elvira Foepfel foi apresentada ao público leitor, provavelmente pelo próprio editor que, como é de hábito, faz um comentário sobre o livro. Porém, no caso específico de Foepfel, esse comentário mais parece um consolo de esperança para publicações futuras melhores, do que propriamente uma crítica sobre a obra:

⁵⁶ Plínio é um personagem que reaparecerá no conto “Afinal, lá estava ela”, de sua coletânea de 1960, *Círculo do medo*.

Em CHÃO E POESIA, agora apresentado à crítica, reúne E. F. velhos e novos trabalhos, sendo em sua maioria inéditos. Trata-se, como o leitor verá, de uma espécie de diário, onde a escritora, com inteligência e brilho, anota as reações de seu temperamento face ao mundo e aos acontecimentos. Quase sempre subjetivo, fechado mesmo, este diário, uma vez por outra, mostra, entretanto, as pequenas janelas do mundo de E. F. Mas sempre de relance, como que em relâmpagos. O seu forte, realmente, é o subsolo do temperamento. Ai se encontra a escritora à vontade, como em terra sua, com toda força e experiência. Não se pode, é certo, procurar em CHÃO E POESIA grandes cenas de paisagem ou brilhos de sol. Mas nem por isso deixa E. F. de nos dar cenas fortes e bem marcadas. Estreando agora, não se pode esperar que este livro CHÃO E POESIA seja cura definitiva, de vez que novos trabalhos estão desafiando a escritora baiana a reafirmar, em bases mais amplas, as suas qualidades de temperamento e sensibilidade. De qualquer modo, este livro é um começo. E começo auspicioso, sem dúvida, pois revela uma escritora que se pode colocar, com o tempo, entre os mais expressivos talentos femininos de sua geração.

Cyro de Mattos, em depoimento, também fez um comentário sobre a situação de Elvira Foepel na literatura e a opção por uma obra híbrida:

Com Chão e Poesia, pequeno volume de registros circunstanciais e anotações existenciais, fez sua estréia em 1956, usando o diário para exprimir a sua visão pessoal sobre o mundo e as coisas. Nesses textos breves, já demonstra ser uma escritora preocupada com o indivíduo na condição de existir, comparando ao chão de memórias curtas com pontos de vistas pessoais, circulando entre a introversão e a autodenúncia feita por um espírito inquieto, participante de uma força nova em nossa literatura.

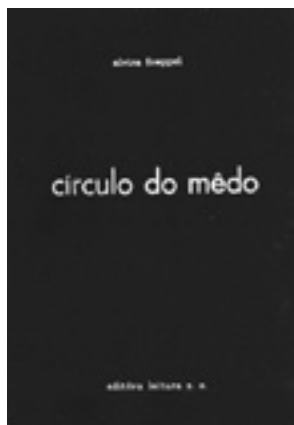
Os contos de *Círculo do medo*

⁵⁷ Revista *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 210, p. 28, 28/04/1956. Coluna *Conversa Literária*.

A segunda publicação de Foepfel é uma coletânea de contos. O título *Círculo do medo*⁵⁸ traz de volta todas as temáticas recorrentes em seus dispersos anteriores. O volume contém treze contos: “O grupo”, “O crime”, “Frio limite”, “Afinal, lá estava ela”, “O novelista”, “Círculo do medo”, “Menino pescador”, “O morto”, “Prosa seca”, “O aleijado”, “O fio metálico do ódio”, “Os filhos mansos” e, por último, “Fracasso”. O título do livro refere-se ao círculo de medos que envolve a vida de todos nós. São medos que se transformam em angústias humanas capazes de mudar a nossa vida nos instantes mais inesperados, nas situações que poderiam ser resolvidas mas, como as personagens estão em seus limites de tolerância, tendem a dramatizar seus sentimentos.

O primeiro conto, “O Grupo”, é narrado em primeira pessoa. A narradora encontra-se em uma festa, junto a um grupo – daí o título – onde ela é observadora dos variados e difusos comportamentos dos membros dessa festa. Inusitadas situações são percebidas, a partir do momento em que ela passa a se deslocar no ambiente, no intuito de observá-lo melhor: as ironias feitas entre eles, as críticas, o desconforto das pessoas no ambiente. É percebida também pela narradora a lascívia das mulheres. À medida que o tempo passa, a angústia da personagem aumenta, ela não se reconhece naquele ambiente e admite que se submete a convites marcados, como as festas, os encontros e as relações sexuais, porque assume ser um fragmento do próprio organismo, se ela fosse “inteira”, conseguiria recusá-los.

A narradora sente o seu descontentamento crescer, ao per-



⁵⁸ FOEPEL, Elvira. *Círculo do medo*. Rio de Janeiro: Leitura, 1960.

ceber o mal-estar de outras mulheres, por estarem em situações inconvenientes, tal como ela. Esse encontro ocorre em casa de amigos, não na residência dela, no meio da semana, para comemorar a Independência do Brasil e, encostada à janela, a personagem observa a noite festiva e os discursos. Em um determinado momento, as pessoas já começam a se despedir entre gracejos e comentários sarcásticos, fazendo com que ela lamentasse ter perdido uma partida de canastra, na casa de sua amiga Helena, para estar ali.

As pessoas embriagavam-se e ela também bebe para suportar o ambiente. Recolhendo-se, encontra-se em uma parede cor de rosa. De um canto da sala, ela observa a monotonia e o descaso das relações e, entendendo cada vez menos o ambiente, gostaria de ter coragem de perguntar sobre a história de cada um dos presentes, a fim de entendê-los melhor. Em sua observação do ambiente, percebe que nada ali tem emoção, muito menos a independência que tanto festejam.

Em “O Crime”, a personagem Dionísio foi um jogador de futebol muito popular durante dez anos, mas, agora, tornou-se um desconhecido. Aliado ao fato de estar incógnito após momentos de glória, encontra-se tenso e com medo, por ter matado, com um tiro no peito, um rapaz que o humilhou.

Revoltado pela traição e ofensa do outro, Dionísio decidiu colocar um revólver no bolso e ir à casa da vítima para vingar-se. Após o crime, observou, durante três horas, o corpo abandonado, sem que ninguém o tivesse descoberto. Deparou-se consigo mesmo, intimidado com a possibilidade de descobrirem seu ato nefasto. Com um intenso suor, angustia-se, logo em seguida, por ter matado tão friamente, levado apenas pelo ódio causado pelo fato de o outro deter um segredo seu, o que motivou a necessidade de matar o amigo e fugir pelas escadas. Dionísio acredita que, se as pessoas descobrirem, pensarão que está louco. Embora esteja com sono, vai a um bar tomar cerveja, lá começa seu remorso, pensando no verme que já deve estar nas entranhas do morto.

“Frio limite” narra a história de um homem que chega em

casa quase onze horas da noite, sentindo-se velho e pervertido. Está doente dos rins, em fase terminal, e relembra sua infância, a ida para a cidade, a saída da casa dos pais, enfim, repensa toda a sua vida e constata que seus dias já foram melhores, felizes. Ele reflete não só sobre a sua vida, mas sobre a sua morte também, percebendo que está solitário e não quer morrer, porém a vida foi determinada antes de ele nascer.

Em “Afinal, lá estava ela”, é narrada a história de uma mulher que está se dirigindo a um encontro amoroso com a consciência de que não se tem escolhas na vida, pelo menos, na dela, que, embora não goste do tipo de relação que tem com o namorado Plínio, entrega-se, sem ter coragem de questioná-lo sobre o relacionamento. Ela se angustia, repensa sua vida durante o trajeto até a casa do namorado: está em um dilema amoroso que lhe permite questionar se quer continuar a relação ou não, mas não tem coragem de tomar uma decisão, de libertar-se do amor de Plínio.

O foco narrativo é de vital importância nesse conto, porque é a narradora quem constata o incômodo da personagem, pois não existem diálogos no texto. A situação é relatada para o leitor, uma vez que a mulher está impossibilitada de tomar decisões ou de raciocinar dentro de uma lógica cartesiana. Ela não compreende o hiato entre eles: ela reconhece para si mesma que o eixo do problema é que ela quer um companheiro e um amante reunidos em Plínio; ele, no entanto, só quer a amante, o corpo dela; portanto, estão em dissonância amorosa.

Em “O novelista”, temos a história de um escritor solitário que vive de lembranças e que se sente infeliz por ter perdido os pais e a primeira namorada, ainda na infância.

O novelista tem dificuldades em construir personagens (ele só tem três) e, conseqüentemente, de controlar os destinos delas. Nunca as coloca como vítimas dominadas ou em situações de descontrole emocional, porque esses sentimentos já lhes pertencem. Abre uma exceção para a personagem feminina que ele constrói como uma mulher frágil, com tendência mórbida, conduzida ao desespero, tal qual ele, ou melhor, ele a constrói

direcionando-a a uma identificação consigo mesmo, baseado na imagem de desconstrução do universo feminino. Ele não quer ser chamado de louco nem de suicida por se debater na construção narrativa. Seu problema é ter pouco talento, ser tímido e ter dificuldade de se explicar e de se expressar.

O novelista tem medo de morrer sozinho, sem os parentes, sem os amigos, sem as amadas, sem os seus heróis e fica a sorrir, pensando no quanto ele é diferente de seus personagens que, apesar de não existirem no plano real, têm mais independência e força do que ele. Ele está cansado, já não pode sonhar, parou tudo, porém, quer ser forte, “arregaçar as mangas”, continuar seu trabalho, criar situações rudes. Todavia, perde a segurança e se conscientiza de que é um blefe, um covarde que só existe a partir de suas páginas escritas, onde pode transformar-se em um personagem corajoso.

“Círculo do medo”, que dá título à obra, é narrado em terceira pessoa e inicia com a personagem consciente da imagem que passou a representar: uma louca que costuma se divertir furando, nas fotos, os olhos dos amigos em um álbum de fotografia. Para ela, cegá-los é a única maneira de fazê-los deixar de falar sobre a vida dela, para, com isso, poderem tornar-se freqüentadores de sua casa.

A personagem imagina uma reunião onde contaria para os amigos o seu passado, suas histórias pessoais e lhes lembraria das histórias comuns a eles. Percebe que está envelhecendo. Com o corpo se modificando, começa a preocupar-se com a passagem do tempo e com a possibilidade de ser esquecida, “arquivada em uma estante”, embora seja a mulher mais jovem de seu meio. A protagonista tem vários conflitos e os vê refletidos nos outros, acreditando que as pessoas falam dela o tempo todo, não percebendo que é ela quem traz à tona os seus próprios problemas – o casamento que não houve; a compreensão alheia que a angustia; a fatalidade da morte e a busca para libertar-se da “gaiola” em que se encontra, porque admira as pessoas que se sentem livres e que não aceitam cobranças. Percebe a fragmentação das relações amorosas. A partir do

egoísmo masculino, percebe o quanto as pessoas estão erradas ao pensar que têm o direito de condenar os outros em nome da religião, da fé, e de acharem que ela é louca, ao mesmo tempo em que reconhece estar impossibilitada de mudar a situação, embora tenha coragem para enfrentá-la. Sabe que, por onde anda, as pessoas a apontam como louca; ninguém lembra que ela está aniversariando e isso a faz ter muita vontade de chorar, mas a única saída encontrada é rezar e pedir a Deus por dias mais puros.

As pessoas têm medo de que ela se suicide, mas ela banaliza o fato e procura conscientizar-se de que a vida é muito difícil, que é preciso ver a vida sem paixão, sem ser tão sentimental. Para a personagem, a vida é um círculo de constantes medos, ela busca livrar-se dele a todo custo, esquecendo, inclusive, as humilhações pelas quais passou e que a fizeram ser medrosa e não arriscar. O círculo do medo é a convivência entre o limite da vida e da morte e, embora a guerra oficial já tenha acabado há muito tempo, ela ainda se encontra no limbo ou no inferno.

Com “Menino pescador” temos a história de um pai zeloso cuidando do filho, aconselhando-o a ter cuidado com o mar violento e com a ponte estragada. Eles estão indo pescar e o filho percebe que o pai tem razão, a ponte está corroída e João, um amigo, quase morreu nesse mesmo trecho. Eles iniciam um diálogo no qual o filho está curioso acerca da vida do pai, ao mesmo tempo em que se preocupa porque ele bebe demais e é muito solitário. Pensa que já está na hora de ele se casar outra vez, pois, aos quatorze anos, ele se sente sozinho, sem mãos maternas, vigilantes, encantadoras, sutis e honestas. O pai responde que a vida dele é de humilhações e de miséria, portanto, é difícil que ele consiga um casamento.

Pai e filho percebem que a água está suja, mas continuam a pescar. Chega um conhecido, Nicolau, e pergunta o que eles fazem ali, o menino responde que estão pescando, porque em casa não há jantar e o pai está cansado. O menino pescador convida o gordo Nicolau para chegar mais perto, mas o alerta do perigo das vigas podres da ponte. Nicolau pergunta por que escolheram

aquele lugar de águas podres e avisa que mais adiante tem um lugar melhor, embora o mar seja mais fundo naquele trecho. Sem um motivo aparente, o menino golpeia Nicolau à traição, que cai no mar e morre. Depois o menino pescador caminha e olha para trás vendo o corpo de Nicolau. Agora, ele não é apenas o assassino de peixes, é também um assassino real.

“O Morto” narra a história de um negro que é encontrado morto no meio da rua por um grupo de quatro pessoas: uma mulher e três homens. Todos estão voltando de um programa sexual e se deparam com o defunto na calçada. Tem início uma investigação especulativa entre eles, para saber quem matou o desconhecido e qual teria sido o motivo. Logo depois, duas outras pessoas juntam-se aos que já estavam no meio da rua e surge uma desconfiança entre eles. Enquanto estão questionando a mórbida situação, eles fazem, cada um, uma análise de suas consciências e repensam e discutem entre si os valores que permeiam suas vidas. Decidem que devem chamar a polícia para denunciar o crime e, ao chegarem à delegacia, relatam o caso. No momento em que estão relatando a história, chega um rapaz chorando, dizendo-se vítima de um assalto. Como os policiais, juntamente com o delegado, estão ocupados, a vítima resolve acompanhar o caso. Ao chegar ao local, a vítima do assalto reconhece o morto como a pessoa que o assaltou e todos o olham como se ele fosse o assassino do negro.

“O Aleijado” inicia-se com uma mãe fitando seu filho sentado no sofá: é um aleijado, de mãos inertes, os braços secos e pequenos demais, um rosto de espinhas e uma proeminência no ombro direito. É uma criança de treze anos, que vive a se arrastar pelo corredor da casa, de voz rouca e de olhar que percebe o desprezo do mundo para com ele. O menino quer ser apenas uma criança normal – jogar bola, correr na rua, segurar copos, mas seu corpo não responde aos seus anseios, por causa das dores.

A mãe padece por assistir ao sofrimento do filho que apenas espera a hora da morte. Não sabe como amá-lo, tem dificuldades em acariciá-lo, está sofrida, insatisfeita, lê orações. Recordase de que o filho nasceu em um dia de chuva. Ela é uma mãe

triste que não vê perspectiva de um mundo melhor para o filho aleijado. Angustia-se ao pensar nos filhos de outras mulheres, que são belos, arrogantes, vaidosos, e gostaria de gritar para o filho correr, sorrir, dormir na grama, sonhar, mentir, mostrar-se inteiro, mas ele sente náuseas do mundo que o rodeia. A mãe chora escondida do filho, atrapalha-se com a angústia dele, e com a sua, porque acredita que, para Deus, ser mãe é símbolo de tolerância, mas ela não se vê como tal. Algumas pessoas a observam e acham que ela não é uma mãe digna, não estava preparada para ter um filho em uma hora indeterminada, fruto de um relacionamento com um vizinho louro. Ela lamenta não poder evitar o choro do filho, ajudar a crescer seus órgãos e cérebro para torná-lo um homem de futuro que acreditará em Deus e amará uma mulher, pois, assim, para ela, seria mais fácil ver os dias passarem.

Dando prosseguimento ao conjunto de breves narrativas, “Prosa seca” narra a história de um casal e suas vivências e expectativas de futuro. Sentem-se pecadores de sexo deprimido, são lutadores da vida, esperam um filho para maio e não têm dinheiro – ele é “metido” a professor e ela é dona-de-casa. Observam uma mulher na rua, Joana, uma mundana em pânico, que teve o marido jogado ao mar. E o casal continua com sonhos desatinados, uma vez que não tem perspectivas de realização – nem eles, enquanto casal, nem seus sonhos.

“O fio metálico do ódio” é a história de uma mulher casada que tem sua vida analisada por um olhar escuso, que observa tudo, desde seu vestido até seu sentimento. Ela se veste de roupas escuras, como se fosse uma forma de se enlutar pelo mundo em que vive, onde ela e o marido parecem dois corpos sem vida. Ela é antipática e curiosa, olha sempre para o marido, pálida, recusando-se, por orgulho, a dizer-lhe que o compreendia indefinidamente. Ele tem queixas dela, da avidez com que esconde o corpo, fazendo de seu desejo um fio vagaroso que conduz ao ódio, transformando a entrega sexual em angústia. Ela deseja ter um novo marido, porque esse que tem era possível amar, mas, compreendê-lo, era impossível. Relembra fatos importantes

na vida do casal, concluindo que o amor pode levar ao crime. Depois de andar pelas ruas, volta para casa acreditando estar sob o olhar atento de outrem, retornando, assim, para uma situação que estava a um fio – o do ódio – do próximo olhar.

“Os filhos mansos”, o décimo segundo conto, é a narrativa de um viúvo, cuja esposa, Virgínia, falecera demente, no mês de novembro, deixando os filhos sozinhos. Ele se angustia ao chegar em casa, porque não tem a solução que os meninos queriam para o problema deles – comida. O pai passa por uma situação financeira difícil, é um pintor de paredes, não tem condições de sustentar a família, tem vergonha da situação e, na circunstância em que se encontra, por não ter uma solução prática, deita-se, mesmo sem ter sono, porque tem fome, mas não tem jantar em casa. De seu quarto, ouve as crianças brincar, rir, sem se darem conta do problema que as rodeia. Preocupa-se por ter filhos famintos e por não ter saída para seus problemas. Pensa na esposa morta, a quem sequer pôde dar um caixão decente. Com rancor, lembra-se das pessoas que zombam da miséria dos outros, que zombam da sua vontade sufocada de chorar. No instante em que está a pensar em suas dores, ele ouve as crianças sorrirem e percebe a união delas, mesmo diante da fome. Resolve levantar-se, agradece por ter filhos tão mansos, chama-os, abraça-os e leva-os para a rua dizendo-lhes que vão jantar.

O conto que encerra a coletânea é “Fracasso”, cujo protagonista, Matias, é um rapaz que sofre por sentir fortes dores no estômago e nos rins e que, por esse motivo, tem o bolso cheio de comprimidos para aliviá-las. Está pensativo, andando, brinca de bola com uma criança no meio do caminho. Sua memória está a traí-lo, lembra da infância, das férias. Na impossibilidade desse retorno, pensa no mar de sua infância. Nesse momento de sua vida, está só, pobre, fraco, com dor. A mulher que ele ama casará no dia seguinte. Embora tenha sido traído, está louco de amor e sonha ser o noivo, mesmo sabendo que ela foi cortejada desde o último verão. Seu sofrimento amoroso o leva a imaginar a moça morta, pois não aceita o casamento dela com

outro, porque acredita que ela é propriedade dele.

Novamente, temos a escritora preocupada em evidenciar uma variada temática, na tentativa de compreender o mundo: a morte, recorrente em várias produções, aparece, nesse livro, metaforizada como exemplo de tudo que termina ou que se revela, ciclos que se fecham ou se abrem, porém, sendo finalizadores ou introdutórios, não se completam, uma vez que não são esquecidos pela memória. Surgem, também, fatos e acontecimentos cotidianos que, por isso mesmo, deveriam ser aceitos ou considerados como normais, no entanto, são inaceitáveis, como a velhice e a transitoriedade do tempo. Dessa uniformidade, é gerado um enorme conflito e muita angústia nas personagens.

Além da morte e da velhice, aparece o tédio como motivador das insatisfações gerais; as relações amorosas transformam-se em fragmentos de sentimentos e, conseqüentemente, evoluem para uma insatisfação sexual constante. Um mal-estar, um incômodo, uma preocupação em estar solitário, ao mesmo tempo em que a personagem não se conforma com o modelo de relacionamento preestabelecido, aquele relacionamento unilateral, em que um não inclui o outro, embora convivam juntos.

Outro tema recorrente é a sua percepção da incompreensão alheia, o deslocamento de cada pessoa em seu próprio mundo e o quanto a humanidade é insensível, por isso difícil de ser compreendida.

As personagens de Foepel trabalham com situações momentâneas, não há tempo passado específico, apenas *flashes* e flagrantes. A memorização serve apenas como gancho para as personagens ou narrador se reconhecerem na atualidade, mas não para explicar as dúvidas e incertezas do presente, porque não há como contestar, como analisar esses momentos, porque não há explicações ou citações das complicações anteriores aos conflitos presentes. O tempo é muito demarcado, seja por minutos, por horas ou por dias, o que importa é o controle do tempo, para demonstrar o quanto a vida não perde de vista cada um de nós e nos faz escravos de sua rotina, uma vez que

as cenas se repetem sempre, nós é que nunca aprendemos a lidar com os acontecimentos.

Em *Círculo do medo*, a autora reúne treze títulos que conseguiram sintetizar o quanto as situações são irreversíveis para as personagens e para o narrador. Elvira Foepfel constrói personagens constatando os problemas de todos nós (da humanidade, de homens e de mulheres) mas não os dirige para uma solução, deixa-os à mercê da própria sorte. Os problemas não são resolvidos e as personagens se sentem impossibilitadas de sair de seus impasses, comprovando, com isso, a fragilidade humana. As personagens situam-se no meio de um hiato entre o desejo e a ação que as leva a uma náusea do mundo, a uma eterna insatisfação interior.

As críticas sobre a construção narrativa de Foepfel contestam a sua inovação. José Cândido Carvalho, por exemplo, a parabeniza por cortar os exageros e as “gorduras” presentes em *Chão e poesia* e reconhece que, agora, com *Círculo do medo*, embora seja considerada por ele como uma grande obra, não nega que ainda tem defeitos:

Em 1956, estreando com “CHÃO E POESIA”, Elvira Foepfel, baiana de Ilhéus já mostrava grandes qualidades de narradora. Era uma força nova, um toque inédito na paisagem do conto nacional. Seu livro marcou assim o nascimento de uma escritora de primeira ordem, que lutava contra o “lugar comum” e trazia, em seus trabalhos um modo de dizer diferente, às vezes estranho mas sempre pessoal. Voltando agora, com “CIRCULO DO MEDO”, reedita a jovem escritora, em larga escala, aquelas virtudes de quatro anos atrás. O tempo que ficou entre um e outro livro foi empregado por Elvira Foepfel em cortar certos exageros de estilo, certas gorduras. Veio mais disciplinada em seu segundo livro, mais medida.

Secando, ganhou força e vivacidade. Se em “CHÃO E POESIA”, era apenas uma narradora de jardins interiores, de estados de alma, neste “CIRCULO DO MEDO”, Elvira Foepfel entra pelo largo mundo da criação de personagens, para nos dar, de fato, duas ou três figuras quase de carne e osso, como, por exemplo, no conto: “Afinal, lá estava ela”. Não seria exagero dizer que esse conto é dos melhores já escritos por mãos femininas nos últimos tempos e numa terra que tem Clarice Lispector e Raquel de

Queiroz. Sim, há defeitos, principalmente uma certa indecisão que marca quase todos as personagens do "CIRCULO DO MEDO". Mas, por outro lado, há qualidades que tornam o trabalho de Elvira Foeppele um dos mais sugestivos e interessantes do ano. E é bom notar que 1960 foi um ano que teve de tudo, desde Homero Homem, com um esplêndido livro de contos a Gilberto Amado memorialista e Clarice Lispector outra vez na Ficção. Um ano cheio, servido por gente de talento e sensibilidade. Mesmo assim, "CIRCULO DO MEDO" não é parente pobre em mesa rica. Tem seu lugar de destaque, bem marcado.⁵⁹

Para o crítico, Foeppele manteve personagens "indecisos", quando, na verdade, Cândido Carvalho não compreendeu que a maior característica da escritora nas narrativas é deixar sem respostas os atos humanos, que são passíveis de análise, que não resultam em uma transformação benéfica na vida de cada um deles, logo, não haveria necessidade de continuar adiante no intuito de solucioná-los.

O crítico Raul S. Xavier⁶⁰ foi mais condescendente com a escritora:

Destarte, não seria absurdo terminar por qualificar de poética na exata e completa significação do termo, a prosa de Elvira Foeppele. Cada uma das suas narrativas é construção, poema, literatura, na legítima acepção da palavra. Cada uma das suas histórias vale por um exemplo de artesanato literário, por sinal de antecipação da nossa emancipação literária, no terreno da linguagem.

Astrid Cabral⁶¹ retoma as críticas ferrenhas à sua construção narrativa (que sempre é acusada de ser muito "pessoal") e à linguagem utilizada por Foeppele, a qual Cabral vê como um "repúdio à linguagem cotidiana". Primeiro, reduziu de uma maneira bastante simplista toda a exploração e investigação da escritora, no que diz respeito à sua preocupação em manter-se

⁵⁹ CARVALHO, José Cândido. A contista Elvira Foeppele. *Leitura*, Rio de Janeiro, p. 36, 1960.

⁶⁰ XAVIER, Raul S. *Anuário de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, [s.p.], 1961.

inovadora dentro da tendência já explorada anteriormente por Lispector; para, logo depois, elogiar, considerando ser esta a grande contribuição de Foepfel à literatura:

Com Círculo do Medo Elvira Foepfel nos apresenta um livro de contos de excelente categoria literária, mas que não obstante suas qualidades e talvez mesmo pela natureza e teor de suas qualidades, está fadado a encalhar nas livrarias. O fato é que estamos diante de um livro sem concessões ao leitor mediano, livro que inaugura uma linguagem extremamente pessoal e onde se encontram bloqueadas todas as pontes para uma comunicação fácil. Atitude que é na autora uma consciência, um propósito, haja vista o repúdio sistemático à linguagem cotidiana, porque como no seu personagem (o menino pescador) já lhe “doíam as palavras de ocasião”. E é nesse aspecto de composição verbal que repousa a nosso ver seu atributo fundamental, sua contribuição mais decisiva.

Em especial, a escrita de Foepfel é uma leitura de “vai-e-vem”, de perdas, de não vencedoras e pessoas que não levantam troféus. Dolorosa, dolorosamente fracassada, portanto, incapaz de encontrar cumplicidade, amizade ou sonoridade, por isso, *fadado a encalhar nas livrarias.*

Assis Brasil⁶² também se referiu à linguagem escolhida por Elvira Foepfel:

Para a narrativa subjetiva, Elvira Foepfel vale-se de um bom recurso: a linguagem indireta, criando um campo metafórico e conseqüentemente armando um clima sugestivo e, quando em função intrínseca com o personagem, uma atmosfera ficcional.

Diferente de seus outros colegas críticos, José Edson Gomes⁶³ fez um comentário mais cuidadoso e elaborado da obra de Foepfel:

Assim volta Elvira Foepfel, ficcionista já bastante conhecida através de trabalhos publicados em suplementos literários e

⁶¹ CABRAL, Astrid. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [s.p.], 1961.

de um pequeno livro anterior, CHÃO E POESIA, saído em 1956, com um magnífico livro de contos, CÍRCULO DO MEDO, onde encontramos coisas como “o fio metálico do ódio”, uma exata obra prima, onde uma pureza de sugestões se reúne a um poder de linguagem antes raramente atingido por qualquer escritor brasileiro. Mas o conto não está isolado no volume, todo ele um repositório legítimo de peças de ficção sem didatismo, sem informações, sem devaneios. Não há o enfileiramento de casinhos e lembranças, mas um admirável trabalho de recriação. (...) é o mundo da autora que se delinea, depois se constrói. As personagens, suas ações e ambiente, abandonam as palavras e se individualizam. E apenas os grandes ficcionistas são capazes de dar esta autonomia a seus personagens, construí-los em relevo, não sobre a realidade, mas uma nova realidade.

O crítico Renato Jobim classificou as personagens de Foepfel de “doentias”, “céticas” e “desgovernadas”:

Se a morbidez é um direito de escolha do artista, no caso de Elvira Foepfel se dirá que soube explorar bem esse direito, conduzindo suas personagens doentias, céticas, desgovernadas, através de um estilo alternadamente seco e temo, irônico e sensual. “CÍRCULO DO MEDO” inculca-nos um ficcionista superior ao contista, um poderoso ficcionista por trás de contos ou crônicas, não importa afinal a classificação.

Cyro de Mattos continua a crítica sobre *Círculo do medo*, detectando vários preconceitos. E quanto à problemática da linguagem, o compromisso da autora, segundo o crítico, era encarar a criação literária sem submissão à razão, por não ter a seqüência lógica de início-meio-fim, não percebendo que essa inovação não está relacionada a ser racional ou não e, sim, a uma quebra de uma convenção literária. A tendência da autora era a de utilizar temas de telurismo social:

Com “Círculo do Medo”, contos, 1960, essa escritora baiana

⁶² BRASIL, Assís. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [s.p.], 1961.

⁶³ GOMES, José Edson. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, [s.p.] 1961.

é saudada pela crítica como autora de textos inovadores no corpo da prosa de ficção breve desenvolvida entre nós. Elvira Foepel introduz no conto elementos de vanguarda na estrutura e linguagem. O episódio, a trama, o ambiente, elementos presentes numa prosa ficcional que se delinea objetiva, são abandonados para a construção de uma narrativa comprometida com a linguagem, a atmosfera e o relevo das personagens que se formam em torno de aguda percepção existencial, em cujo conteúdo o indivíduo exsurge através dos conflitos universais, perpassados de angústia, náusea, solidão, amor, ódio e medo. (...) Observa-se que esse pequeno volume de contos é um repositório de peças de ficção sem didatismo, devaneios, informações do cotidiano ou lembranças seqüenciadas. O que sobressai nesses contos é o compromisso da autora em encarar a criação literária sem submissão à razão lógica. Inexiste por isso mesmo o caso narrado através dos momentos de princípio, meio e fim, o tema assim se impondo como resultado da recriação do real assentado na memória, no telurismo social ou nostálgico, no documento que revela a condição humana ligada ao urbano com os seus dramas.

No que diz respeito à divulgação, com *Círculo do medo*, por ter sido publicado por uma editora que também era responsável por uma revista literária, a autora encontrou mais espaço do que com sua produção anterior. Na revista *Leitura*, na coluna “Últimas edições”, saiu a seguinte citação com uma foto 3x4 da autora:

“Círculo do medo”

Elvira Foepel estreará proximamente no conto com o livro intitulado “Círculo do medo”. Trata-se do segundo livro da autora, que publicou, inicialmente, um diário à maneira de Torga. Elvira Foepel já é conhecida do público, tendo colaborado em jornais da Bahia, sua terra natal. No Rio, escreve para suplementos literários (Jornal do Brasil, Diário Carioca) já tendo publicado poemas nesta revista.⁶⁴

Na mesma revista, na edição de junho, também com uma foto, desta vez mais descontraída, de perfil, encontra-se:

Círculo do medo

Elvira Foepel, contista e poetisa, freqüentadora assídua dos suplementos literários e revistas literárias, vai editar, pela Editora

Leitura S. A., mais um livro de contos – Círculo do medo – que deverá ser lançado no dia 11 de julho próximo, numa festa de confraternização intelectual, cujo local será oportunamente anunciado. O livro de Elvira Foeppel está despertando interesse na área literária, porque a escritora ilheense – Ilhéus é terra de muitos escritores importantes em nossa literatura – trabalha com honestidade o seu material de ficção.⁶⁵

Nesse mesmo ano, a *Leitura* promoveu, em plena Cinelândia, juntamente com outras importantes editoras do Brasil, como a José Olympio, Civilização Brasileira, e a revista *O Cruzeiro*, um encontro, ao qual nomeou de “Cem escritores de projeção em contato com o público carioca”, entre os escritores baianos, paulistas e cariocas. Foi um evento de autógrafos, coletivo, que fazia parte do I Festival da Cultura do Rio de Janeiro, ocorrido entre os dias 3 e 27 de novembro de 1960, ao qual compareceram os maiores nomes da literatura brasileira, entre eles Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Antônio Callado, Carlos Drummond de Andrade, Elvira Foeppel, Homero Homem, Jorge Amado, Manuel Bandeira e Viriato Correia.⁶⁶

A narrativa longa: *Muro frio*

Desfrutando de um pequeno círculo de amizade formado de intelectuais, na sua grande maioria, de amigos pessoais e, talvez, influenciada pelo prestígio deles, Elvira Foeppel resolveu enveredar por um gênero bastante concorrido na década de 60 – o romance – e foi com esse gênero que ela encerrou suas publicações.

*Muro frio*⁶⁷ foi a última publicação de Foeppel e tem um título sugestivo, uma vez que a palavra “muro” nos remonta à representação de tudo aquilo que sugestiona uma barreira, impedimento, cerceamento, separação, obstáculo; e o adjetivo “frio” reforça o distanciamento, a impassibilidade das pessoas preconceituosas. É perceptível que esse romance tenha sido

⁶⁴ LEITURA. Coluna Últimas edições. Rio de Janeiro, n. 31, p. 6, jan. 1960.

⁶⁵ LEITURA. Rio de Janeiro, n. 36, p. 64, jun. 1960.

⁶⁶ CEM escritores de projeção em contato com o público carioca. *Leitura*, Rio de Janeiro: [s.n.], n. 41, p. 34, nov. 1960.

escrito sob a influência de dois contextos, um no plano filosófico e outro no plano histórico, que aparecem demarcados no texto.

A influência filosófica nessa obra surge de suas leituras do estudo em voga em 1940: o existencialismo do francês Jean Paul Sartre, que o discutiu em seu primeiro romance, *A Náusea*,⁶⁸ de 1938, quando tratou da falta de sentido da vida, do sentimento da náusea como algo momentâneo, ao mesmo tempo em que eterno, uma vez que não temos controle sobre esse sentimento. A náusea não existe no dia-a-dia, mas faz parte do cotidiano por ser uma



sensação que pode ocorrer a qualquer momento, “sem avisar”, e pode ser inerente ao ser humano. Nenhum de nós está livre de sentir-se deslocado na vida. Segundo a definição de seu narrador, Antoine Roquentin, a náusea é uma espécie de enjôo adocicado, uma crise insuportável, que dá vontade de vomitar e vai embora sem nenhuma explicação, assim como chegou.

Com a publicação da novela *O muro*,⁶⁹ em 1939, Sartre, fundador da corrente filosófica que pretendia compreender todos os problemas, o existencialismo, volta a discutir seu tema preferido — o significado especial do homem na filosofia. A novela apresenta uma sociedade preocupada com os valores burgueses que não levam a nada e sugere que a sua libertação dar-se-á depois que o ser humano se livrar das “amarras”, pois estas são responsáveis pelo sustento de uma eterna “náusea”, um descontentamento com o mundo, um mal-estar constante que só terá solução na própria pessoa e não fora dela. Para isso, será bastante romper os laços que prendem o ser humano

⁶⁷ FOEPPPEL, Elvira Schaun. *Muro frio*. Rio de Janeiro: Leitura, 1961.

⁶⁸ SARTRE, Jean Paul. *A náusea*. Tradução de Rita Braga. 7.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 259p.

a valores que nem sempre são vistos como coerentes ou corretos por todos, demolindo, destruindo, assim, o cenário malfadado dos burgueses, em que as opiniões devem ser as mesmas a fim de não desestabilizar as regras sociais.

No sentido histórico, percebemos que, embora a autora não tenha descrito em sua narrativa personagens femininas que se mostrassem fortes e conscientes da escolha de uma vida liberta de preconceitos alheios,

estava desejava de alguma mudança na sociedade com relação à situação das mulheres, mostrando-se atenta a seu tempo. É perceptível um discurso relacionado à luta das mulheres, exigindo direitos sociais iguais e, principalmente, o direito ao ato sexual com quem desejasse, sem que tivesse de ser rechaçada pela sociedade. Na década de 1960 houve um avanço nos estudos feministas e o surgimento das primeiras teorias feministas, o que caracteriza o segundo momento da história do feminismo, que teve como bandeira a liberdade sexual.

Em *Muro frio*, a protagonista, Marta, é uma jovem que tem sua vida contada desde a infância até a fase adulta, quando retorna à terra natal, após muitos anos de ausência. Lá tem de conviver com os mesmos comentários sobre sua escolha pessoal de viver – a liberdade, sentimento do qual ela não abre mão, embora reconheça o preço que tem de pagar: sua imagem,



Elvira Foeppel no lançamento do romance *Muro frio*. Rio de Janeiro, 1961. (Foto cedida por Marta Foeppel).

⁶⁹ SARTRE, Jean Paul. *O muro*. Tradução de H. Alcântara Silveira. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 226p.

como mulher, fragilizada diante dos olhares atentos da cidade praiana, que ostenta sérios problemas em sua formação social, pregando um falso moralismo.

A imagem de Marta oscilará, para a cidade, entre uma prostituta e uma louca mas, na verdade, ela é o modelo de mulher emancipada, liberal, que quer escolher seus amantes e que não quis se casar para não ter de cumprir uma convenção imposta pela sociedade: casar para ser apenas dona-de-casa e mãe de família, como as suas amigas de infância. Margareth Rago explica a posição dessas mulheres quando têm sua imagem deturpada pela sociedade, afirmando que “na literatura feminina, a prostituta traduz o ideal de libertação social e sexual da mulher, escapando, assim, a duas imagens dicotômicas que, às vezes, podem alternar em uma mesma personagem”.⁷⁰

As críticas encontradas sobre o seu último romance, *Muro frio*, demonstram que Elvira Foepfel não passou incólume pela crítica literária regional, não se justificando, mais tarde, o seu esquecimento por essa mesma crítica e o seu conseqüente apagamento na história da literatura:

Em 1962 [sic],⁷¹ seu primeiro romance, Muro Frio, alcançou a melhor repercussão junto a escritores e críticos de vanguardas. Ficcionalista voltada para os problemas psicológicos, é colocada ao lado de Clarice Lispector e Nélide Piñon.⁷²

Muro Frio, romance, 1962, terceiro livro de Elvira Foepfel, tem lugar assegurado em nossa novelística de renovação esteticista, numa época em que a literatura brasileira converge para procedimentos de vanguarda. Quando então romancistas, contistas e poetas procuram executar a arte literária no plano da linguagem e no significado incomum da forma pesquisada, assim como na ficcionalização da vida apurada pelos fios da sensibilidade, auto-sugestões e pontuação psicológica bastante impregnadas de sentido do mundo. É uma nova literatura que obriga o leitor a pensar a narrativa como um todo, destituída em sua construção do dizer fácil, fluente e permeado de lugares-comuns.⁷³

⁷⁰ RAGO, Margareth. O poder da prostituta na história e na literatura. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 6., Niterói: UFRJ/UFF, 1995. Anais...

Elvira Foepfel não foi somente incompreendida pelos seus leitores ou pelos seus amigos escritores que não conseguiram absorver sua escrita, mas por críticos que buscaram, a todo instante, não analisar sua obra, mas explicar a sua não inserção nos meios literários, seja por causa das temáticas variadas (porém questionadoras do estar vivendo em uma sociedade que só faz cobranças e não auxilia o indivíduo), seja pela sua ousadia na forma de tratar esses temas. A autora mostrou, no conjunto de sua obra, quem era a voz da alteridade e o dono do discurso na sociedade misógina, a que vê a mulher como um objeto de sua propriedade, podendo, portanto, o outro, explorá-la, sem questionar o seu desejo, já que este não importa por não lhe dizer respeito. Se não muda a situação na qual as mulheres se encontram, suas narradoras escolhem o destino dessas personagens e, ainda que venham com a marca da solidão e da angústia, elas caminham para o destino escolhido por si próprias.

OBJETIVANDO O CAMI-NHO PERCORRIDO: A SAÍDA DO LIMBO

Levantada a biografia e a vida intelectual da escritora Elvira Foepfel, através de documentos e inúmeras entrevistas, tudo o mais que dissermos



Elvira Foepfel. Recepção em sua residência para receber amigos que não compareceram ao lançamento de *Muro frio*. Rio de Janeiro, 1961. (Foto cedida por Marta Foepfel).

⁷¹ *Muro frio* foi lançado em 1961 e não em 1962.

⁷² PADILHA, Telmo. (Org.). *O moderno conto da região do cacau*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1978, p. 80.

⁷³ MATTOS, Cyro de. *Re: Situação de Elvira Foepfel*. Depoimento recebido por vansalig-nac@superig.com.br em 14/01/2001.

sobre a autora será especulação, uma nota insolúvel. Ninguém busque esse mistério, qual a força que impulsionou essa mulher de imagem multifacetada, conforme podemos perceber através das entrevistas diversificadas, a lutar por uma oportunidade em um ambiente onde sua “condição de mulher” não era “bem aceita”, salvo se repetisse a fórmula androcêntrica burguesa e capitalista de viver. Sua motivação na escrita era outra, ligada à inovação estilística, a mesma que a deixou no limbo.

Este livro busca amenizar a ausência de Elvira Foeppel na literatura e posicionar melhor o lugar que a escritora ocupa

dentro da história e da cultura de seu tempo. Elvira Foepfel merece ser reinserida na literatura por vários motivos: autora de livros publicados, além da razoável colaboração em periódicos de Ilhéus e Rio de Janeiro, até hoje, ao que nos consta, nenhum estudo foi realizado sobre sua produção. A escritora foi injustiçada, porque a crítica literária, com muito custo, reconheceu apenas a mesma inovação estilística de Clarice Lispector, mas ainda não se deteve sobre sua obra, mantendo-a, assim, no esquecimento. Sua marginalização na literatura é fruto do descaso da crítica. Essa mesma crítica (que agora pode ter a seu dispor elementos para incluí-la em seus estudos sobre a temática existencialista), nos dias atuais, ainda se mantém distanciada de Elvira Foepfel, como está registrado na resenha da seção cultural, no jornal *A Tarde*, de Salvador, no mês de fevereiro, com o seguinte comentário (quando do lançamento de uma coletânea de contos de autores baianos):

O gerente José Luís da Rocha cita o lançamento do livro “O conto em vinte e cinco baianos”, como um dos mais relevantes. Na ocasião, a livraria recebeu alguns dos escritores baianos que assinaram a coletânea, entre os quais estavam Luis Afonso Costa, Guido Guerra, Elvira Foepfel, Aramis Ribeiro Costa, Ruy Espinheira e Helena Parente Cunha. (grifo nosso) 16/02/01.

Por que estou esquecida sem ser mencionada nos livros sagrados?

Elvira Foeppel

Referências Bibliográficas

ALVES, Ivia. *Amélia Rodrigues: itinerários percorridos*. Santo Amaro: NICSA, 1998.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *Histórias das mulheres no Brasil*. 2.ed., São Paulo: Contexto, 1997. p. 607-39.

BEAUVOIR, Simone de. *Todos os homens são mortais*. 5.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gêneros e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 85-94

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1994.

FOEPPEL, Elvira Schaun. *Chão e poesia*. Rio de Janeiro : Simões, 1956.

_____. *Circulo do medo*. Rio de Janeiro: Leitura, 1960.

_____. *Muro frio*. Rio de Janeiro: Leitura, 1961.

_____. Entrega. In: PADILHA, Telmo (Org.). *Poesia moderna da região do cacau*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 108-110

_____. O baile. In: PADILHA, Telmo (Org.). *O moderno conto da região do cacau*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1978. p. 80-86.

_____. Ilhéus-Sol absoluto e beleza. *Revista Exu*, ano 4. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, jan-fev. 1991. Organização de Cyro de Mattos. p. 26-27.

_____. O aleijado. In: MATTOS, Cyro de (Org.). *O conto em vinte cinco baianos*. Ilhéus: Editus, 2000. p. 77-81

FONTES, Nancy Rita. *Da nova mulher à questão de gênero: desdobramentos dos estudos feministas na literatura*. 1996. Monografia (Especialização em Língua e Literatura). Universidade Federal da Bahia, Salvador. Mimeografado.

GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice – uma vida que se conta*. 4.ed., São Paulo: Ática, 1995.

_____. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

_____. Clarice Lispector biografada: questões de ordem teórica e prática. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1997. p. 15-23.

MACIEL, José Carlos. *Sartre: vida e obra*. 5.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MALCOLM, Janet. *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Gênero e história: percursos*

e percalços. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1997. p. 73-91.

MATTOS, Cyro de. *O mar na Rua Chile e outras crônicas*. Ilhéus: Editus, 1999.

MAZZONI, Vanilda. *Elvira Foepfel: formando o imaginário infantil*. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE. 18., 2000, Salvador. Anais... Salvador (no prelo).

_____. Elvira Foepfel. *Iararana*, n. 5, julho de 2001. p. 16-17

_____. Entre um punhal e uma rosa: uma análise do discurso na lírica de Elvira Foepfel. *Quinto Império*, n. 15, dezembro de 2001. p. 33-8.

_____. Ilhéus sob o olhar de Elvira Foepfel: transgressões e digressões. In: SEMINÁRIO "ANOS 30: CULTURA E POLÍTICA", 2001, Salvador. Anais... Salvador (no prelo).

MAZZONI. Elvira Foepfel: uma nota destoante na literatura dos anos 60. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER & LITERATURA, 9., 2001, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, UFMG, 2001. (1 CD).

_____. Elvira Foepfel e o limite da escrita. In: ENCONTRO ANUAL DA REDOR, 10 e SIMPÓSIO BAIANO DE PESQUISADORAS (ES), 7., 2001, Salvador. Anais ... Salvador (no prelo).

_____. Vanilda; ALVES, Ivia. Elvira Foepfel. In: BRANDÃO, Isabel; ALVES, Ivia (Orgs.). *Relatos à margem: antologias de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950)*. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 291-300.

_____. A abordagem existencialista na autoria feminina dos anos 40-60 no Brasil. In: SIMPÓSIO FEIRENSE SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO, MULHERES E DIVERSIDADE, 1., 2003, Feira de Santana. Anais... Feira de Santana, UFS.

MEDAUAR, Jorge. *Ensaio*. Ilhéus: Editus, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

NASCIMENTO, Enilda Rosendo. Relações de gênero e condição feminina. In: _____. *Gênero e Enfermagem*. Salvador: Positiva, 1996.

PASSOS, Elizete Silva. *Educação das virgens – um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1995.

PICCHIA, Menotti del. *As máscaras*. 15. ed., São Paulo: Nacional, 1935.

PÓLVORA, Hélio. Elvira Foeppe: um pouco de sonho se vai. *Jornal A Tarde*, Salvador, Caderno 4, 05/09/1998.

PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3.ed., São Paulo: Contexto, 1997.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luísa de. *Tantos anos*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.

RAGO, Margareth. O poder da prostituta na história e na literatura. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER & LITERATURA, 6., 1995, Niterói. *Anais...* Niterói: UFRJ/UFF, 1995.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Théroigne de Méricourt: uma mulher melancólica durante a Revolução*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SAFFIOTTI, Heleieth et al. *A rotinização da violência contra a mulher: o lugar da práxis na construção da subjetividade*. Mimeografado.

SALES, Herberto. *Dados biográficos do finado Marcelino*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1965.

SARTRE, Jean Paul. *A náusea*. 7.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. *O muro*. 4.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SCHAUN, Maria. *O elo perdido*. Ilhéus: Editus, 1999.

_____. *Nelson Schaun merece um livro*. Ilhéus: Editus, 2001.

SCHMIDT, Rita Terezinha et al. *Mulheres e literatura: (trans)*

formando identidades. Porto Alegre: Palloti, 1997.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. Tradução livre de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1989.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elódia (Org.). Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. In: _____. *Tudo no feminino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

Inquietação – para Marina Torres.

Os meus ouvidos se abrem
Desmedidamente
Como portas descerradas
Para a verdade dos séculos.
Os meus olhos se escancaram
Desmesuradamente
Como janelas abertas em círculo
Para a percepção de todas as cousas.
Os meus braços se alongam
Perdidamente
Como sombras na luz
Compreendem todo o mistério
Que vive em cada unidade.
Os milhões de poros do meu corpo
Se fecham
Precipitadamente
Para a embriaguez voluptuosa de minha carne.
Os meus pés ligeiros em passos largos
Loucamente

CRONOLOGIA

- 1923 Nascimento de Elvira Foepfel em Canavieiras, Bahia, em 15 de agosto. Dois meses depois, a família transferiu-se para o, então, arrabalde de Pontal, em Ilhéus.
- 1936 Inicia seus estudos no Colégio Nossa Senhora da Piedade.
- 1938 Estréia da peça “ Os divorciados”, com Elvira Foepfel.
- 1939 Estréia uma nova peça, dessa vez, “As máscaras”, de Menotti del Picchia.
- 1943 Forma-se em Magistério pelo mesmo colégio.
- 1944 Estréia como poeta no *Diário da Tarde*.
- 1947 Último ano escrevendo para o *Diário da Tarde*, deixa Ilhéus e instala-se no Rio de Janeiro.
- 1948 Estréia escrevendo para a revista *O Cruzeiro*.
- 1956 Lançamento de *Chão e poesia*.
- 1960 Lançamento de *Círculo do medo* e participação no I Festival da Cultura do Rio de Janeiro, ocorrido entre os dias 3 e 27 de novembro.
- 1961 Lançamento de *Muro frio*.
- 1972 Último texto encontrado na pesquisa, publicado na revista *Importante*, “Homem branco num mundo sem cor”.

- 1975 Falecimento do pai, Frederico Affonso Foeppel.
- 1979 Falecimento da mãe, Eulina Schaun.
- 1980 Aposenta-se da Revista de Legislação Federal.
- 1990 Último encontro dos cinco irmãos, em Ilhéus.
- 1993 Primeiro internamento na Clínica Canaã (para idosos).
- 1998 Saída da Clínica Canaã e internamento no Hospital Estadual Jorge Lourenço e falecimento da escritora em 28/07, às 19h38m.

ANEXOS

Poemas publicados no jornal *Diário da Tarde**

* Mantivemos a forma original dos poemas, respeitando a pontuação, maiúsculos e minúsculos, questões de regência, inversões e espaçamento que a autora utilizou, pois estas características de transgressão gramatical e literária são próprias das escritoras e poetas existencialistas daquele período.

Fogem ao contato frio da lama
E ao horror das podridões.
Na minha boca que se abre
Gradativamente
Ressoa o grito volumoso de todos os revoltados
Que as injustiças e as misérias
Fizeram morrer na garganta.
No meu corpo esquecido que se mantém ereto
Como torres erguidas contra o céu
Pela soma de equilíbrio de todas as moléculas
Instintivamente
Vêm se refugiar todos os sentimentos
Que pululam em grupos pelo mundo.
O meu espírito se alarga em espirais
Como fumaças beijando o espaço
Inquietamente
Em busca sôfrega e crescente
De toda a Sabedoria Universal.
E o meu cérebro recolhe
Cuidadosamente
Para a integridade perfeita
Da parcela que é mais um no todo
Os gestos de mistério contidos
Na fecundação dos seres criados
No abandono de vida dos corpos apodrecidos
E na imobilidade completa dos seres inertes.
E esta inquietação constante
Em busca da perfeição sem limites
Assustadoramente
Invade como marés enchentes a praia devassada
Como o meu eu
Que se encerra nos contornos da matéria
E se dilata pelo meu Espírito

A GRANDE Melodia – para o Dr. Heitor Dias.

Mestre amigo, recolhe no bojo
Dos teus ouvidos privilegiados
Todos os sons que se perderam
Sem eco, nos ouvidos indiferentes
Dos homens maus.
Escuta Mestre amigo,
O lamento eterno do semi-Deus
Que percorre amortecido
Todos os domínios do mundo,
E terás as notas tristes e agudas
Para o Cântico da Vida.
Aquece com amor a angustia
Que se evade dos corações das mães desamparadas
Quando os campos de batalha atapetados de vida
Arrebataram egoístas seus filhos para o grande banquete
recolhe pressuroso, o grito rouco
que queimou os lábios dos náufragos
quando as águas de enchente das desgraças
consumiu na sua febre de destruição.
Ouve com atenção, o gemido arrastado
dos leprosos de carnes trituradas e fétidas
que o Mundo condenou ao Exílio
deixa que teus ouvidos escutem
a voz frágil que se extinguiu sem alento
nos lábios mudos das virgens
Quando o sensualismo arrogante dos homens
arrastou-as para o comércio do monopólio do Corpo
deixe que todos os sons cavos e rouquinhos
dos moribundos esquecidos e abandonados
mergulhem profundamente em teus ouvidos de artista
e terás todas as notas graves e fortes
para a Grande Melódia.
Recolhe convicto as vozes estroantes
dos que pregam a Verdade de todos os tempos
que em ouvidos ensurdecidos não tiveram ressonância
escuta ainda Mestre amigo, a voz queixosa

de todos os arrependidos que escandalizou ouvidos
de falsos moralistas contando a Vida
arruinada por todos os pecados.
E Mestre amigo, se guardares em teus ouvidos
famintos de sons, todas as lamentações angustiadas dos con-
denados
pela poeira dos instintos e revoltas
terás sido um gênio, terás sido um Deus
pois a grande Obra Criada
ressuscitará nos tempos e nos espaços
sem limitações.
E Mestre amigo, a glória dos séculos
viverás em ti, pois cantaste em sinfonias
A Realidade nua que tão sabiamente tua alma soube despir.

Ânsias – dedicado a Thereza Vinhaés.

Tenho ânsias de vertigem
Dos abismos insondáveis
Em que meu corpo atordoado
Pela velocidade febril dos movimentos
Experimente a absoluta ausência de memória.
Tenho ânsias de volúpia.
Dos vôos intermináveis
Em que meu espírito se perca
No inatingível.
Tenho ânsias de vencer a Carne
De extinguir o sensualismo vibrante
De estancar os sentidos que falam
Às paixões pecaminosas.
Desejos eternos de fugas
No aniquilamento total do meu ser
No todo esquecimento de mim mesma
No desprendimento sem tédio,
Da alma que se perde no infinito
Do corpo que se prende à terra

Com abandono de amante sensual.
Ânsias de afogar angústias e dores
No torpor solene e calmo do Nada
Para a morte muda do corpo.
Ânsias de perder-me na eternidade
Das formas, da luz, dos sons
E impregnar-me de perfeição.
Desejos de afundar-me no caos
Em que se perde minha razão
Perecem minhas faculdades
Para a morte do pensamento exultante.
Desejos de sentir a delícia da paz,
O alívio do silêncio gélido e mudo
Das cousas repousantes e imóveis.
Ânsias enfim de envolver-me em véus pálidos
De vida, afogar minha alma no vazio do tédio,
De esmagar minha matéria para me dissolver lentamente
E mergulhar febril na solução de todos os mistérios.

Egoísmo

Egoísmo que circula em minhas veias,
Caminha pelas partes do meu corpo
E prende-se a todos os milésimos de átomos
Que adicionados oferecem meu ser
Aos olhos da vida,
Por que impede que minha vontade
Corra em busca dos humildes?
Egoísmo que se espalha pelos meus braços
Que salpica minhas mãos
Que tolhe minhas pernas
E que paralisa meus pés,
Por que anestesia meus músculos
Para os gestos bons ao alcance dos que sofrem
Por que se perde em mergulhos

Para dentro dos meus olhos
Cobrindo-os de trevas espessas
Para a percepção das múltiplas misérias
Que passeiam sozinhas nos espaços?
Por que em sons espiralados
Enrola-se ao redor dos meus ouvidos
Impedindo que as vozes boas
Recolhidas de todos os antros
Trepidem com ressonância?
Por que se cola assim em minha boca
E se enrosca pela minha língua
Retendo palavras que consolam
E frases que perdoam?
Por que se desenrola
E se multiplica pelo meu cérebro
Atraçando meu pensamento
Com falsas miragens?
Este egoísmo que traz cegueira para os meus olhos
Que adormece meus músculos
Para a força da vida
Que orienta meus gestos
Para o individualismo pujante
Que emudece meus lábios
E cobre-me de silêncio
E que impede que meus ouvidos
Escutem a beleza dos sons
Impregna todo meu corpo
E, sobe em essência ao meu espírito.
Espero a total e perfeita libertação
Para que minha matéria, mais humilde
E abandonada à Verdade
Seja dona do absoluto Equilíbrio.

Medo...

Este medo que me consome
Que machuca minhas carnes
Que tritura meu espírito em angústias eternas
Que se dilui pelo meu sangue impetuoso de remotes nativos

E que perturba minha Idéia
Libertada já da minha forma modelada
Está em mim desde a minha Formação
Medo que nasceu comigo
E que tem vida eterna em minha matéria.

Tenho medo que minha sensibilidade aguda
Experimente o sabor de todos os pecados
Esquisitamente deleitada e esquecida do Bem
Que meus sentidos despertados e vivos
Colham a embriaguez de todos os vícios
Estranhamente mudos para a grandeza infundável de Deus

Tenho medo que meu espírito insatisfeito
Recolha para o âmbito estreito de sua esfera
Todos aqueles males que ainda em mim não existem
Para que uma miséria maior
Desça sobre mim.
Este terror imenso que desde o meu princípio
Martiriza impiedoso as minhas formas
Geradas no amor
Se agarra a mim como boca sedenta de beijos
Terror de que eu persista nos meus erros
Prazerosamente
E que minha vontade insubmissa
Perdidamente me arraste
Para misteriosas e profundas sensações
Dos prazeres mil que trazem
Meu corpo prisioneiro.

Medo que as paixões ébrias do meu instinto
Emudeçam meu espírito marcado

Simultaneamente por todos os desejos vão
Horror de que minha consciência
Indiferentemente
Não grite aos brados
Contra a arrogância veemente da minha carne que clama por amor
E olhando largamente o mundo
Eu me assombro
Vejo trevas e mais trevas rodeando o meu espírito
que cego se perde, tateando às escuras
Inquietamente.
Corro em busca de Luz
que disperse sombras
E varra do meu interior a escuridão
Para que com a claridade completa da minha razão
Eu me encontre em mim mesma.

O teu reflexo

Não ...Eu não sei se te amo
Nem sei se te adoro,
Não sei mesmo se algum dia já te quis ...
Sim ... sim que a beleza desumana e excessiva
De teus olhos que espalham volúpia
Acordou inteligentemente os meus sentidos entendidos
E mergulhou profundamente na minha alma cativa de mistérios

Não ... Eu não sei se te admiro
Nem sei se te desejo,
Não sei mesmo se és para mim, indiferente ...
Sei ... sim que a inquietude irreverente de tuas mãos
Profundamente longas, extraordinariamente sensíveis
Roubou a calma solene das minhas,
Esquisitamente inertes
Fazendo-as frementes e convulsas.
Sei ... sim que a avidez chocante de teus lábios contraídos e
mudos
Exasperou febril a minha boca sem sorrisos e desejos
Que a máscara fria e esquecida de tua impassibilidade

Fascinou o meu espírito em vigília.
Sei ... sim que em meu ser o desespero das tempestades
Se agita em tumulto
Em ânsias as mais variadas,
E que pelo meu corpo, em momentos outros
Uma displicência inexplicável
Se estende horizontalmente por sobre meu ser
Rígido, de membros gelados e inertes ...
Será amor? Será desejo? Ou será ódio?
Será mesmo indiferença? ou será paixão?
Não ... Eu não sei ...
O que eu sei é que cada célula minha
Acusa o fluxo e refluxo de todas as sensações
Que em cada partícula de molécula
Se desenrola incessantemente
Uma escala progressiva de sentimentos vários.
Nos teus gestos incontidos e nos teus nervos superexcitados
Como em anúncios luminosos
Eu leio todas as paixões
Que o instinto e o espírito alimentam
E o teu rosto esquisitamente imutável
Espelha de contínuo
Todas as emoções que não se definem
Ampliadas e renovadas a cada instante.
E eu sinto ... sim ... que sou o teu reflexo
Por isso ... eu não sei se te amo ...
Nem se te adoro, não sei ao menos se te desejo
Não sei se te odeio ou se te desprezo ou se te quero
Não sei mesmo se és para mim, indiferente
Só sinto ... sim, que por todo meu corpo
E por todo meu espírito
Se gravam em caracteres de fogo
Todos os sentimentos, todas as paixões tuas
Que se refletem de inopino em mim
Como luzes vivas batidas fortemente em espelho de cristal.

E por isso ... eu nada sei ...
E tudo sei ...
Sim ... eu sou o teu reflexo.

Que minha memória descanse

O meu cérebro trabalha
Dentro da minha Unidade
Martelando em ritmos desiguais,
E novos pensamentos
Rotineiros, seguem-se aos antigos
Para que o Tédio e o Nada
Não brotem no total do meu espírito
Porém neste instante silente
Em que as primeiras trevas se instalam
Eu quisera estancá-los em toda sua pujança
Para que uma vida retrospectiva
Envenenasse todas as cavidades do meu cérebro.
Mas minha memória sonolenta e repousada

Teima em calar todas as minhas vozes
Que feriram os meus próprios ouvidos
E se quebraram retumbantes
Nas paredes de minha boca,
Quando deslocadas pelo tempo
Se afastaram e se recolheram
No Passado.
Ela desperta, no entanto
E vai puxando para um plano mais em vista
Todos os meus dias todas as minhas horas,
Todos os meus instantes que já se perderam
E com que esforço insano ela arrasta

Todas as minhas ações que meus membros
E meus sentidos trabalharam,

E como procura desesperada
Todos os sentimentos que foram
As proeminências do meu coração
Quando em mistura com outros seres
Eu vivi em outros dias.
E minha memória se torce e se retorçe
Em movimentos inúteis
Puxando os meus dias, as minhas horas
E os meus instantes
E que angústia que cresce dentro dela
Como monstro noturno
Em imaginação débil
E como nervosa, ela se esgota
Em lágrimas que se escorregam
Pelos muros do meu intelecto.
Quando recolhe todos os meus pensamentos esparsos.
Tua tentativa é vã e enganadora
E eu não perdôo nem o teu erro,
Nem a tua mentira
E por que mentes, então?
Aquele pensamento bom e humano
Gritando no meu interior
Não foi gerado quando a voz humilhante

Do mutilado que cambaleava
Magoou os meus ouvidos
No instante fugidio em meu corpo são
Esbarrou com aquela massa informe
Nem aquele pensamento horripilante
Latejou no meu cérebro
Quando meus olhos contemplaram
A injustiça dos poderosos
A injustiça dos poderosos que enganavam os já famintos
E nem aquele sentimento de solidariedade
Foi despertado em mim quando o pobre chamou de Irmã

Mas quando o rico sorriu-me com promessa,
Coitada da minha memória, tão exausta

Ela já não sabe ajustar os meus pensamentos
As minhas ações, e os meus atos
Aos sentimentos que o provocaram.
E por que estas cenas fotografadas

Tão confusamente?
E porque este espetáculo esfacelado
Ferindo minha retina?
Sim ... compreendo enfim,
É para que eu não me enjoje
Nem me odeie
Por aqueles pensamentos maus se terem espalhado

Pelo meu cérebro
E por aqueles erros terem se afundado
Na minha Unidade.
E estes pensamentos avulsos
Marcando agora meu intelecto
Em que época de minha vida eles floresceram?
E a minha memória
Inútil e desvairadamente
Remove todos os antros e recantos
E após buscas malogradas
Ela murmura em voz cansada
"Estes pensamentos não acordaram em nenhum dos teus dias
das tuas horas e dos teus instantes
Que a voragem do tempo
Empurrou para trás
Eles estão soltos na tua imaginação
Que agora trabalha"
E mais um pensamento brotou no meu cérebro

Como raiz em terra adubada
Que minha memória agora descanse
E minha imaginação desperte
Para que os pensamentos não me abandonem.

E o Tédio e o Nada
Não assassinem o meu espírito
Com uma morte lenta

Eu quisera...

Eu quisera que o meu amor
E o teu amor
Se confundissem pela semelhança
Como a imagem real e a projetada
Na pureza dos vidros cristalinos.
Eu quisera que os meus desejos
E os teus desejos
Tivessem a eternidade
Das luzes que não se apagam.
E que não houvesse sombras nem noites
Interceptando os dias.
Eu quisera ainda...Que os meus pensamentos
E que os meus erros
Fossem os teus erros.
Eu quisera ainda mais...
Que num duo veemente
A tua carne conjugasse a minha carne
E que o teu espírito e o meu espírito
Fundidos ficassem
Na maior das aproximações,
Para que a minha vida e tua vida

Unidas sempre,
Não mais se desligassem.

Uma obra completa

Eu quisera que a minha volúpia

Dormisse no teu seio
Cariciosamente embalada
Pelo teu caminho
Que o meu desejo
Silenciosamente
Morresse nos teus braços
Receoso de acordar o teu desejo
Que as asperezas de minha carne
Não ferissem a tua sensibilidade
Para que as marcas das feridas
Não destruíssem a harmonia do Belo.
E que a minha sensibilidade
Cruel e maliciosa
Fosse uma Esfinge para os teus sentidos
Parasitas do gozo
Eu quisera, sim, com que sofreguidão
Que o meu corpo
Perdido em fantasias
Não cantasse aos teus desejos
Poemas carnais de amor
Que a Realidade da vida
Não entrasse pelos teus olhos
Nem atingisse teu coração
E fosse como luz resplandecente
Ferindo corpos opacos,
Para que não visses em mim
Uma mulher que se deseja
Para que meus gestos de amor
Não atingissem apenas a superfície quente
Da tua epiderme
E nela, sem vida, se extinguíssem
Após a satisfação de tua volúpia.
Eu quisera que o meu amor
Sôfrego galgasse as escadarias
Fixas do teu físico
Pairando no cume

Para mimosear o teu espírito
Faminto e sedento.
E ansiadamente eu desejara
Que os teus olhos de homem
Deslumbrado surgissem ao meu espírito
Majestosamente belo
E que o encantamento do quadro
Fosse tão perfeito
Que os teus olhos ousados
Perdidos ficassem
Na vertigem dos momentos de êxtase
E que a moldura acariciante do meu corpo
Fosse tão somente
Uma beleza a mais
Para a alegria infinita
De te ofertar
A visão de uma obra completa

O momento supremo

Quando as trevas pesadas
Derreiam-se sobre os escombros
De um Mundo perdido,
Quando o silêncio crescente
Invade todas as reentrâncias do meu cérebro
Nos instantes de sono do pensamento,
Quando meus sentidos paralisados pelo cansaço
Tragicamente inertes,
Lembram a Morte,
Quando todas as coisas circundantes
Que cobrem a carcaça nua da Terra
Estancam seus movimentos
Para o descanso parcial,
Quando meus ouvidos inquietos
Se comprimem num recuo

E os sons todos extravasados
Das fontes mais diversas
Neles não têm ressonância,
Quando minhas pupilas angustiadas
Em convulsões de cegos
Não retratam as imagens coloridas
Porque cercadas de sombras
Se perdem no Vácuo tenebroso,
Quando ainda a Natureza parada
Nos instantes silenciosos da Noite
Espalham no ar, seu Tédio
E sua angústia de Vida
Quando minha alma encarcerada
Num corpo amante do mundo
Em desesperos sem solução
Não se desprende totalmente
Para a Grande Libertação
Porque o instante final
Ainda não é chegado,
Quando enfim a morte aparente
Que o sono traz
Cobre meu ser
De uma esperança maior de Paz,
Então, neste momento supremo
Nestas horas fugitivas,
Eu me acho mais integrada
No Nada,
Eu me encontro mais perto
Da Grande Verdade,
E me sinto mais morta
Dentro da vida ...

Extroversão

Amo todos os gestos anônimos

Que acordaram o mundo
De olhos cerrados
Dentro das noites escuras da Ignorância...
Amo todas as idéias claras
Que se escorregaram dos lábios felizes
Dos reformadores da vida
Para os meus ouvidos abertos
Ao desespero das horas mudas e silenciosas...
Amo todas as formas
Que se evadiram das sombras espessas
Em correrias loucas para a Luz
Na vontade eterna de explorar
Toda subjetividade impossível e misteriosa...
Amo todas as vozes seculares fatigadas,
Que abraçaram em seu seio
A verdade total e imperceptível
E que dispersas erram amortecidas
Nas fronteiras múltiplas
Dos países prisioneiros.
Amo ainda toda a intranqüilidade
Dos espíritos sedentos de glória
Que em ânsias humanas
Buscam a compreensão divina
Do Todo sobrenatural.
Amo todos os empreendimentos transitórios
Que geram uma Vida Eterna
Num Nada cósmico.
Amo todas os pensamentos perdidos no ar
Dos presidiários, dos órfãos e das mulheres más
Quando nos momentos angustiosos de suas dores íntimas
Escaparam incertos para o fundo da Noite
Esquecidos da solidariedade
Das almas boas.
Amo ainda todos os seres,
Todas as coisas
Que percorrem os espaços desertos

Com a intensidade maior
De um sentimento sem relatividade.

Introversão

Depois que a Vida brotou
Nos meus sentidos sôfregos
A primeira idéia informe
Espalhou-se dentro do meu Espírito.
Depois que meu coração
Despertou na sua primeira pulsação
Apagando das minhas carnes, a muda inércia,
Os gestos meus violentos
Desenham no Mundo
O início profundo da Forma.
Depois que o Princípio gerou
Na misteriosa argila
As minhas formas nuas
Os segredos de todas as dores e de todos os prantos
Debruçaram-se sobre mim.
Depois que a certeza de um Fim,
Sem solução e irremediável
Gritou no meu interior,
Mil pensamentos tristes se dependuravam no meu cérebro,
Iluminando meu entendimento.
E a consciência da inutilidade da matéria
E do Nada real
Arrancou da minha alma
A Beleza e a Verdade
Que a crença numa vida terrena
Perfeita e feliz
Germinou no meu espírito
De uma só vez
E floresceu de um só grito ...

Louco das ruas

Este homem que tropeça nos meus próprios pés
A todos os instantes
E que tem o corpo magro
Semi-revestido de andrajos
É um náufrago, sem Fé
Dentro da Vida.

Este homem que ri a todos que passam
E que caminha em vida o seu próprio cadáver
O seu pequeno riso interior
Este homem amou ...
Amou ... com um sentimento tão grande
Num coração tão pequeno ...
Amou ... sem distinções, sem preferências,
A todos os homens ...

Este homem que em gargalhadas desconexas
Historia a sua vida errante de peregrino
E vagabundo das ruas,
E que tem as mãos dançarinas e esqueléticas
Sem apoio, pendentes ao longo do tronco recurvo
Este homem sonhou ...
Mil sonhos impossíveis
Das Mil e Uma Noites ...

Este homem que tem cinzas nos olhos secos, sem brilho
E que com soluços frios estagnados nos lábios murchos oculta
as suas dores
Que sangram abertas
Num coração marcado
Por todos os lutos
E por todos os horrores ...
Este homem ... provou das alturas ...

E dos abismos...

Este homem que tem os pensamentos fervendo
No cérebro, sem dimensões,
Em convulsões de alucinados
E que caminha faminto e angustiado
A sua figura pálida de sonâmbulo
Aos olhos torpes dos herdeiros da Sorte
É a imagem, sem máscara, do Louco ...
Do Louco esquecido ...
Do Louco de carnes rasgadas de lamentos
E de pés sangrentos e partidos ...
Este homem carrega a angústia errante dos primeiros homens
E os sofrimentos sem vozes, dos outros homens
E a sua consciência brada
Ao peso de todos os crimes
Como se o seu ser
Fosse o Carrasco trágico do Destino ...

E este homem que hoje é um Naufrago, sem Fé
E sem Amor
Dentro da Vida ...
Este homem
Está despido de todas as crenças
E de todas as ambições ...
Sofre ...
Quando ri ...
Este homem sofre ...
Quando chora ...

Aos quatro ventos

Irmãos! Todos de todos os Mundos
Os de gestos lentos e cansados
E de almas angustiadas,

E os de cérebro exaltado e febril
Por um turbilhão de idéias
Salvadoras de um Mundo em desespero!
Vinde para mim! E plantai no meu espírito cético
O Ideal de Justiça e de Amor
Que homens sem Moral e sem pejo
Dispersaram, num quase total aniquilamento.
Irmãos meus de todas as Raças
E de todas as Latitudes
De berços humildes e leitos de penas
Que atravessam gerações
Construindo do pó, as grandes obras inabaláveis
Para a glória dos que ficam,
Vinde falar-me de vossa Esperança
Bem maior que o Infinito
Irmãos! Do Norte e de corpos cansados
Ao peso dos anos e dos infortúnios
E os de Almas sãs gritando Vida
Nos corpos atléticos ferindo o espaço,
Irmãos do Sul poluídos de andrajos
De pés nus beijando a poeira das estradas esquecidas
E desertas de festas para os sentidos exigentes dos homens,

Irmãos de olhos cheios de luz
Perdidos no Futuro,
Aproximai-vos mais e mais! E contai-me todas as vossas decepções

E todas as vossas dores,
Para que minha ação produtiva
Seja mais forte e insinuante
Que a pressão do aço frio
E o perfume esquisito de carne de mulher
Irmãos todos do Nordeste e do Sudoeste,
Os de almas simples e gargantas de ouro
Gritando aos quatro ventos
O desespero dos famintos de pão

E dos sedentos de felicidade,
Irmãos bons e solitários de almas tristes de poetas
Que cantam as mulheres distantes e infelizes
Os vossos melhores poemas de Amor
Ridicularizados pelos homens bestiais desta era de materialismo

Deixai que todas estas palavras sã
Que acariciam e beijam a todos os instantes
Vossas bocas perfeitas
Cheguem aos meus ouvidos inquietos e insatisfeitos.
Irmãos do Ártico longínquo
E do Antártico lendário
Irmãos feridos por todos os tormentos
E marcados por todos os desenganos
Que gritam em agonias indefinidas
A vossa Tristeza e o vosso Sofrimento
Irmãos que gemem aos ouvidos indiferentes
E dementes dos algozes da Sorte
E os de espíritos prisioneiros em algemas
Indestrutíveis de vícios e pecados
E ainda os que sussurram ao mundo dormente
Os seus últimos cânticos fúnebres
Também vinde a mim; e dá-me uma experiência maior
E uma visão mais larga e realista das coisas vistas
Irmãos da Vida!
Aniquilados ao peso de pensamentos criminosos
E de desejos impossíveis
Que carregam nos corações transparentes
Sentimentos desordenados e variados de cobiça
E de avareza
Vinde e descerrai os meus lábios egoístas que contraídos
Retêm as palavras de perdão e de correção.
Arrancai o segredo da minha angústia desvairada
Pelos pecados sem pejo da minha carne
Irmãos todos santos e perfeitos
Que só têm gestos caridosos

E são médicos humanos dos espíritos perdidos
No horror das moléstias sem cura dos instintos doentes,
Irmãos! Que trazem a alma inquieta em camas
Dentro de um corpo destruído,
Vinde a mim nas minhas noites insones e profundas,
Que tenho o coração cheio de cousas para dizer
E tenho a alma repleta de amor e solidariedade.
Irmãos todos meus os que lutam
Nos ares, contaminados de aves destrutivas e metálicas
Nos mares avermelhados de sangue
E cobertos de corpos jovens,
E nas terras adiantadas de civilização
E democracia viva,
Vinde e arrebatái o meu corpo inútil de parasita
E libertai-o das peias que o arrastam
Para os grandes abismos
E as grandes misérias
Irmãos queridos de todos os Mundos!
De todas as raças e Latitudes
Vinde para mim! E falai-me de Paz
De uma Paz Universal;
E recolhei todos os meus ímpetos bons
E todas as minhas ações construtivas
E guardai-os, para uma soma maior
De um maior Empreendimento ...

Taça Vazia

Sozinha, caminhei na misteriosa e longa estrada
Dos perdidos, dos sem fim ...
Dentro de um silêncio invisível,
De um silêncio volumoso de todas as cousas mudas e inertes
Os meus pés de autômata sangravam cansados,
E o meu peito ardia em febre desvairada ...
E eu seguia ... dentro de um mundo todo meu,

Um mundo criado pelos meus pensamentos
E a minha sensibilidade egoísta,
Para a satisfação e saciedade de minhas ilusões ...
Os meus olhos de louca idealista
Queimavam na escuridão, vigilantes e apreensivos,
E eram dois pontos luminosos de um fogo vivo e consumido ...
E busquei desesperada, numa ânsia de vida só comparada

Aos que estão no seu supremo minuto,
A calma para todos os meus instantes,
Pois eu tinha incêndios dentro d'alma
E no meu cérebro em chamas,
Clarões e labaredas ofuscavam flamejantes.
Mas ... senti que dentro de minha inutilidade
A minha ânsia ridícula estava perdida
E anulada dentro de todas as outras ânsias
Inúteis, de todos os outros homens ...
E com passos leves de sonâmbula
Segui com uma desesperança maior
Gritando no íntimo côncavo de meu ser,
Pela visão lúcida e trágica
Do meu ciclo já quase fechado de vida ...
E quisera destruir todos os meus pensamentos
E todos os meus sentimentos
Para que de mim só restasse,
O contorno das minhas formas vivas,
E eu seria uma deusa destruidora de mim mesma ...
E procuraria sôfrega,
Encher o meu íntimo, já então desnudo e vazio,
De todos os sentimentos seculares
Como se eu fosse uma taça vazia
À qual pusesse transbordando
Do melhor vinho ...
E os meus pensamentos seriam então
A apoteose do melhor e mais perfeito sonho ...
E viveria sadicamente meus últimos instantes

E saborearia com a mais absurda volúpia
A impetuosidade dos meus derradeiros segundos ...

O outro extremo

O meu cérebro arde em ânsias de saber
Os meus sentidos se dilatam e se distendem
No sentido de apreender todos os destinos,
De buscar a origem de todos os erros
E a essência de todas as virtudes.
O meu espírito guia o meu corpo
Como lâmpada acesa num labirinto de incertezas
E absorve todos os meus ímpetos e todas as minhas vontades
Para um concerto festivo de ações construtoras
E recolhe minhas fraquezas e minhas renúncias
Para um total esquecimento da matéria
Poluída de misérias e de descrenças.
E assim dominada pelas camadas fortes e perfeitas do meu ser
Desconheço tudo o que é pequeno, tudo que é mesquinho
Tudo que é mau, tudo que é limitação, tudo que é imperfeito
Não carrego comigo, nem dúvidas, nem dores e nem revoltas,
E tudo que sai de mim não é estéril, nem incompleto.
E baixa sobre minhas formas a certeza
da conquista do mundo e da vida
Pelo extermínio das paixões,
Das angústias e dos sofrimentos que são as manifestações contrárias
Ao extremo esquecido da beleza da Vida.

Caminho do Infinito

Eu quisera ser ubíqua, para estar sob todos os céus
E sobre todos mares, que desconhecem, em si, limitações de
raças, de línguas e de convenções
Eu quisera ser perfeita. Estar sob todas as estrelas

E sobre todos os continentes
Para que meu ser tivesse a visão completa
E múltipla de todas as coisas
Eu quisera sim que o meu pensamento fosse universal
E no fundo do meu cérebro
Falasse e gritasse um cântico sobre-humano
Que como a linguagem dos Evangelhos
Fosse comum a todos os homens.
Desejaria ainda que meu espírito pairasse no Olimpo
Suspenso das misérias dos homens,
Para sentir em mim a certeza de um Deus
De um Deus eterno, de um Deus vitorioso
Trazendo para minhas ânsias
as razões da Vida e os motivos da Glória.
Mas, olhando duplamente sinto que minha matéria
Que sofre o limite do tempo e do espaço,
Destruí este sonho de perfeição e indissolubilidade,
E revolvendo as camadas duplas do meu ser
Sinto as minhas misérias, lado a lado,
Esperando a sua vez de lutar e de vitória,
E as minhas insatisfações cobrem as minhas formas incompletas
Como cabeleiras perfumadas e negras o dorso nu de amantes.
E na maior das inquietações o meu corpo ronda
Todos os seres vivos e todos os que o Tempo consumiu
Com o seu desejo aniquilante de sangue e de seiva.
Sentindo as angústias de sua força destruída,
Pelo elemento que é perecível e perdido em espaços exíguos
E quisera ser ubíqua, para minha maior vitória
O meu espírito guardaria então toda a vida de um universo
E o meu ser encerraria todos os mistérios, todas as forças,
Todas as certezas.
E eu quisera ser perfeita. Porque só assim as minhas formas
Rondariam todos os milênios
E alcançariam todas as distâncias
E eu não sofreria a tangência do tempo
E do espaço limitado de uma geração.
Eu conheceria enfim todas as verdades do mundo

E por conhecê-las todas viria a descobrir a Verdade suprema.

Sozinha não fiquei

Caminhava meu corpo sobre a areia rubra
De uma noite sem estrelas e sem perfídias
Com a mesma incerteza de itinerário

De um barco perdido no vazio da noite
Suportava o peso de um coração
Que conhecia todas as angústias
E todos os males humanos
E o desespero esmagava as minhas ânsias
Como o tumulto das tempestades o tronco denudo dos arbustos

E anonimamente seguia desligada dos homens
Sentindo as faces crestadas pelos ventos
que traziam no seu ventre o frio das regiões polares

Deixando que a chuva beijasse o meu corpo
com a volúpia das suas águas.

Faminto de perfeições e de desejos impossíveis
Caminhava na noite para o meu mundo abstrato,
Fugindo dos círculos inúteis dos homens e das coisas,
Em busca do inorgânico da matéria
Sem desejos e sem maldade.
Mas os clamores humanos se estendiam até os meus ouvidos
Numa orquestração em fim.
E as vozes sem corpos cobriam todos os meus sentidos
Como a epiderme todo o corpo.
E sente a inutilidade dos meus desejos,
O impossível de encontrar solidão para meus minutos,
Que se multiplicavam como insetos daninhos,

Porque no meu sangue estava o gérmen de todos os sangues,
E os meus poros sentiam a afinidade de outros poros irmãos

As minhas vozes não eram simples interrogações lançadas no vácuo
Mas sim respostas a outras vozes
E no ritmo dos seus passos apressados
Sentia o pulsar de todos os corações
E não fiquei só na noite úmida e infinita.
A lembrança do sofrimento dos homens me acompanhou
Como o remorso monstruoso na consciência de um criminoso
de mil mortes,
E voltei misturando-me entre os homens
E com eles reparti a minha angústia
E com eles despertei o meu tédio
E com eles distribuí as minhas alegrias.

Rapsódia dos ventos ululantes

Parei de olhar os ventos invisíveis
A que minha imaginação emprestava formas
Porque de brandos se tornaram tempestuosos.
E nos seus assomos de loucura
Arrancavam os membros imóveis das arvores,
Assassinavam as flores que festejavam núpcias alegres
E destruíam a quietude das montanhas compactas
Os seus abraços sem temores e com volúpias
Prendiam as cabeleiras verdes e longas das sereias noturnas
Que cantavam à espera dos amantes humanos
Nas últimas horas cheias de sombra e de mistérios.
As suas mãos enormes e irreais de monstro irrevelado,
Estrangulavam as copas negras, desmaiando em cinzas,
Dos casebres, e levantavam poeiras que cegavam
Os olhos nus e virgens dos párias
Dos farrapos da Vida.
Parei de fitar os ventos que de amantes cariciosos
Se tornaram perversos algozes
Os ventos que em carícias sádicas esqueciam as nuvens coradas
de sol.

Despindo impacientes as vestes finíssimas da Terra
Numa inconstância peregrina,

Para doídamente devorarem em ânsias desmedidas
As carnes nuas e douradas da nova Amorosa.
E odiei os ventos que de bons se tornaram pérfidos
Que de mansos se fizeram arrogantes
Que de férteis se tornaram estéreis.
Odiei-os, pelos seus ímpetos aniquilantes,
Pelas suas destruições que se multiplicavam
À sua passagem rápida, como um pensamento sem dor.
Desprezei-os pelo seu absurdo egoísmo,
Pois queriam só para si,
Todas as coisas virgens e moças
Aconchegando-as no seu peito largo e liso,
Para a grande saciedade nas suas longas noites nupciais.
Estes ventos que me cobriam o corpo todo
De beijos selvagens, com seu hálito de fogo e de gelo,
Estes ventos que com suas carícias lúbricas
Desmanchavam os meus cabelos longos
Como fios de nuvens perdidas.
E eu quis destruir estes ventos ululantes
Que quitavam assustadoramente os seus cânticos bárbaros.
Como velhas canções guerreiras,
Que me arrancavam os pensamentos,
Deixando-me abandonada e esquecida de mim mesma,
E que arrebatavam meus desejos deixando-me desacompanhada
dos sentidos

Deixando-me sem vida.
Parei de fitar os ventos porque eles me lembravam a Morte
O Mistério e a Eternidade
Porque se tornaram assassinos, recolhendo vítimas em todos
os caminhos
E cobriam agora a noite de lágrimas frias e inúteis
Estes mesmos ventos que outrora escorregavam em todos os poros

Fecundando-os de vida,
Estes mesmos ventos que deslizavam pelo vácuo absurdo

Como dedos molhados de perfumes em cabeleiras macias,
Enchendo-o de sons leves e cantantes, nas tardes nevoentas.

Sim, e eu deixei de Amar os ventos
Porque eles espalhavam agora na claridade dos espaços
As suas vozes agourentas, numa linguagem infecunda e destruidora.

Humanidade

Sentir-me humana... Sentir-me forte...
Sentir-me irmã...
À medida que destinos cruzem o meu destino
À medida que vidas parem na minha vida...
Sentir-me companheira... Sentir-me boa...
Sentir-me amiga...
À medida que bocas gritem pelo pão
que braços pendam inúteis
que pés estanquem no meio dos caminhos...
Sentir-me triste... Sentir-me infeliz...
Sentir-me revoltada...
À medida que frutos sejam devolvidos de ventres famintos
que cérebros recém-nascidos fiquem eternamente fechados à luz
Que homens a outros homens matem
Sentir-me esperançosa... Sentir-me feliz... Sentir-me alegre...
Quando vozes esclarecidas se elevem dominantes
Quando sentimentos de amor anulem todos os ódios
Quando classes e castas rapidamente abolidas
Como nuvens sujas e largas do horizonte afastadas
Sentir-me camarada... Sentir-me amante... Sentir-me noiva...
quando homens cansados e exaustos lutando na intranqüilidade
Pelos órfãos... pelas viúvas... pelos párias ...
Buscarem na Vida um ombro amigo

quando mulheres silenciosas como pedras agrestes no deserto
Carreguem no corpo manchado o triste materialismo polêmico
de homens maus...
Ainda com os lábios puros de beijos inocentes que nunca
foram dados
Quando gerações cansadas ainda se volvam para a vida
Numa última e misteriosa renovação
Sentir-me perto... Sentir-me igual...
Sentir-me total...
Num desdobramento de idéias, de corpo, de coração.
A se perderem nos homens, na vida, nas distâncias, no mundo...
No gesto mais largo
No abraço mais duplo
No amplexo mais forte
Da humanidade toda...

São outros os homens de agora

Diminui agora o clamor dos soluços angustiosos
Dos que sofrem...
Diminuem agora os gritos de dor
Pelo mundo esparsos...
Diminuem agora os passos titubeantes, irresolutos
Dos sem abrigo.
Novas compreensões... Novas lutas...
Acabam-se pela distância as vozes lamentosas, exaustas,
Dos homens cansados
Dos homens tristes...
Acabam-se no passado...
Os sofrimentos agrestes, estertorantes,
Dos homens nascidos sós
Acabam-se no longínquo,
As ações más, infecundas, parasitárias,
Abafadas, sufocadas,
Como safras que se perderam pelas longas tormentas.

Novas doutrinas. Novos Idealismos.
Extinguem-se agora os pensamentos estéreis
Parados, trevosos
Como charcos noturnos...
Extinguem-se agora as intenções menos puras e menos belas.
Largadas, esquecidas
Sem irmãs...
Extinguem-se agora os desejos vãos
E infecundos,
Sozinhos, sem vida
Sem época ...
Novas concepções ... Novas ações ...
Apagam-se os exemplos mórbidos, doentios
De existências acontecidas.
Apagam-se os gestos inúteis, as palavras inúteis
De inúteis idealismos.
Apagam-se todos os ódios
Despojados de essência e forma ...
Novas vidas ... Novas gerações ...
São outros os homens de agora ...
Eles vêem ...
Eles ouvem ...
Eles trabalham ...
Eles amam ...
Sem medos, sem pavores –
Sem lágrimas, sem desesperos ...
Não mais erros não mais dúvidas
Não mais incompreensão
Nos humanos corações.

O Poema das mãos esquecidas

Procurei minhas mãos
O fardo tão pesado,
Impossível

Anulou-as.
Desesperadas, não tristes;
Aflitas, não calmas;
Esquecidas, não rudes;

Minhas mãos inúteis.
E o medo
E o pavor
Na paralisação dos atos?!!
Quantas, quantas mãos sadias!
E no meio do caminho
O fardo!
Quantas, quantas mãos vazias
E depois do fardo
A clareira!
Procurei minhas mãos!
Ausentes, abandonadas
Na morte dos gestos!
Calar? Como calar?
E o fardo no meio do caminho ...
Esquecer? Como esquecer?
E a clareira depois do Fardo?
Quantas, quantas mãos fortes meus amigos
E nas minhas mãos inúteis.

O milagre da vida

Muitas flores estão nascendo, irrompendo das pedras
Muitos cactos estão morrendo em areias férteis
Muitos brotos estão surgindo de troncos ocos
Muitos pensamentos velhos estão murchando em cérebros vivos...
É a Vida Nova ascendendo
De escombros,
De ruínas,
Aos ares!
Muitos sonhos estão vivos

Muitas forças secretas
Muitos ideais emergindo
Da sombra para a luz
Como aquele clarão no Horizonte
Quando em madrugadas puras
É a Vida Nova subindo
E crescendo, crescendo
Misteriosa.
Do lodo às estrelas.

Não há bastante ternura

Toda ternura do mundo é pouca
Para estas crianças que enfrentam a vida como homens.

Estes risos frustrados
São mais desespero que alegria!
Estes gestos partidos
Esparsos
Nasceram do cansaço!
Estas palavras pesadas
Sanas
Não têm infância!
Oh, estas fronteiras
Em que a adolescência começa
Estão sulcadas de rugas.
Toda ternura do mundo é pouca
Para estas crianças que se arrojaram na vida como homens.
Este sangue novo
Jovem, na terra árida
Não é estéril nem infecundo
Nenhuma morte sob o jorrar
Deste sangue
No brilho destes olhos
Não há medo, nem terror

Cuidado, vós que tendes os olhos fechados
Para o fulgor deste brilho
Nestes gritos saídos ao alvorecer
Não há perdão, nem carinho
Cuidado, vós que tendes os ouvidos esquecidos
Para estas vozes
Toda ternura do mundo ainda é pouca
Para estas crianças que sofrem na vida como homens.

Olhos profanos

Ah! A dor de ter olhos fechados para os lírios
que nascem sozinhos
no Vale
A tristeza de ter pupilas cegas para a luz que cresce
mansa, serena
sobre lagos.

Dor de ver
Coisas envelhecidas,
Crianças sem infância,
Corações sem pureza,
Mulheres sozinhas,
Homens sem amor.

Oh! A dor absurda de olhar a morte
Em todos os ritmos
O cansaço em fronteiras jovens
O desespero em olhos adolescentes
O ódio em seres irmãos.
Ah! A tristeza imensa de não ter olhos puros
Para tudo que nasce.

Incompreensivo

Não sentes o meu corpo que vem de longe sem calma e sem sossego
aberto às amarguras todas
Submerso em pensamentos intranquilos e descrentes.
Não sentes o meu corpo, cujo equilíbrio é doloroso como a
agonia de morte
Equilíbrio que nasceu das lutas e choques de desejos batidos
e gastos.
Este corpo suarento pelas buscas estéreis nos penhascos agres-
tes da Vida
este corpo contaminado pelo lodo dos caminhos sem retas
Não. Não sentes que a minha boca é esquecida
como estrela afogada
nem que minhas mãos estão paradas na ausência dos teus
gestos sem ternura
e sem compreensão
E que os meus sentidos mal despertos para o exterior
Vão sucumbindo sem a luz dos teus sentidos vivos.
Não sentes que os meus instintos incertos como penumbras
que precedem auroras
Precisam mergulhar no teu ser como sementes sãs que calcadas
na terra
acordam para a multiplicação
dentro do espaço e do tempo.

Pensamentos

Pensei nas crianças que nascem na Invernia
Como tenros brotos lançados na tempestade
Sem abrigo
E me fiz pura.
Pensei nos poetas pálidos, de peito carcomido
Perambulando febris nas ruas, nas horas tristes

Sôfregos de liberdade
E me fiz forte.
Pensei nas mulheres que amaram, que pecaram
Que conceberam e que se redimiram
Como semeadoras por longos caminhos
E me fiz boa.

Pensei nos cegos de espírito, nos alucinados
Nos doentes de corpo, nos vagabundos e nos perdidos
Como frutos que não vingaram
E me fiz útil.
Pensei nos velhos, débeis, paralíticos, nos homens cansados,
sem teto, sem pão, sem amigo,
como luzes se apagando na noite
E me fiz mansa.

Pensei nos homens que lutaram, que sofreram,
que morreram intranqüilos e inquietos pelo Mundo
como troncos novos decepados e tombados pelo chão
E escrevi um poema.

A lâmpada apagada

Se porventura me virem
De olhos cerrados
de boca trancada,
de lábios fechados,
Se porventura me virem
de mãos paradas,
de corpo esquecido,
de membros imóveis,
e sentidos mudos,
Se porventura me virem
Sem forças nos músculos,
Sem firmeza nos nervos,

Sem potência no cérebro,
Distante. Parada. Estática,
Sem pensamentos, sem desejos, sem pecados
assim como rosa arrancada e logo desfolhada,
Se porventura me virem
de ouvidos surdos,
e pupilas cegas
Os sentidos todos ausentes ainda mesmo sem velhice
Assim como raiz nova, enxotada da terra,
nua e morta,
Se porventura me virem
Cansada. Extenuada. Exaurida,
Como o corpo cansado embora sem vício,
Não me lamentem
Nem gritem.
Apenas me perdi de mim mesma,
Somente me apaguei
E por instantes me esqueci
e silencieei ...

Este livro foi impresso em abril de 2003.
Paginado eletronicamente na Editus - Editora da UESC, utilizando a
tipologia ITC Officina Sans Book 11 /13,2, no formato 14 x 21,
papel polén soft 80g e capa em supremo 240g. Tiragem: 600 exemplares.

Nasci aqui, Ilhéus ou (acolá)? Cidade banhada de paz (sim, a paz dos canhões e de instrumentos da guerra), mas inteiramente marcada pelas crises sociais altamente explosivas na falação dos duendes noturnos, em esquinas e casas.

Minha pele sofreu, meu coração sofreu, meus olhos também, todo o meu corpo sofreu a cidade insensível qual cogumelo crescendo em cada rua que nascia, nova, mas já marcada de duendes, minha infância espiando sua beleza com amor.

Elvira Foepfel

